



QUANDO O MAL TEM UM NOME

GLAUKEMP

Faça uma oração antes de

dormir e deixe a luz acesa





Contents

[Capa](#)

[Título](#)

[Agentes](#)

[Sinopse](#)

[Dedicatória](#)

[Nota da autora](#)

[Parte I - O Ritual](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Parte II - Anticristo](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

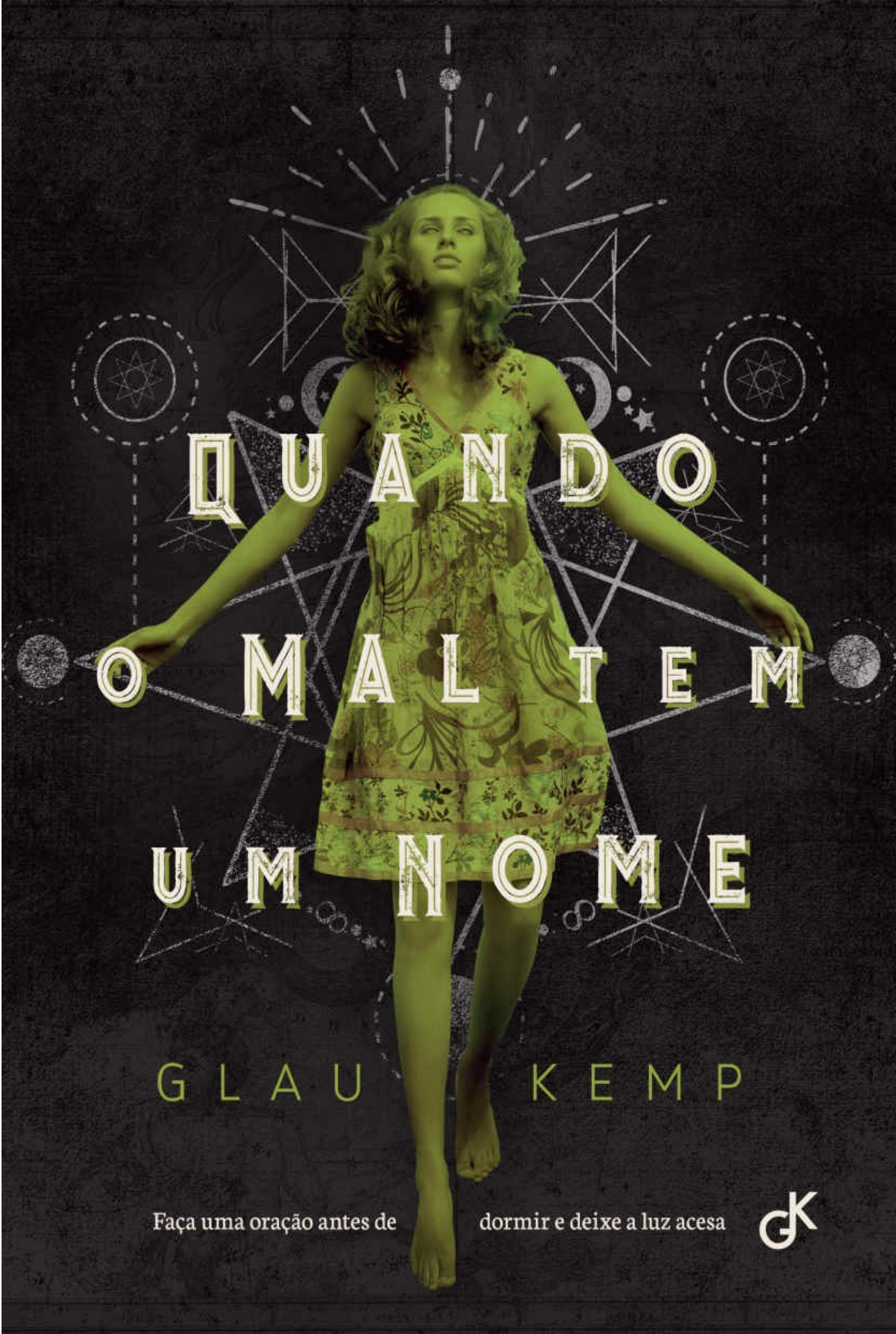
[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Epílogo](#)

[Nota do fim](#)



QUANDO O MAL TEM UM NOME

GLAUCO KEMP

Faça uma oração antes de

dormir e deixe a luz acesa



Quando o mal tem um nome

Glau Kemp

“Faça uma oração antes de dormir e deixe a luz acesa”

Increasy Consultoria Literária

2017

Agentes responsáveis

Alba Milena

Grazi Reis

contato@increasy.com.br

www.increasy.com.br

SINOPSE

“Sinto medo. O tipo de medo que persegue até a presença de outras pessoas. Segue até a luz e entra nas cobertas. Não está debaixo da cama ou dentro armário. Está em minha pele e tem um nome. Não pergunte. Não descubra. Nunca saiba o nome do seu medo, ou irá chamá-lo... Seus lábios podem estar selados, mas sua mente repetirá: Donavan... Donavan... Donavan.”

Na Aparecida dos anos 70, uma cidade erguida no centro de um milagre, conhecemos a história de Marta e sua filha Clara. De sua terra cultivada por fé a malignidade cresce no coração de uma mãe devota. As orações que a padroeira não atende são feitas agora para eles: anjos caídos. Ela não deveria saber o nome do demônio que atendeu sua prece, e a abominação despertada é tão grande que todos vão pagar pelo seu pecado. O mal só precisava que alguém o chamasse pelo nome e agora está entre nós.

"Faça uma oração antes de dormir e deixe a luz acesa. Se vir a fé em seus olhos, talvez vá embora. Mas ele virá"

- Por que um demônio iria querer vir até à casa de Deus, minha jovem?
- Por que o senhor iria até a casa do demônio, padre?
- Para levar a luz até ele.
- O demônio também tem seus planos.

Dedicatória

Dedico este livro para todos os leitores que tem coragem de mergulhar no escuro ao meu lado. Vocês são toda a luz que eu preciso para escrever sobre o mal e ainda conservar o bem dentro de mim.

Nota da autora

A história que é retratada aqui pode não ser uma simples ficção. Seus horrores foram reais para pessoas reais. As maiores histórias de terror são sucessões de acontecimentos absurdos na vida de pessoas que até então não cogitavam tais coisas serem possíveis.

É nisso que eu acredito.

Quando comecei a escrever este conto ele era tão raso como um prato de sobremesa. Seus personagens eram estranhos ficcionais, como outros tantos que escrevi. Os outros tantos ganharam vida de alguma forma. Em “Quando o mal tem um nome”, o mérito da vida não pertence a mim, ao meu suposto talento ou a superestimada inspiração. Esses personagens estão vivos porque foram aprisionados nessas letras e jazem aqui entre sílabas.

Durante uma noite Donavan e Clara estiveram ao meu lado escrevendo comigo, ditando as palavras certas. Como eu sei? Pela primeira vez desde a infância, quando li o exorcista, senti medo. O tipo de medo que te persegue até na presença de outras pessoas. Te segue até na luz e entra debaixo das cobertas com você. Ele não está debaixo da cama ou dentro armário. Ele está aderido a sua pele e tem um nome. Nunca cometa esse erro! Nunca saiba o nome de seu medo, porque ao saber seu nome, irá chamá-lo. Seus lábios podem não dizer, mas sua mente irá pensar. O nome do medo esta noite para mim foi Donavan.

Donavan. Donavan.

Ao iniciar esta história o nome não era esse. Sua fisionomia era diferente, sua personalidade e seus atos eram outros. Nunca trabalhei desta forma, apagando tantas vezes e modificando tantos pontos de um só personagem. Algo me dizia que estava errado, e tudo foi sendo modificado freneticamente, até que pela primeira vez disse o nome Donavan. Reparem que eu disse, não pensei e escrevi, eu disse, o som saiu sofrido e gutural. Neste instante ele era real, eu via seu rosto e sentia seu cheiro, e em uma hora ele deixou de ser um estranho ficcional, para ser Donavan uma criatura real que eu conhecia, ou pensava conhecer. No meio da escrita fui surpreendida por meu marido, ele não viria para casa aquele dia. Mas veio, fazendo-me uma surpresa. Fechei o computador e não pretendia escrever mais naquela noite. Durante o jantar após cinco minutos de silêncio, meu esposo estava mudando de canal e disse uma única palavra. Essa é a transcrição da conversa.

— Donavan.

Ele falou baixo. Mas o som em perfeita compreensão, olhando para a televisão não pareceu notar que dissera alguma coisa. Meu marido chegou de viagem aquele dia, um dia antes do previsto, poucas horas atrás eu tinha iniciado a escrita desse material. Sem conhecimento, pois eu não havia comentado nada com ele e o computador estava desligado. Ele falou esse nome, um nome incomum para nós.

— Por que você disse esse nome? — Perguntei de imediato

— Que nome?

— Esse nome, por que falou Donavan?

— Falei? — Ele pensou um pouco sem compromisso. — É falei. Sei lá. — E começou a rir. — Que cara é essa? — perguntou.

— Esse é o nome do demônio — respondi a ele.

— Tá amarrado! — E continuou rindo.

Olhei para o notebook e ele permanecia fechado, o relógio dizia que não fazia uma hora que meu marido estava em casa. Não era uma brincadeira dele. Não tinha como ele saber de todas essas coisas, pois eu mesma não sabia. Essa foi a primeira vez que eu pensei que Donavan não era um demônio que eu havia criado. Ele era real e queria algo de mim. Meu marido dormiu sem compartilhar de meus temores eu permaneci acordada naquela madrugada, transcrevendo a história deles. O mal existe, quer acreditemos ou não, mas se você acreditar ele ganha força. Pode ganhar forma.

E, se você tiver muito azar, ele pode ganhar um nome.

Donavan.

Segue a história que Clara e Donavan quiseram que eu contasse a vocês. Espero que ninguém se sinta aterrorizado como fiquei. Para mim foi real. Não deixe que para você também seja.

Parte I - O Ritual

*E a fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre; e não têm repouso
nem de dia nem de noite os que adoram a besta e a sua imagem, e aquele que
receber o sinal do seu nome.*

Apocalipse 14:11

Capítulo 1

A casa simples na rua de chão batido em Aparecida abrigava um casal e seus dois filhos. O filho mais velho, Roberto de cinco anos, pulou a cerca baixa de madeira só para ver o irmão caçula chorar, enfiando, pelas frestas, mãozinhas gorduchas de três anos de idade, tentando alcançá-lo. Marta, a mãe tardia de quarenta e dois anos como cochichavam as vizinhas, olhou para a barriga de seis meses de gestação. Involuntariamente cruzou os dedos enquanto rogava à padroeira da cidade para abençoar sua casa com uma filha. Uma bela menina para lhe fazer companhia. Elas iriam se sentar na frente da casa, bordando e ignorando os gritos e brigas dos garotos. No beiral da janela da frente o radinho vermelho de pilha tocava as mesmas músicas do ano anterior e 1971 começava quente e devagar, exatamente como os outros. Era sua última chance, não tinha mais saúde e idade para tentar uma quarta vez. Marta acariciou a fita rosa envolta do pulso. A promessa a Nossa Senhora Aparecida era coisa séria. Se seu sonho se realizasse, subiria até a igreja matriz em todos os aniversários da menina até os quinze anos de idade. Lá acenderia uma vela do tamanho da filha em agradecimento.

Sua fé dizia que a santa atenderia o pedido, mas a fita intacta a incomodava. Afinal por que ela ainda estava ali? Deveria ter caído indicando o consentimento e realização do pedido. Os comentários da vizinhança depois da missa não ajudavam.

“Barriga pontuda é menino, todo mundo sabe”;

“Umbigo pra fora também”;

“Se a fita não caiu é porque a santa não atendeu. Você deveria ter prometido ir de joelhos.”;

“É verdade. De joelhos ela sempre atende, Marta.”

E foi com raiva dessas pessoas que Marta procurou o padre para se confessar. Ele a recebeu no meio da tarde, feliz pelo bolo de milho que levou. A receita adoçava a boca do homem na hora de aconselhar e tirava o cheiro de mofo daquele canto da igreja.

— Como vai a barriga? — o padre perguntou, indicando uma cadeira.

— Não muito bem, padre Jonas. — Marta beijou sua mão antes de aceitar o assento. Ele cheirou a vasilha do bolo com alegria. Fazia anos que se confessava assim, com o pretexto de levar uma receita nova, sempre em uma vasilha bem coberta com pano bordado. Marta preferia o gabinete rodeado de estantes de livros e a mesa de mogno brilhante entre os dois. Considerava

seus pecados modestos demais para serem separados pela grade do confessionário, uma pequena cabine fixa em uma lateral da igreja do lado oposto ao órgão secular, tocado energicamente nos ensaios do coral. O confessionário era muito fechado, um pouco escuro e não podia ver direito o rosto expressivo do padre. Simplesmente tinha medo da cabine de madeira e a sensação claustrofóbica dentro dela. E se o padre não prestasse atenção em sua confissão? Gostava de ver nos olhos dele que estava perdoada. — Sabe que desejo ter uma menina mais que tudo nessa vida, padre. Roguei a Nossa Senhora... — Marta alisou a fita rosa no pulso com impaciência.

— Mas acha que ela não abençoou? — O padre estava na casa dos quarenta anos e apresentava o vigor da idade, coisa rara nas igrejas das redondezas. — Não se aborreça, Marta. Isso não faz bem para o neném. Mantenha sua fé inabalada, ter um neném na sua idade é uma bênção. Já tem dois meninos agraciados com saúde. Apenas aceite a vontade de Deus.

— Prometi a Nossa Senhora que iria batizar minha menina na igreja matriz.

— Nossa Senhora opera milagres. E é uma bênção viver nessa cidade tão perto de sua imagem. Se for da vontade Deus ela vai interceder por você. Tenha fé.

— Minha barriga está pontuda igual a dos meninos.

— Se sua fé for maior nas crendices populares do que em Deus e Nossa Senhora Aparecida não vejo porque eles atenderiam suas orações. — Padre Jonas sorriu levantando a sobrancelha, um gesto incômodo aos olhos de alguns senhores que mudaram de paróquia por conta disso, alegando que Jonas era muito galanteador para ser padre. — É na adversidade que a fé se mostra mais difícil, porém mais eficaz para curar a alma. Milagres são realizados a partir da dor e do sofrimento do espírito, mas ele surge na semente da fé. Você tem que ser a primeira pessoa a acreditar no seu milagre.

— Agradecida, Padre.

Marta se despediu e a conversa tirou o peso estranho do estômago, contudo em seu lugar ficou um vazio. As palavras sempre curativas do homem não surtiram o efeito de sempre. É bem verdade que a vontade de estrangular duas de suas vizinhas passou, a sensação de vazio levou também o peso da vida carregada no ventre e tudo ficou letárgico durante o resto da tarde.

Quando o marido chegou jogando o jornal em cima da mesa da cozinha e reclamando das mesmas coisas de sempre, as folhas se abriram chamando a

atenção de Marta para uma matéria em especial. Enquanto João enumerava os clientes sem educação do mercadinho ou a falta de tino para o negócio do dono e tio rico, sentou-se para ler.

“É inaugurada a primeira clínica de ultrassonografia em São Paulo”

Tudo que o marido falava era filtrado pelos anos de convivência e respondido de acordo com a necessidade sem ter dado efetiva atenção. Marta leu a notícia e, a cada letra, o vazio dentro dela encheu-se com uma esperança desesperada. Havia uma maneira de acabar com sua incerteza, um exame prometia revelar o sexo da criança ainda dentro da barriga da mãe. Em Aparecida não tinha médico com acesso a essa tecnologia muito cara, mas em São Paulo sim. Nesse momento, João mudou de assunto comunicando à mulher que viajaria em dois dias para a capital. Marta ficou de pé instantaneamente. Oscilando em cima dos tamancos de madeira, refletindo a imagem do estranho esgar do rosto nas tampas areadas das painéis.

— Eu vou com você! — gritou descontrolada, e até João, um homem desatento, notou a ansiedade em seus olhos e não hesitou em negar em igual proporção.

— Está louca, mulher! Com essa barriga grande viajar pra longe. — A cozinha ficou pequena para o confronto: Ele não admitia tamanha afronta após um dia de trabalho e ela fazia qualquer coisa para ter seu desejo satisfeito. Somente o borbulhar do feijão no fogo preencheu o ar enquanto cada um respirou fundo para encarar, o que ambos sabiam, seria uma grande discussão.

— Não é longe, e você vai com o carro do meu tio. — Jogou o avental na cadeira expondo a barriga à frente do corpo, uma arma apontando para o marido.

— E o gasto? Nisso você não pensa, Marta. — João esfregou o rosto, mirando a barriga dela com desconforto. — É muito dinheiro. — Ficou mais irritado do que o normal pelo barulho da tampa da panela, tilintando até impregnar seu cérebro e impedir um pensamento bem articulado. Estava perdendo.

— Quero ir para economizar, em São Paulo coisas de criança são baratas, posso comprar os tecidos e tudo que falta do enxoval. — Desligou o fogão e jogou a concha dentro da pia, respingando feijão no mármore branco, imaculando sua limpeza e roubando a última gota de paciência. — Você está

cansado de saber! Aqui não tem nada...

— Já disse que não!

— João... Nunca te peço nada. — Marta dobrou o jornal, encarando o marido. — Quero ir pra São Paulo. Os meninos ficam com sua madrasta, são dois dias só. E ela sempre reclama de não participar de nada. Não me deixe passar essa vontade na minha gravidez.

— Não gosto dessa mulher.

— Ela é a única avó que os meninos vão ter nessa vida. Pode ter sido uma mãe ruim pra você, mas os meninos gostam dela.

Marta convenceu o marido e passou a noite em claro, agradecendo aos pés da imagem da Santa a oportunidade de ter tranquilidade nos últimos meses de gestação. No dia seguinte ludibriou o tio e o marido na hora do almoço e ligou para clínica usando o telefone do mercadinho. Enquanto eles discutiam sobre a grande notícia do primeiro caderno da folha de São Paulo, Marta usava o telefone.

Um pequeno grupo conversava sobre o incrível resgate de uma jovem que passou onze dias desaparecida na selva amazônica, após sobreviver a queda de um avião. Marta aproveitou a distração na frente do comércio para fazer a ligação, o preço do exame assustou, era o dobro do valor reservado para o enxoval do novo bebê. Um dinheiro que a família não dispunha. A desonestidade não fazia parte da vida de Marta e durante seus quarenta e dois anos de idade nunca roubou nada de ninguém, e, agora cogitava tirar da pessoa que mais a ajudava. O tio sentiria falta do dinheiro e provavelmente iria descobrir, mas até lá ela já teria a resposta, e tudo estaria resolvido se a criança dentro dela fosse uma menina. A casa comum na rua de terra batida seria preenchida com um tipo de alegria inocente e amável que só uma menina seria capaz de dar.

Capítulo 2

— Tenha cuidado com esse dinheiro, vou te encontrar aqui às três e meia.
— João se foi e Marta selou a despedida com um beijo seco no rosto dele. Pegou um táxi até a clínica e no caminho foi ensaiando como contar sobre o dinheiro supostamente roubado, estaria feliz com a certeza do sexo do bebê, mas teria de ser convincente ao disfarçar. O prédio da clínica ostentava o luxo de seu interior com uma bela fachada de vidro e pedra. Foi muito bem recebida no estabelecimento e quase não esperou para ser atendida. O alto preço do exame dava direito a uma recepção digna de realeza. O médico falou das vantagens e da segurança para o parto, porém Marta foi incisiva, só queria saber se era uma menina.

— Depende da posição do bebê, senhora... — As desculpas eram muitas e o homem hesitou em afirmar.

— Por favor, vamos logo. Tenho que ir embora, Aparecida é longe e na minha condição... — Marta interrompeu e conseguiu fazer o médico realizar o exame e pular a longa consulta precedente. Empolgado, ele mostrou em uma pequena tela o contorno do rosto da criança, chamou a atenção para a posição das mãos, em oração. Marta tomou aquilo como sinal de bênção, até ouvir o médico dizer as terríveis palavras: *é um menino*.

Era um menino... Escondeu a barriga e afastou a mão do doutor. Revoltada.

— Isso é mentira! — gritou. — Veja de novo!

— A senhora tem que se acalmar. — O médico segurou os braços dela, impedindo que Marta quebrasse o aparelho. Uma enfermeira entrou na sala e acabou recebendo um chute.

— Me solte! Eu quero uma menina! Meu bebê vai ser uma menina.

— Pare com isso! — o médico gritou e a sacudiu. — Pare ou vou chamar a polícia!

— Doutor quer um calmante? — a enfermeira perguntou em tom nervoso, tentando ajudar a conter a paciente histérica.

Marta quebrou algumas coisas no consultório e por pouco a polícia não foi chamada. Saiu transtornada, vagou pelas ruas mecanicamente e ao passar sobre uma passarela cogitou pular. Por que Nossa Senhora negava seu pedido? Sua vida era dedicada a ela, as orações e a família. Em um banco de praça sentou imóvel, pensando no que tinha feito de errado para merecer tal castigo. Em uma cidade grande as únicas pessoas que reparam em coisas

assim geralmente estão mais desesperadas que você. Uma mulher sentou ao seu lado, era do tipo que não se via em Aparecida. O vestido rodado e colorido combinava com o arranjo na cabeça e a autonomia em sua voz distinguia a mulher das demais mesmo se a aparência não o fizesse. A cigana, Marta descobrira depois, ofereceu palavras ao vento, até que acertassem o alvo, e o olhar de Marta encontrasse o dela. Ao falar da criança, deu-lhe ouvidos.

— Não quero esse bebê — Marta sussurrou com tristeza.

— A barriga é grande, mas tem lugares em que pode se livrar dela, pagando o preço certo.

— Quero o bebê, mas só se for uma menina, e não é. Nossa Senhora não me abençoou.

— Me dê sua mão — a cigana pediu, esticando a mão cheia de pulseiras e unhas vermelhas e compridas.

— Não gosto de bruxaria, vá embora.

— Mas gosta de promessas? Feitiços de troca. — A cigana apontou para a fitinha de Nossa Senhora Aparecida que Marta usava. — Se oferecer a coisa certa uma magista pode te dar uma garotinha. Uma troca é claro.

Marta fez o sinal da cruz, ato enraizado nos músculos, no meio do caminho à raiva chegou a consciência. — Nunca acendi vela pro diabo e não vou começar agora, sua maldita. — Levantou-se bruscamente, e a cigana segurou seu braço, perfurando a pele com as várias pulseiras.

— Pra esse neném se chamar Clara, vai ter que fazer mais do que acender vela. E eu não disse que era pro diabo. Um demônio não vai resolver seu problema, você precisa de um mago capaz de invocar vários. — A mulher deixou um cartão na mão dela e se foi. A grávida apertou a barriga, assustada, porém emocionada. Mencionar o nome do bebê antes do nascimento atraía mau agouro e nunca comentou com ninguém que se fosse menina seria batizada de Maria Clara. Nem João sabia da escolha.

Confiante, a mulher lhe deu as costas e abordou um homem de terno, ele caminhava depressa e se mostrou impaciente com a aproximação, mas, como ocorreu com Marta, os sussurros da cigana atingiram um ponto crucial na vida dele. Com a mão no ombro do executivo, eles caminharam para longe, e Marta ficou sozinha com o cartão na mão. No papel amarelado só um número de telefone escrito com números mal desenhados, uma caligrafia de quem não tinha o hábito de escrever. Como professora, com vinte anos de experiência, reconheceu o esforço e a pressão exercida na caneta. Uma escrita

típica de um adulto sendo alfabetizado. De certa forma aquilo deu mais valor ao contato, por ter dificuldade em escrevê-lo, tornava-o especial.

Andar pela cidade de São Paulo sempre a assustou, perder-se entre os arranha-céus e acabar dependendo da ajuda de vendedores ambulantes para encontrar o caminho certo. Dessa vez a sensação fora mais profunda, porque dentro dela tudo estava perdido. Pegar o caminho errado ao retornar ao ponto de encontro com João parecia um problema diminuto diante de tamanha tragédia. Viveria sozinha naquela casa, nem boa nem ruim, só uma casa em Aparecida. Uma casa solitária. Masculina. Os filhos casariam com mulheres vulgares que dariam crias igualmente sem valor ou isentas de qualquer distinção. Nunca teria uma companheira, uma criança para ensinar os pontos mais difíceis da costura e um dia se maravilhar quando a filha a superasse nas coisas ensinadas. Seu orgulho.

As fichas caíram no chão, e completar a ligação demorou tempo suficiente para desistir. Uma mulher atendeu com voz mansa do outro lado e Marta gaguejou ao explicar onde tinha conseguido o número.

— Uma cigana me deu esse número na Praça da Sé. Eu... Eu quero uma menina. Quero que meu bebê seja uma menina.

— Traga a urina do pai, ele não pode beber nesse dia. Vou fazer o trabalho e você vai beber três goles antes de se deitar com ele e vai embarrigar de menina.

— Já estou grávida de seis meses, o médico disse que é um menino.

— Isso não é um ritual para ser falado pelo telefone. — A voz mudou, ficou calma e menos carregada, perdendo o sotaque instantaneamente. — Venha até mim, quero ver a barriga.

Marta não chegou a anotar o endereço completo, João a encontrou, já passava quarenta minutos do horário combinado e ela estava longe do local marcado. Eles só se esbarraram porque o marido procurava um telefone público para ligar para a loja do tio dela. Com o susto, a grávida desligou o telefone e a partir dali tornou-se fácil mentir. Abraçou João, munida de lágrimas desesperadas e verdadeiras. A história completamente falsa continha emoção legítima e ninguém duvidaria de uma senhora gestante desolada por ter o dinheiro de seu bebê roubado. Regada em lágrimas, a viagem de volta foi temperada pela indignação de João, domada pela ameaça de Marta, toda vez que ele exaltava a voz interrompia chorosa:

Quer me fazer perder esse bebê? Vai ficar viúvo com dois meninos pra

criar.

Em casa, de frente para a imagem da santa, as orações se repetiram durante horas. Os joelhos incharam e o pranto molhou o terço nas mãos. Por que a santa recusou sua fé? Marta clamou por perdão, implorou por um chamado e discernimento. Chegando o amanhecer, a semente plantada pela cartomante deu um fruto. Marta teve sua fé renovada, desta vez no obscuro.

Capítulo 3

O endereço incompleto dificultou achar o lugar. Se não fosse a força atrativa que impulsionava seu corpo até aquela cidadezinha entre Aparecida e a grande São Paulo, longe o bastante para afastar conhecidos e perto o suficiente para conseguir chegar sozinha, teria acreditado em sorte ou coincidência, mas a carne cobrindo seus ossos sabia o caminho, feito um animal adulto voltando para o local onde nasceu. Chegou em uma rua comum, onde ninguém sabia dizer nada a respeito de uma curandeira. Passou por um senhor varrendo a calçada e parou para se informar.

— Moço. Por favor, sabe me dizer onde nessa rua mora uma curandeira?
— perguntou baixinho, olhando para os lados. Sentia vergonha até mesmo de o homem ouvir a incômoda palavra saindo de sua boca. Ele não imaginava a dificuldade dela em pronunciá-la.

— Aqui só mora gente de bem, senhora. Não tem macumbaria nesse bairro, não.

O homem deu-lhe às costas e retornou a varrer, enxotando Marta com uma nuvem de poeira mais alta do que ela. Só de pensar em responder à altura o insulto doía seu coração, tamanha a raiva sentida e pela expressão no rosto do velho, soube. Estava na rua certa. Começou a bater na casa das pessoas suplicando informações. Foi mal tratada outras vezes e acostumou-se com a indiferença e espontânea aversão à sua presença. Seus pés incharam dentro das sandálias e a coluna latejava em ondas doloridas. Andava depressa de árvore em árvore, procurando sombras. Bateu palmas em uma casa antiga com grades na frente, e pediu um copo de água. A mulher veio com uma criança de colo encaixada na cintura e uma garrafa de vidro.

— Tá de quantos meses? — a senhora quis saber, só por questão de educação, tentando evitar o desconforto perante o silêncio.

— Seis. — Bebeu a água, observando o bebê de lacinho rosa. — Meu filho tem uma doença — disse Marta, apertando a barriga. A estranha permaneceu calada e desconfortável. — Aqui nessa rua tem uma curandeira...

— Vá embora, senhora.

— Por favor! Você também é mãe!

— Saia daqui!

— Eu preciso disso, por favor! — A mulher fechou o portão. — Os cachorros da vizinhança latiam. — Volte aqui!

Marta se segurou nas grades, espremendo o rosto contra elas, gritando pela

mulher, os latidos vinham de toda parte. O som enfurecido dos bichos ecoou mais desesperador do que nunca. Perdeu as forças e, chorando, sentou na calçada. Quantas casas poderia haver naquela rua? Teria que bater em todas? Com a cabeça baixa, viu dois pés descalços pararem na sua frente. Pés tão brancos que pareciam ter sido imersos em um balde de cal.

— Venha! — uma criança disse, e sua visão ofuscava as coisas ao redor. Tudo em seu corpo era branco, e os olhos tão claros e quase fechados, de um vermelho que dava vontade de chorar. Só tinha visto uma vez uma pessoa albina e a surpresa ficou evidente na boca entreaberta. A criança atravessou a rua de paralelepípedos e entrou em uma casa. Nada na fachada do casebre revelava os atos do interior ou os perigos de adentrá-lo.

O portão de madeira deslizou pelo trilho bloqueando a luz do sol. Marta fez o sinal da cruz, tamanho foi o impacto em avistar a pessoa saída de dentro da casa, uma mulher jovem sem cabelos e com o corpo repleto de tatuagens. Imagens grotescas de cenários infernais. O hábito antigo, instintivo aos músculos, estabeleceu um grande desconforto no ambiente, naturalmente tenso.

— Só faça o sinal da cruz aqui se for o cabalista — repreendeu a mulher com rancor na voz e sem expressão na face.

— Não quis ofender. É o hábito — Marta respondeu, escondendo o rosto na sombra de uma pilastra da varanda.

— Para entrar nesse templo deixe seus hábitos do lado de fora. — Enfatizando a palavra hábitos ela tirou o vestido branco, ficando completamente nua. Escoriações evidenciaram a coluna vertebral. A criança estendeu o braço pedindo as roupas de Marta. Ouviu um certo falatório no interior da casa e isso a afligiu. Tirou toda a roupa e nenhuma vez tentou proteger a barriga avantajada como é de costume das mulheres gestantes. Aquilo dentro dela não correspondia ao seu desejo. O piso de taco velho rangeu, estava pegajoso além de ter alguns tacos faltando, o que acabava por formar retângulos de sujeira.

Deu um pequeno salto para trás quando viu uma serpente enrolada em um canto do primeiro cômodo que entrou. Passou por uma cortina de bambus barulhentos e entrou em uma sala. Um casal sentado em duas poltronas de couro encarou seu corpo sem vestígio de pudor. A mulher, uma senhora negra de cabelos brancos, bebericava de uma taça, enquanto o homem lançava um olhar interesseiro em sua direção. Marta tentou conter a vontade de esconder cada centímetro de pele, mas conforme o homem coçava o

bigode suas mãos cobriam o sexo e a os seios. As pernas cabeludas a envergonhavam mais do que tudo e tremiam sob o olhar intruso dos estranhos.

— Vai ter que fazer muito mais que ficar pelada pra ter o quer. Então ou você pare com isso ou vá embora... — disse o homem.

— Sente. — A senhora indicou com a cabeça um banco de madeira no meio do cômodo, o local mais iluminado do ambiente. O casal, parcialmente oculto pelas sombras, iniciou uma espécie de entrevista. — Por que não quer esse filho? — perguntou a mulher.

— Meu sonho é ter uma menina — respondeu com o máximo de firmeza que pôde. Se obrigou a esticar os braços ao lado corpo e levantou o queixo.

— Um desejo caro nessa altura — disse o homem, com um riso sarcástico.

— Caro quanto? — Marta perguntou.

— Da nossa parte muito dinheiro. — A voz do homem continha um traço de álcool, remetendo aos sentimentos há muito tempo ocultos na memória de Marta, trancados, em uma fase sombria da infância, em que a voz afetada e o ar embriagado precediam a agressividade do pai. — O preço do demônio será cobrado por ele mesmo — completou o homem.

— Entenda que um ritual como esse não é descrito em nenhum livro. — A mulher levantou, um olhar verde intenso, colocou a mão na barriga de Marta, na hora o bebê agitou-se dentro dela. — Sua fé tem que ser incondicional, mas no final é esse seu problema, falta de fé.

— Sou uma mulher de fé.

— É? — zombou o homem, do canto escuro. — O que faz aqui então?

— Volte em uma semana com tudo da lista. — A mulher entregou um papel dobrado. — Esteja preparada para ficar três dias. — E esticou a mão para cumprimentar Marta. Disse o próprio nome de forma solene. — Me chamo Sônia.

Marta retribuiu respondendo igualmente — Marta... — Mas teve a impressão de que falar era insuficiente.

— Dizer o nome em voz alta é um ato de força para quem acredita no nome.

Vendo o primeiro item da lista, Marta esqueceu a vergonha e o medo foi a única coisa dentro do peito. Duas pessoas passaram correndo no corredor, balançando a cortina artesanal de bambus. Saiu abraçada à trouxa de roupas.

Vestindo-as somente no quintal, sob a proteção da claridade do sol. Praticamente correu para fora, passou na frente do senhor que varria a calçada mais cedo e recebeu o mesmo olhar de reprovação. Dentro do ônibus desenrolou novamente a lista e repreendeu-se ao cogitar levar o sangue de sete gatos pretos.

Capítulo 4

— Onde esteve? — João indagou, abrindo a porta da frente de casa.

— Fui à igreja.

— Acabei de falar com o padre Jonas e ninguém te viu lá hoje.

— Fui na igreja de Nossa Senhora. — Forçou a passagem pela porta não querendo encarar o rosto dele. — O que faz em casa, João?

— Seu tio, Marta. — O marido fechou a porta com força. — Velho caduco! Me acusa do sumiço do dinheiro. Logo eu que trabalho tanto.

— Não quero falar disso...

— Do que você quer falar então? — ele gritou, apertando o braço de Marta que começou a chorar.

— Preciso descansar, João. — Segurou a barriga, demonstrando dor. — Ficar uns dias sem a perturbação dos meninos e sem preocupações.

— Férias! É isso que tu quer, mulher? Pare de falar besteiras e vá fazer a janta. Já não basta ter deixado os meninos com a vizinha de novo? Assim que cheguei ela mandou eles de volta.

Marta respirou fundo, confrontar João naquele momento era um erro. depois do jantar, deitados na cama, seria mais fácil. Esperou a melhor hora chegar, ele assistiu ao jornal e fez suas reclamações habituais sobre assuntos econômicos que não compreendia.

— Quando você usa aquele terno azul fica muito parecido com o Cid Moreira — Marta disse, sem tirar os olhos do telejornal.

João sorriu, acariciando o bigode. — Pois é. Se eu tiro a barba acho que fico parecido mesmo.

Assistiram o Jornal Nacional na pequena televisão preta e branca. Um paninho de crochê em cima do tubo de madeira distraía Marta, que pensava em um tal ponto abacaxi enquanto o marido dava prosseguimento às inúmeras qualidades compartilhadas com o jornalista.

— Ta ouvindo isso, Marta? Estamos em 1971 e esse governo tá preocupado em trocar um livro velho pelos restos do corpo de Dom Pedro! Eu não serviria pra apresentar jornal, com tanta coisa séria acontecendo agora esse pessoal tá falando de gente que morreu faz tempo.

Marta concordou com sorrisos e, após as notícias do esporte, soube reconhecer a oportunidade. Levantou dizendo ir fazer uma xícara de chá e fingiu um desmaio. Estrategicamente encenou uma combinação de choro e

ameaças disfarçadas de desabafo. Levantar a possibilidade de João ficar viúvo sempre funcionou e amor marital nada tinha a ver com isso.

“Vai criar esses meninos sozinho, João”.

Isso apavorou o homem corpulento por duas questões, realmente amava os garotos e *garotos precisam de sua mãe*, João se lamentou, recordando a infância triste sob os cuidados da madrasta. O segundo motivo, bem menos sentimental, era o dinheiro. O único parente de Marta, o tio e dono do mercado, sempre deixou claro que sua única e verdadeira herdeira era a sobrinha. O velho nunca gostou de João e só tolerava sua presença no negócio a pedido de Marta, sem ela João estaria fora da gerência. Ele temia que a má administração do velho liquidasse com o dinheiro.

Foi o medo que fez João ceder.

— Ora, Marta, se acalme. Dizer essas coisa estando grávida é trazer mau agouro. — Ele esperou enquanto ela tomava um copo de água. — Vou levar os meninos pra casa da minha madrasta. Mulher terrível...

— Ela é boa com os meninos, você sabe. — Marta conseguiu uns dias fora de casa, todavia essa foi a parte fácil, faltava providenciar os elementos para o ritual e principalmente os gatos pretos.

A ansiedade tomou conta do restante da noite, se viu gritando sem motivo com os meninos, tendo crises de choro e limpando a casa, o refúgio de sua ansiedade, pois os pensamentos dissolviam junto com sabão em barra enquanto ensaboava o mesmo prato vinte vezes. João se despercebia das coisas nesses momentos, sempre gostou da casa limpa. Em dias assim ele inventava de jogar futebol ou preferia dormir cedo por conta de uma dor de cabeça aguda e repentina. Marta preferia a distância, o exercício da limpeza suavizava a tensão e os pensamentos angustiantes. A água fria adormeceu os dedos e foi ao deslizar de uma faca pouco afiada que a carne se cortou. Espalhando um fio de sangue na água. Ela continuou lavando o prato, agora com a sensação de que nunca estaria limpo outra vez. O corte doloroso sangrou e ardeu com o sabão, mas Marta continuou, pressionando a esponja na louça. Esfregando com força.

Lavar. Esfregar. Sangrar.

A sujeira impregna o corpo até os ossos e chega a alma... Afasta de Deus e aproxima do diabo.

Lavar. Esfregar. Sangrar.

Lavou até a dor física ser maior que as demais. Então, cansada e

machucada, sentou no chão na cozinha apertando o ferimento com um pano de prato bordado por ela mesma. Florezinhas amareladas ganharam um tom de alaranjado pelo sangue.

Os meninos dormiam. Roberto estava chateado com as palavras duras dirigidas a ele mais cedo e Pedro, na cama com o pai. Silenciosa, a casa se mostrava um lugar vazio de amor, mas isso logo chegaria ao fim. E nos cômodos desabitados de afeto uma certeza se espalhou, sempre estaria acompanhada se ao amanhecer procurasse a magista para fazer o ritual. Terminou de secar a mão no pano de pratos e decidiu ir dormir. No corredor parou diante do pequeno altar de Nossa Senhora e observou os traços delicados da imagem envolvidos pelo manto azul. Cobriu a face da santa com o pano sujo de sangue.

— Já que vai negar minhas orações tenha a bondade de não condenar meus pecados.

Deitou na cama ao lado do filho, a vida de todos mudaria com a chegada de uma menina e se Marta viesse a faltar eles não ficaram sozinhos, sem a presença amorosa de uma mulher. Tinha visto isso antes, a família do irmão de seu pai se despedaçou com a morte da esposa e mãe. A casa virou uma baderna, antro de perdições e imundices. Os rapazes, novos e deslumbrados, sem o exemplo de virtude em casa, envolveram-se com mulheres vulgares. Seu tio, vendo a família desmoronar, sucumbiu ao álcool e em uma noite de bebedeiras a tragédia chegou até a família. O pai de Marta foi para a casa do irmão levando um sobrinho embriagado e lá chegando encontrou outras pessoas, os últimos rostos que veria em vida, dois agiotas com uma arma carregada. Em uma só noite perdeu o pai, o tio e dois primos. Marta se mudou para Aparecida com a mãe, ouvindo a voz chorosa dela durante a viagem de ônibus dizendo o quanto a base de uma família dependia de uma mulher forte e honesta. Nesse dia soube como a mulher do tio tinha falecido estrangulada por um amante. Racionalmente compreendia que nada fazia sentindo, seu pai sequer era homem de grande caráter, agressivo e truculento deixou marcas nela e na mãe. Lembranças dolorosas, sua mãe era uma burra e seu pai um traste, sua família seria diferente. Seus filhos seriam bons homens e sua filha, uma boa mulher, uma princesa. As lições da mãe, carregadas no corpo e em cada afazer doméstico ritualisticamente copiados, foram duras nos primeiros anos em Aparecida. Essa fibra da qual a mãe falava foi costurando cada pedaço de sua personalidade, recordações amargas se transformaram em pano de fundo para as virtudes desejadas. Toda vez que

Marta percebia que o forro de sua alma era podre e grosso, chorava. Sua cobertura era delicada e cuidadosamente organizada, mas bastasse um ponto fora do lugar e a rede estaria em perigo de se desfazer.

O pequeno Pedro se mexeu levando as mãos até o rosto de Marta. Beijou os dedos dele, lamentando a distância do menino nos últimos dias, ainda um garotinho de três anos de idade. Ele abraçou a barriga dela e pôde sentir o bebê respondendo ao toque do irmão, chutes fortes e agressivos de um menino. Abraçou o filho com ternura, era um bom garoto e subitamente ficou calma, inspirando o cheiro infantil de seus cabelos loiros. A culpa só estaria entranhada em suas veias a partir da manhã seguinte.

Capítulo 5

Demorou alguns dias para conseguir os vários itens da lista. Eles foram reunidos dentro de uma bolsa preta de viagem, Marta andava pela rua, desanimada. E por uma questão de sorte, se é que é possível colocar a palavra sorte e sacrifício de animais em uma mesma frase, encontrou uma caixa com sete gatinhos pretos em um abrigo. As pessoas de lá lhe fizeram algumas perguntas, mas o belo rosto, a barriga e as roupas davam um crédito não dito em palavras. Marta simplesmente passou confiança. Um rapaz até se ofereceu para carregar a caixa até o ponto de ônibus. Os motoristas das duas conduções que pegou não se importaram com os animais. Um deles até ajudou a acomodar as coisas no banco alto da frente do ônibus e, às duas horas da tarde, chegou ao casebre. Sonhando em entrar ali com um peso morto dentro da barriga e sair com uma linda garotinha. A criança albina aguardava por ela sentada na calçada. Ajudou a carregar as encomendas para dentro e Sônia a surpreendeu com um abraço, roçando os cabelos brancos em sua pele.

— Tive minhas dúvidas se iria voltar aqui — ela disse, indicando o caminho.

— Preciso disso, preciso dessa criança — Marta respondeu, perdendo a voz no final da frase.

— Como conseguiu os gatos? — o mesmo homem da semana anterior perguntou. Marta abaixou a cabeça envergonhada e ele sorriu antes de sair levando os animais. Seguiu os dois por um caminho estreito na lateral da casa, árvores faziam sombra deixando o solo em constante umidade. Dentro de um barracão de madeira velha um animal fez barulho, um grito fraco e triste capaz de fazer o ouvinte prender a respiração aguardando o que viria à seguir, certamente algo perto da morte. Marta se aproximou de uma abertura na porta para ver que bicho emitia som tão lamuriante. Ficou arrepiada ao ver um bode deitado no chão sem as quatro patas, ele olhou para ela com a cabeça de lado e a língua caída, seus olhos estavam grandes e molhados, levemente humanos. Moscas sobrevoavam os trapos imundos que recobriam os ferimentos do animal. As quatro patas pendiam do teto, amarradas por cordas, balançando levemente com a brisa.

Marta se assustou quando o homem abriu a porta de um segundo barracão ao lado, a madeira bateu duas vezes na parede, arrancando lascas,

antes de ser presa por uma corrente. Sônia chamou sua atenção com um leve toque no braço, conduzindo-a para dentro da outra construção, bem maior e mais nova. Lá dentro o cheiro de sangue impregnava o ar e o vento tornava-se indesejado, pois revolia a podridão até as narinas. Várias carcaças estavam penduradas por ganchos, animais grande e pequenos, além de pedaços de coisas impossíveis de identificar. Reencontrando o homem com os gatos compreendeu, pelo modo como ele segurava um cutelo e estendia em sua direção...

Teria que matá-los...

A saliva fina e salgada que precede o vômito inundou a boca. Em cima de uma mesa, uma grande vasilha de cobre aguardava o sangue dos animais.

— Você precisa do sangue deles — Sônia informou. — Mas tem que tirar com suas próprias mãos.

— Eu tenho dinheiro... — Marta sussurrou. Suplicando outra alternativa. Agarrou o cutelo, o ferro gelado grudou na pele e a mão tremeu, reverberando o tremor até os olhos que já transbordavam.

— Nós não precisamos da morte desses animais, o sangue deles é parte de seu ritual, seu desejo. Se não for capaz de fazer isso não merece receber as bênçãos.

Os gatos se aglomeravam em um canto da caixa, jovens demais para conseguir qualquer outra reação além de miar e arranhar o papelão. Segurou um deles pelo pescoço e levou seu corpo macio até o fundo da vasilha de cobre. O coração acelerou dentro do peito. *Só um golpe*. Pensou enquanto prendia os lábios entre os dentes, as lágrimas invadindo a boca, alimentando uma tosse desesperada e iminente. Um grito primitivo. A seu lado, de braços cruzados, o homem aguardou impaciente, não teve certeza, mas ele parecia bater os pés no chão, os sons ao redor ganhavam proporções que beiravam ao insuportável, e um traço de raiva chegou até as pontas de seus dedos, as unhas apertavam a garganta do animal. *Por que ele miava tão alto?*

Foi rápido.

O cutelo desceu certo, seguindo a trajetória dos olhos dela, arrancando a cabeça do gato, não de primeira, a raiva ali foi insuficiente, só aumentando com a petulância do animal ao permanecer vivo, estrebuchando em sua mão. Vivo. Foram necessárias mais duas tentativas, sangue espirrou em seu rosto e Sônia afastou-se apertando o ombro da grávida em afirmação. O homem ficou observando. Satisfeito. Um a um, Marta pegou os gatos e cortou suas cabeças, o sangue quente encheu a vasilha pela metade e tingiu suas mãos,

nada foi como o esperado, pedaços das vísceras pendiam de seus corpos quando espremia com força todo conteúdo dentro deles. Precisava de tudo.

Tudo.

— Venha. — Sônia tomou sua mão delicadamente, solicitou que Marta retirasse as roupas e sentasse em uma mesa de pedra. Algumas mulheres chegaram trazendo velas negras e vermelhas. — Vou preparar seu corpo para o ritual. — Marta estremeceu ao ser tocada. — Não tenha medo. A arte goética é muito antiga e um bom magista sabe se proteger.

— Como funciona? — perguntou com a voz vacilante.

— Impossível explicar em detalhes para um leigo, mas posso dizer que Salomão identificou setenta e dois espíritos e pôs esse conhecimento em livros. — Sônia refletiu um instante antes de prosseguir e seu rosto passou muita sabedoria para Marta, um alento para o medo. — Acima de qualquer coisa um magista é um estudioso dessas escrituras.

— Vou sentir dor?

Sônia respondeu em gestos. Comprimindo os lábios, com o rosto de lado fez uma pausa antes de continuar seguindo a explicação, e Marta compreendeu, talvez nem mesmo ela fosse capaz de prever o quão insuportável poderia ser passar por aquilo.

— Vou desenhar sigilos no seu corpo, selos para entrar em contato com esses espíritos. Vai demorar horas e preciso que fique calma e quieta. Cada classe de demônios responde em um horário distinto e através de metal, por isso os desenhos serão cobertos com pó de ouro e prata. — Potes quadrados foram dispostos na mesa contendo os metais preciosos, cada um correspondendo a uma classe de demônios de acordo com sua nobreza.

O homem trouxe uma bacia com o sangue encomendado. Sônia começou a desenhar os selos na pele de Marta. Círculos preenchidos com desenhos complexos. Seu caso era complicado, enlaçado por uma promessa santa, seriam poucos os conjurados a responder e ela teria apenas uma chance. A magista invocaria todos os setenta e dois demônios e cada um deles iria contribuir com suas habilidades. Um ritual inédito começara e o ponto onde desistir seria uma opção havia passado.

— Nada de se acovardar agora, se vir os olhos do demônio e ele souber que não tem medo, vai ter a filha mais bonita que esse mundo já viu. — Sônia se afastou, e segurou o rosto de Marta com as duas mãos, lançando em sua face um sopro quente com grande quantidade de fumaça. Marta observou a fumaça almiscarada se misturar às velas negras e vermelhas. As mulheres

em volta começaram a murmurar uma música e os desenhos feitos com o sangue dos gatos eram salpicados com pó dos metais. A mulher tatuada que a recebeu soprou o pó em cima de cada selo antes de ele secar na pele. Foi bonito ver a nuvem brilhante e fina pairando no ar contra a luz do sol.

A noite tomou o ambiente e só a lua cheia e as velas iluminavam o lugar entre árvores esparsas. Outros magistas chegaram para assistir ao grande ritual, alguns ocultos por túnicas e outros pelas sombras. Porém todos silenciosos em reverência ao acontecimento. No meio da madrugada o último selo foi concluído, Marta sentia os músculos arderem e o bebê se agitar.

Seguiu os magistas e a criança albina por um caminho de pedras até uma construção muito antiga, tomada de vegetação em diversas partes. O local lembrou um pequeno teatro romano antigo, com uma parte elevada e níveis planos, semelhante a uma arquibancada. No centro um círculo gigantesco com vários metros. O desenho de uma serpente percorria toda a borda do círculo e dentro do corpo dela, inscrições hebraicas. Quatro pentagramas dispostos ao redor do círculo completavam o que Sônia informou ser um círculo mágico de grandes dimensões.

— A força da evocação mora na palavra do magista e em sua fé. *Abrahadabra, eu crio enquanto eu falo* — disse Sônia. Em silêncio, os espectadores entraram vestidos de branco e negro, carregando instrumentos musicais rústicos. — Durante toda a ritualística irei proferir os conjuros. Se concentre em minha voz, ela é sua guia, seu único contato com o mundo dos homens. Dentro do triângulo a terra é etérea e os demônios irão manifestar-se.

— Permita que eles tenham acesso ao seu copo — o homem disse. — Os selos desenhados são sua comunicação com eles.

— Marta, sou magista há muito tempo e nunca tive que usar o disco de Salomão. — Sônia esticou uma moeda na direção de seu rosto. — Abra a boca — ordenou a magista. Marta aceitou o objetivo similar a uma moeda muito antiga cheia de inscrições em espiral. — Se sua vida estiver em perigo coloque a língua para fora e mostre o disco de Salomão aos demônios.

— Ao usar o disco esqueça qualquer pretensão de realizar seu desejo — o homem acrescentou.

— Deixe que os demônios usem seu corpo, não há motivos para eles lhe quererem mal. Entendeu? — o homem perguntou, guiando-a até um espelho negro disposto dentro do triângulo. Concordou com a cabeça, um ato puramente mecânico, não revelava nada sobre seu real estado de espírito. —

Fique em pé em cima do espelho.

O silêncio foi cedendo espaço para a música calma dos instrumentos. Uma sensação boa tomou conta de Marta, acreditando que uma melodia tão bonita não poderia ser algo ruim, relaxou um pouco e observou o movimento ao redor. Um arrepio percorreu o corpo ao fitar os visitantes, pois mesmo através das sombras foi possível discernir um riso de contentamento em seus rostos.

Sônia retirou toda a roupa e seu corpo foi lavado com ervas e banhado em óleos perfumados. De olhos fechados murmurava um encantamento enquanto outras pessoas vestiam as roupas nela. Como dança ensaiada as peças foram colocadas em sincronia com as palavras.

“Pelo mistério figurativo destes trajes santos...”

Com túnica e capa brancas e tendo sua cabeça ornada com uma mitra, em muito Sônia assemelhava-se a um papa.

“...vestir-me-ei com os parâmetros da salvação na força do mais elevado...”

A criança pôs no pescoço dela um colar de ouro com um pentagrama pendendo.

“... que meus desejos possam ser cumpridos pela vossa mão ò ADONAI!”

Sônia tomou lugar em um nível mais alto, enquanto Marta observava do centro do triângulo. A fumaça dos incensos subindo com lentidão em grandes colunas a distraíam.

“A quem pertence a glória para sempre e sempre mais! Amém!”

— Senhora, a baqueta. — O homem ofereceu para Sônia, uma espécie de cajado bem pequeno, um galho reto muito envelhecido. Cuidadosamente ela o tomou nas mãos e fez o sinal da cruz bem devagar.

Tocando a testa “*ATEH*”,

o peito “*MALKUTH*”;

nos ombros, o direito “*VE-GEBURAH*”,

e o esquerdo “*VE-GEBURAH*”;

e terminando com um sinal de dedos entrelaçados no peito “*LE-OLAHM, AMEN*”.

O homem também fez o sinal da cruz cabalística e ordenou que Marta o imitasse e repetisse de dentro do triângulo as seguintes palavras.

A ti,

O Reino,

O Poder,

E a glória.

Para todo o sempre, Amém.

A última letra escorregou garganta adentro... Doce e venenosa. Anestesiando o corpo, preparando-o para o que viria. Marta prendeu a respiração dentro do peito, mas sobreviveria mesmo sem ar, tinha ultrapassado os limites onde qualquer coisa lhe daria proteção. Estava sozinha sob os domínios do mal.

Capítulo 6

Um livro grande em couro de capa escurecida foi aberto e Sônia começou a entoar suas palavras. Algumas conhecidas perdiam os significados misturadas às tantas outras estranhas aos seus ouvidos. Marta fitava o espelho negro debaixo de seus pés sem conseguir enxergar o próprio reflexo.

O bebê contorcia o corpinho dentro dela, provocando ondas visíveis no exterior da barriga lisa pintada. Iluminada pela luz das velas e com fumaça luxuriando ao seu redor, estava calma, quando um calafrio cobriu todo seu corpo. O ambiente perdeu temperatura rapidamente, Marta procurou nos rostos ao redor um vestígio de medo e não encontrou. A criança albina projetou a pequena face para frente, querendo ver melhor, só então reparou como a menina estava bem arrumada, etérea, se pudesse achar a palavra certa. Usava uma coroa de flores e trajava um vestido branco esvoaçante, uma verdadeira aparição mística. Os cabelos brancos e cacheados soltos, caindo pelos ombros, algo puro e belo. A grávida seguiu seus olhos até a fumaça dos incensos e ela tomou forma de uma criatura horrenda, uma miscelânea de animais e homens. Um demônio.

— Entrego o ventre desta mulher e o fruto dentro dele, rejeitado pelos anjos ascendidos, o fruto agora é teu, não para teu prazer e sim para o nosso. Ordeno que atenda meu desejo e que ele não seja mais um filho de santa e sim uma filha da goétia.

Marta engoliu as palavras de Sônia com o sabor amargo do disco de Salomão sob a língua. Rezou uma ave-maria em pensamento, ato contínuo de sua vida. Um som alto e fino percorreu a clareira, e um vento forte e inexplicável obrigou Sônia a aumentar o volume de sua voz. A fumaça saiu do centro do triângulo e perdeu a forma.

— Só o ventre e seu fruto são ofertados a ti, espírito. Ignore a alma humana e pecadora que o carrega e não lhe faça mal algum! Eu ordeno!

A fumaça retornou lentamente, concentrada na frente do rosto de Marta. Projetou-se como um dedo pedindo silêncio. Ao tocar a pele fina de seus lábios sentiu-os queimar. Marta voltou a rezar e o dedo se transformou em uma mão que apertou seu pescoço. O cheiro de pele queimada chegou ao nariz e com horror o inalou. Abrir a boca acabaria com tudo, porém o medo de perder esse tudo a impedia.

Separou os lábios, saliva espessa preencheu o espaço entre eles. Fechou os olhos com uma oração insistente na cabeça. A dor passou e compreendeu o

que Sônia falou a respeito de não transparecer o medo. Sua fé no cristianismo havia sido ignorada, e rezar se mostrou completamente inútil. Sem saber as palavras certas disse apenas a verdade de seu coração, em pensamento pediu ao demônio a realização de seu desejo. Teve a barriga envolvida pela fumaça e a sensação foi boa, como massagem de panos aveludados e quentes. Marta sorriu e abriu os olhos. O medo tinha passado.

Cada demônio manifestou-se de uma forma. Eles testavam seus limites e suas forças, invadindo seus pensamentos e seu corpo. Quando perdeu a conta do número de invocações um espírito surgiu em forma de serpente dentro do triângulo. O demônio a encarou com pequenos olhos caramelados, humanos demais para se passar por um simples animal. A serpente subiu por suas pernas, rodeando o corpo vagorosamente, a pele fria e escamosa roçando na sua. Seria capaz de ouvir o deslocamento do corpo e o atrito do couro com a pele, caso segurasse a respiração. Transmutado, o demônio subiu pelo corpo de Marta e passou pelo seio, enrijecendo o bico. Parou em volta do pescoço dela, a ponta do rabo apertando o mamilo de Marta. Suor escorreu entre os seios e um tremor diferente percorreu a mulher, arrepiando seus pelos.

A serpente emparelhou a cabeça de frente ao rosto de Marta exibindo a língua bifurcada até lambe os lábios queimados dela. Assentiu com a cabeça e esperou que Marta concordasse. Com o seu consentimento a serpente desceu e ficou enlaçada fortemente a sua coxa. O bebê se mexia muito e fez um movimento estranho como se tentasse fugir escalando seu corpo por dentro. Marta segurou a barriga e olhou para cima. Estava claro o que iria acontecer e pela primeira vez acreditou realmente no seu milagre. Lágrimas velozes deslizaram por seu rosto na mesma proporção que a região abaixo do ventre umedecia. Uma gota cristalina venceu os pelos e escorreu. Um consentimento fisiológico para a barbárie a seguir. Ansiosa, a mulher experimentou uma excitação desconhecida, pressionou a barriga sem nenhuma intenção de proteger a criança e sim conter a vontade de enfiar a serpente dentro de si com as próprias mãos. A serpente aproximou a cabeça massageando a região ao redor e banhando-se nos líquidos de prazer.

Ela entrou.

Primeiro devagar, depois com velocidade.

Marta abriu mais as pernas para dar espaço ao corpo calibroso da serpente. Sentiu algo se romper dentro da barriga. Simultaneamente enquanto chegava ao clímax fechou os olhos e pôde ver o que acontecia. Estampado dentro das pálpebras, as cenas passavam como um filme projetado em tela de carne

riscada por veias pulsantes, acompanhando a trajetória do demônio no interior de seu corpo, seguiu seu caminho enxergando através de seus olhos miúdos. A serpente ficou cara a cara com o bebê e o atacou na região entre os olhos. Marta berrou de prazer e susto, quando a criatura saiu rastejando banhada em sangue, para desaparecer perante os olhos de todos conforme saía de cima do espelho negro e deixava o triângulo.

Outras criaturas vieram e usaram do corpo de Marta. Ferindo sua alma aos poucos, dolorosamente. Quando desmaiou ainda faltavam mais de vinte espíritos para serem invocados. Soube disso ao acordar um dia depois do ritual. Sônia se ateve a dizer apenas que o desejo fora concedido, negou explicações detalhadas sobre o ocorrido ou porque as roupas da criança albina estavam ensanguentadas em um canto. Marta foi embora levando mais do que um filho na barriga.

Seu bebê mudaria o mundo.

Capítulo 7

Os meses seguintes passaram na mesma rapidez de uma catástrofe natural, deixando um rastro de destruição impossível de se ignorar, empilhando casa sobre casa feito papel amassado. A marca da fita no braço incomodava e Marta evitava a imagem da santa como um devedor faria perante seu credor. O perdão de Deus lhe era precioso, porém não mais do que a obsessão por uma filha menina. Sonhou com trechos do ritual, cenas esquecidas e embebidas no torpor, situações horrendas até para um pesadelo. Pensar que poderiam ser lembranças reais consumia a bondade em seu coração. Depressão tomou forma a partir da dor do pecado, o ritual deixou marcas invisíveis e só poderia haver um culpado: Nossa Senhora Aparecida. Confrontou sua imagem empoeirada em um canto da casa, *maldita seja*. Colocou a imagem dentro da bolsa e foi para beira do rio que cortava a cidade. Lá quebrou a imagem, ressentida pela fé abalada e temerosa pelo futuro.

— Volta pra as águas imundas de onde nunca devia ter saído. — Desesperada atirou os cacos com força no rio. Enchendo a mão direita com punhados grandes. Os olhos cheios de lágrimas enfurecidas de um ódio puro, visceral. — Maldita! Fez tanto pelos outros. Por que não podia me dar uma menina? — Ela apertou o último caco da imagem na palma da mão. Desejando ferir a pele e trazer para a carne a dor que a consumia por dentro. Mas a cerâmica não cortou sua pele. Marta caiu de joelhos, sentindo a barriga dura esticar e doer. O bebê não esperaria mais para nascer e ali sozinha, ajoelhada nas margens do rio onde a imagem de Nossa Senhora foi encontrada, desejou apenas morrer antes de ver aquela criança nascer. Tentou mais uma vez usar o pequeno pedaço pontiagudo para cortar os pulsos, inutilmente.

As contrações chegaram mais fortes do que se lembrava das outras vezes que deu a luz. Talvez pela falta de medicamentos, mas seu corpo compensava com os hormônios do ódio e de certa forma se sentia anestesiada pela adrenalina. Marta gritou, apertando o último caco na palma da mão, agachada fazendo força, às vezes socava a barriga enquanto empurrava para baixo.

— Saia de mim, criança desgraçada! — Marta caiu de lado quando a cabeça começou a sair, agarrou o rosto quente e escorregadio da criança entre os dedos trêmulos e puxou de uma vez, sem resquício de cuidado de mãe. A

dor de seu próprio corpo em nada se comparava a da alma e ali, à beira do rio, um novo milagre acontecia, a face enojada de Marta desmontava-se ao perceber...

Era uma menina.

Pegou o último caco da imagem, o mesmo que antes se mostrara incapaz de cortar sua pele, e deslizou-o com facilidade no cordão umbilical. A cerâmica como se sussurrasse uma prece, separou as duas.

Mãe e filha.

Abraçada à recém-nascida fez uma oração.

A criança tinha os cabelos negros acompanhados de olhos grandes igualmente escuros, tão diferente dela... As diferenças incomodaram um instante e Maria Clara não chorou, parecia ouvir a oração atenta às palavras. A mãe, feliz, suspendeu o riso em um hesitante tremer de lábios ao passar a mão pela testa da filha e ver o estranho sinal entre as sobrancelhas. Por mais que tentasse, toda vez que olhasse para Clara iria se lembrar do ritual.

Fora ali o beijo da serpente, o sinal da besta.

Ninguém ficou sabendo dos eventos à beira do rio, sua vida fora poupada para cuidar de Maria Clara e assim o fez. Acreditava novamente no milagre. Levou o bebê calmo para casa, orgulhosa da paz que sua presença causava, apesar dos pequenos momentos desconfortáveis. João, desgostoso por ser pai de menina, parou com as reclamações depois de uns dias com Maria Clara. Elogiou o comportamento tranquilo, porque com os meninos os primeiros meses foram horríveis, ninguém dormia, e Marta era só cuidado com eles.

Entretanto a menina não carecia de tanta atenção, passava horas acordada em silêncio, interrompidos por risadas solitárias e sons baixinhos de crianças com tenra idade.

Apenas o batizado da menina perturbava Marta, a igreja Matriz de Aparecida não estava realizando a cerimônia, conversou com o padre explicando a situação.

— Batize Maria Clara aqui comigo, Marta. Não faça disso um calvário.

— Padre Jonas, eu fiz uma promessa — Marta protestou. — Como pode me aconselhar a quebrá-la? Vou ser castigada, eu e minha filha.

— Eu te libero da promessa, Deus sabe de sua fé. Maria Clara é um neném saudável e abençoado. Deixar de fazer o batismo não fará bem a ela e nem a

você.

— Vou todos os dias lá, uma hora vão aceitar marcar o batizado.

— Está muito nervosa, me dê o neném, vá fazer uma oração. Sei como essa fase é trabalhosa, não está sozinha. — Jonas estendeu os braços e pegou Clara. — Ela tem os cabelos tão pretinhos.

Marta saiu da sala e encontrou um coroinha no corredor, eles se cumprimentaram e ela ouviu a conversa quando ele entrou na sala do padre.

— Olhe Carlinhos, como é bonita a neném da senhora Marta.

Passou alguns minutos sentada no primeiro banco da igreja, admirando as paredes ornadas com lindas imagens, nesses momentos a culpa esgueirava-se. A igreja fora sua casa desde a infância, ao pecar se confessava com o padre e a dor passava com as contas do terço. Mas o que tinha feito para ter Maria Clara passava da compreensão humana e mesmo com uma faca no pescoço seria incapaz de admitir que por uma noite fora serva do diabo. Rezou, buscando aliviar com palavras o que só seria curado com perdão. Teve a oração interrompida pelo coroinha que segurava Maria Clara nos braços.

— Senhora Marta, Padre Jonas quer ver a senhora.

O rosto do menino parecia assustado. A igreja vazia ecoava a voz dele, tornando suas palavras ainda mais desconfortáveis. Com passos duros voltou para a sala do Padre e o encontrou vasculhando livros.

— Marta, eu gostaria de fazer o batizado de Maria Clara.

— O que aconteceu, Padre? — inquiriu, o zelo das palavras com o homem santo passou ao perceber os vincos na testa dele formando linhas duras na face sempre serena.

— Só a vontade de um Padre em abençoar uma criança em batismo — ele respondeu, forçando um sorriso.

— Então lamento. — Marta se precipitou para ir embora. — O senhor vai passar essa vontade, apesar de eu respeitá-la tenho minha promessa para cumprir.

— O batismo é um exorcismo... O primeiro e o único que uma pessoa deve receber. — O homem estendeu um livro pequeno e fino para Marta. — É um livro de salmos para você ler em momentos difíceis. Está em latim, mas se ler um pouco todos os dias vai se surpreender com como é fácil.

— Vou fazer o batismo na igreja matriz, é o que meu coração diz.

— O batismo traz os filhos de Adão à comunhão com Deus. — O padre segurou a mão de Marta em cima do livro. A pele dele estava quente e levemente úmida. — Deixe-me fazer o batismo, podemos fazer agora.

— Fiz minha promessa, é importante pra mim...

— O batismo é mais importante! — Marta ficou assustada com a exaltação dele. Ficaram se encarando por alguns longos segundos. — Faça o quanto antes — o padre acrescentou com voz dura, porém controlada. Ele se afastou soltando o ar ruidosamente, ajeitando a batina, mas voltou-se para ela como se lembrasse de algo. — Se acontecer qualquer coisa pode vir direto até mim, não precisa marcar — disse, balançando a cabeça para os lados, puxando um sorriso estranho de dentes opacos

— Não me entenda mal, padre. Faço muito gosto da sua benção, mas essa promessa foi feita antes de ela nascer. — Maria Clara começou a chorar baixinho e Marta a ajeitou nos braços.

— Só prometa que vai me procurar se precisar de qualquer coisa e leia os salmos.

Marta foi embora, tentando entender a mudança repentina de comportamento do Padre e alimentando o medo escondido bem fundo da alma. Um pensamento sombrio alimentou algo podre dentro do peito.

E se a criança não fosse um filho de Adão?

Capítulo 8

Com a intervenção do Padre Jonas conseguiu marcar o batismo na igreja matriz, ele a acompanhou pessoalmente e Marta presenciou uma situação impensada. Dois padres discutindo, da onde estava não conseguia ouvir, mas a expressão corporal contava uma história. Jonas implorava enquanto o padre idoso negava seu pedido com gentileza, até que algo foi dito e tudo mudou, os dois olharam para ela sentada nos fundos da igreja com a Maria Clara no colo. O padre idoso veio ao seu encontro e sentou ao seu lado, seus lábios rachados e entreabertos tremeram de leve quando a mão descarnada tocou a testa de Clara. O homem fez várias perguntas que Marta respondeu prontamente, esperançosa de conseguir marcar logo a data, entretanto algo no ar lhe dava certeza de que já tinha conseguido, porque Maria Clara era um bebê especial.

O batizado foi marcado coincidentemente na semana em que a menina completou um ano de idade. A espera se dissolveu ante as surpresas do crescimento da menina. Aos seis meses Maria Clara falou alto e com voz nítida a primeira palavra, foi em uma tarde qualquer quando avistou um gato. Apontou para o animal, entusiasmada e falou.

— Gato.

Marta estremeceu ao ouvir um bebê de seis meses falar com tanta nitidez.

— O que você disse? — Respirou fundo e perguntou.

— É um gato — Maria clara respondeu.

Marta colocou a menina no chão do quintal coberto de folhas e correu para dentro de casa, escancarando a porta da sala. Tremendo, bebeu um copo de água com açúcar na cozinha, um bebê daquela idade não falava com tamanha articulação então só poderia estar alucinando. Procurou algum medicamento calmante nas gavetas do armário, quando um som estranho chamou sua atenção, a porta da sala se mexia e Marta pôde ver com o canto do olho um pequeno vulto.

Clara havia engatinhado do quintal até ali, ultrapassando os difíceis degraus da varanda. Marta optou pelo silêncio, mas os filhos notavam como Clara avançava rápido e antes de completar um ano andava muito bem e conseguia articular algumas frases bastante complexas para a idade.

O batismo foi marcado para uma manhã bonita de domingo em 30 de abril de 1972, abrigando no belo interior da igreja famílias felizes e suas crianças. Marta estalava os dedos da mão, olhando para a filha no colo da futura

madrinha, era a primeira vez que ficara doente e a febre alta ruborizava seu rosto muito branco. Por pouco João não se negou a dar prosseguimento ao batismo, visto o quadro enfermo da criança. Inquieta, Marta olhava em volta, sentindo certo medo de encarar as pessoas como se a qualquer instante fosse ser desmascarada. Imaginou que uma senhora muito idosa pudesse levantar acusando-a de deitar-se com o diabo. O não dito pairou nos olhos das outras famílias ou talvez fosse Marta a projetar suas próprias angústias nos outros.

As pessoas enxergam algo de errado em meu bebê?

João chamou atenção dos meninos, irritado com a presença da madrastra como escolha de madrinha para a filha. Na outra ponta do banco o tio de Clara, o padrinho. Ambos mais velhos e pela lógica da idade pouco conviveriam com a menina. Era uma exigência do cerimonial do batismo, mas Marta dava pouco crédito a isso. Somente o cumprimento da promessa importava. Permaneceu de olhos fechados ouvindo cada criança ser chamada, um nome em especial chamou a atenção. Marta abriu os olhos, piscou até visualizar a porta da igreja, o que viu fez um pouco de urina escorrer por sua perna e molhar seu vestido. A criança albina entrava na igreja usando a mesma roupa branca do ritual. Se encaixava muito bem na situação, era um vestido de batismo. Andava de mãos dadas com um homem e uma mulher, desconhecidos. A criança passou pelo banco de Marta sem tirar olhos dela, o pescoço virando, virando, enquanto continuava a se afastar em direção ao altar.

Marta levou as duas mãos à bexiga, prendendo a urina que gotejava. Se permitisse mais uma gota seria incapaz de conter o fluxo. Um estalo obrigou Marta a se levantar, o pescoço da criança virou completamente para trás. João puxou seu braço, forçando-a sentar. Olhou dele para o altar, incrédula por mais ninguém estar chocado, até se abater com a vil realidade; aquilo era um de seus pesadelos, a diferença era que estava acordada. A criança trajava um vestido parecido ao da menina albina nada mais que isso. E as atenções se dirigiam a ela, uma mulher alterada com uma mancha de urina crescendo no vestido. Sentou enxugando lágrimas.

— O que foi minha filha? — Seu tio perguntou alto demais atraindo mais atenção.

— Ela está bem — João respondeu, obrigando Marta a alinhar-se no banco duro da igreja. — Está tudo bem não é Marta?

— Sim — ela respondeu sem preocupação de se fazer confiante ao falar. Piscava apenas para aliviar os olhos das lágrimas, observou a menina,

hipnotizada, e devagar as lembranças da criança albina apareciam em sua mente como uma visão.

Quando o padre disse o nome de Maria Clara com um leve sotaque português seu coração disparou e lágrimas cessaram em meio aos flashes horrendos do ritual, imagens assustadoras do evento que, de tão distante, parecia que não tinha ocorrido. Viu a criança albina ser amarrada e ter o corpo cortado com várias lâminas. Os magistas encapuzados retiraram de suas vestes pequenas facas com cabos de madeira repletas de inscrições. A criança lutou, porém fora contida, tendo os braços e pernas esticados. Suavemente a pele era cortava centenas de vezes nos mesmos lugares. Seu corpo foi içado por uma corda e pendurado em uma árvore pelos pés. Tantos cortes cobriam a pele alva de vermelho, o sangue escorrendo e gotejando em uma bacia suspensa por um pedestal.

Após coletado, o sangue passava pelas mãos das pessoas em uma taça rústica e a visão perturbadora chegou ao fim em sua mente, mas a conclusão fora óbvia demais para ser ignorada.

A criança foi sacrificada e seu sangue partilhado como uma simples de taça de vinho.

O sabor ferroso veio aos lábios e quis cuspir, pois tinha certeza tratar-se do sangue.

Era quente.

Era espesso.

Acabou por engolir aquela espécie de saliva alucinógena e devolver um riso de lábios selados para o padre.

A liturgia seguiu com seus cânticos e o tão sonhado momento chegou, os padrinhos seguravam Clara enquanto o Padre idoso e de mãos trêmulas preparou-se para o ato final. A água abençoada brilhava no ar caindo da cuia batismal em direção à cabeça de Clara. Quando o padre tonteou um instante. Um diácono tentou segurá-lo pela cintura, mas os dois caíram para trás.

Clara foi retirada às pressas da rota de colisão com a pia batismal. Grotesca, a cena do padre espumando pela boca em convulsão assustou todos. Fiéis gritaram dentro de igreja, crianças choravam com o susto, ao passo que outras pessoas se inclinavam para o padre ou clamavam por ajuda.

Marta paralisou ao olhar o rosto de Clara. A menina sorria. O rostinho antes pálido e enfermo apresentava um tipo provocante de alegria saudável, parecia satisfeita. Uma mulher que abanava o padre desfaleceu ao ouvir do diácono que o padre não tinha pulsação. Estava morto. Maria Clara, no colo

do pai, que se afastava da confusão, a cabecinha repousando no ombro dele e o leve sorriso ainda brincando em seu rosto plantava a dúvida.

O batizado tinha sido válido?

Capítulo 9

Clara foi um bebê incomum até aos olhos dos outros, aprendeu a falar cedo e queria falar com pessoas e animais, principalmente animais. Marta achava que, em certas ocasiões, os animais entendiam e faziam suas vontades. Com dois anos de idade falava com perfeição e Marta presenciou uma cena assustadora. Em uma tarde chuvosa um gato apareceu na varanda, nunca tinha visto o animal, de mancha peculiar em cima do olho direito. Fugindo do aguaceiro o bichano escondeu-se debaixo de uma cadeira. Ele queria entrar pela porta da sala, mas estava fechada e Clara conversou com ele através do vidro.

Marta conseguiu ouvir quando ela disse para o gato dar a volta na casa e entrar pela janela da cozinha, a única aberta. Distraída enquanto passava as roupas só notou cinco minutos depois, o animal aninhar-se para assistir televisão no sofá com Clara e Pedro, o filho do meio. O gato da mancha no olho foi enxotado inúmeras vezes nas semanas seguintes, todos os buracos e possíveis brechas foram vedados, entretanto ele sempre conseguia entrar.

Em uma madrugada Marta acordou com um sussurro vindo do quarto de Clara e Pedro. Pela vontade dela a filha ficaria sozinha com um quarto e os meninos dividiriam o outro. Mas o marido não concordava, o filho mais velho, Roberto, deveria ter o direito a ter um quarto só para ele. Então frequentemente acordava para ver se Pedro estava bem. Chegando perto da porta entreaberta pôde ouvir a voz fina da filha.

— Mamãe também não gosta de cachorros, não tenha medo, nunca vamos ter um. Vou cuidar de você.

Marta escancarou a porta. — Com quem está falando? — inquiriu. Em cima da cama de Pedro os olhos do gato brilhavam na escuridão. Acendeu a luz e ele não estava lá. Marta sacudiu o corpinho de Clara dentro do berço. — Maldita criança, onde está o gato?

João apareceu na porta, esfregando os olhos e confuso. — Que diabos?

— Aquele gato entrou de novo — respondeu disfarçando, afastando-se do berço de madeira branca descascada.

Clara começou a chorar e João a colocou na cama do irmão de cinco anos, como eram muito próximos isso acalmava a menina. Pedro abraçou a garotinha, uma imagem bonita de se ver. A falta de sensibilidade cegava o homem para a expressão de puro descontentamento de Marta.

— Deixe os meninos criarem esse bicho e pronto, Marta. Você cria caso

por tudo também, é só um gato.

— Não gosto de bicho — respondeu rispidamente.

A luz foi apagada e João a conduziu de volta para o quarto do casal fechando a porta e encerrando o assunto. Ela não dormiu. Passou o resto da madrugada fitando uma fresta, onde a luz acesa do corredor incidia debaixo da porta.

Os sons da casa ganhavam vida durante a noite, um ou dois estalos da geladeira na cozinha, o ranger da corrente do vaso de samambaia pendurada na varanda e a água enchendo a caixa no telhado. Barulhos comuns que, em sua cabeça, ocultavam os movimentos traiçoeiros de Maria Clara no quarto ao lado.

Pedro chorava quando a mãe levantava a voz com a irmã ou segurava com força o braço dela, coisa que nunca fazia com os meninos, Pedro intervinha nesses momentos lançando um olhar incrédulo e profundamente magoado para Marta.

O filho era um menino bom.

Bom demais para notar os traços de maldade da irmã, pequenos atos cotidianos, indícios da coisa ruim que vivia dentro dela. A luz contínua da fresta fora interrompida por uma sombra, Marta sentou na cama olhando para o marido. Alguém estava em pé do outro lado da porta, pensou em Clara, fora do berço poderia vagar pela casa. Apurando os ouvidos percebeu o completo silêncio, até a casa prendia a respiração para entender o que acontecia. A sombra afastou-se dando coragem a Marta para levantar. Colou a orelha na porta e ouviu o som de algo sendo arranhado no corredor. Com cuidado pôs a mão na maçaneta, girando devagar abriu um pouco mais a porta, o suficiente para ver o corredor.

Vazio.

Caminhou com pés descalços no piso frio, a lâmpada acesa dando-lhe falsa segurança, porque por uma estranha convenção enraizada dentro de si o mal não criaria força na presença da luz. Espreitou dentro do quarto de Roberto, ele dormia tranquilamente. O filho mais velho de personalidade muito semelhante a do pai, era indiferente às sutilezas diárias. Aproximando-se da porta do quarto das crianças notou arranhões ao redor da fechadura. Profundos sulcos que não estavam ali minutos antes.

Maldito gato.

Adentrou o quarto com cautela, na cama de Pedro os irmãos continuavam dormindo abraçados.

O som de arranhão recomeçava, dessa vez no andar de baixo. Deitar e fingir que não os ouvia seria uma opção, todavia temia dormir e acordar com as garras afiadas do gato arrancando seus olhos. Desceu um degrau por vez, apurando a audição a cada passo, tentando se antecipar aos movimentos do gato.

A escuridão roubava-lhe a coragem.

O abajur estampado ao lado do sofá e a cristaleira de madeira projetavam sombras, silhuetas anormais movimentando-se mesmo com tudo estático ao redor. Faltando três degraus para acabar a escada, parou, a pia da cozinha podia ser vista, um vulto negro pulava de cima dela, sem pressa. Marta tomou uma vassoura nas mãos, sua alma já condenada estava pronta para matar um gato.

Outro gato.

O inferno não se tornaria mais quente por isso. Esse seria um teste, uma preparação para o ato final aos quinze anos de Clara. Apertando o cabo da vassoura caminhou em silêncio, dando a volta na mesa, conseguiu ver a ponta do rabo passar rápido pelo sofá. Marta avançou rápido e escorregou em um poça. Segurou-se na cortina para não cair, em vão, os prendedores soltaram-se do trilho, um por um, e a cortina despencou junto dela, tapando seu rosto com renda branca. O gato chegou perto, seus olhos grandes refletindo a luz da rua.

— Marta? — João perguntou no andar de cima.

Por que o gato não levou um susto com o barulho?.

O gato andava vagorosamente em sua direção, a respiração curta de Marta subindo e descendo no peito. De cara com o animal, seus pequenos dentes mudavam de forma, todo o corpo curvado, alongando-se. Criou-se músculos avantajados por baixo da pelagem macia, e garras compridas terminadas em grandes agulhas negras salientavam em sua direção. Um demônio, tinha certeza.

— Marta? Que barulho foi esse? — João insistiu, colocando a cabeça no alto da escada.

— Nada não. — Marta ouviu uma voz sem origem definida responder.

Uma voz como a dela.

No momento em que tentou ficar de pé a cortina prendeu seus braços no trilho, estirando os membros com uma força invisível, em uma posição semelhante à de uma pessoa crucificada. Uma tira de pano atava a boca e outra prendia a cabeça. Ele vinha sorrateiro fazendo círculos com a garra.

Respirando forte o demônio chegou perto, Marta fechou os olhos, o hálito quente misturando-se ao seu.

— Marta venha logo, tenho que acordar cedo! O que está fazendo, mulher?

— Vá deitar, querido. — Sua voz que não era sua respondeu mais uma vez.

O demônio parou diante dela, os mesmos olhos de gato faiscando, pressionou a ponta da garra na pálpebra da mulher, perfurando-a. A dor fez os olhos abrirem e os lábios murmurarem dentro da boca atada uma oração ensaiada desde a infância.

“Querida Mãe Nossa Senhora Aparecida, Vós que nos amais e nos guiais todos os dias...”

O demônio partiu o tecido que cobria-lhe a boca, desafiando-a a continuar.

“...vós que sois a mais bela das Mães, a quem eu amo de todo o meu coração...”

Foi desnecessário dizer sobre sua intenção, aquilo que a afligia na cama, o pensamento de ter os olhos arrancados... Era essa a vontade do demônio. A garra rasgou a cortina e furou a pálpebra. Uma lágrima de sangue formou-se em seu rosto e a criatura lambeu, satisfeita, enquanto apertava o seu pescoço. *“Morreria ali? Pelas ordens do demônio que chamava de filha diante dos outros?”* Marta enfim gritou e João desceu as escadas correndo. O homem presenciou uma das cenas mais grotescas de sua vida. A mulher embolada na cortina e aos seus pés um gato. Estraçalhado. João levou a mão à boca. O bicho tinha a barriga aberta e suas vísceras espalhadas pelo chão, pensou ter visto uma das partes das entranhas se mexer e desviou o olhar. No corpo Marta carregava as marcas da luta, arranhões no rosto e pescoço. A controvérsia de qualquer atitude esperada de João, ele apenas disse uma frase e a deixou sozinha.

— Essas cortinas eram da minha mãe. Para seu bem quero acordar e vê-las brancas.

Capítulo 10

Com exceção do tapete, irrecuperável na lata de lixo, e de seu rosto abatido e retalhado, tudo na casa amanheceu como antes. Marta passou a noite acordada limpando a casa e sobressaltando-se a cada mínimo ruído. O demônio voltaria? O medo dizia que sim, o vestígio de racionalidade dizia que não. Discórdia e medo haviam sido disseminados e Marta imaginou o demônio sorrindo satisfeito. Quando acabou a arrumação sentiu vergonha de entrar no quarto do casal e encarar o marido, permaneceu sentada no sofá observando o local onde ficava o tapete, sentindo falta das cortinas e da tranquilidade que habitava sua casa.

O dia amanheceu e Marta ouviu tensa os sons do andar de cima, a cama rangendo e a descarga sendo acionada. Colocou o café na mesa, os talheres alinhados e bem polidos. Evitou os olhos do marido quando finalmente ele apareceu na cozinha depois de anunciar a chegada com passos duros e lentos na escada. Preguiçosamente e tomando uma xícara de café, João inspecionou a cortina. Encontrou a emenda da costura, o rosto dele ficou vermelho e franzido. Marta esperou uma explosão, mas ele se conteve, paralisado vários minutos com o tecido na mão e quando finalmente falou sua voz foi calma.

— Deixe as crianças com a vizinha e venha comigo — ordenou seco e autoritário como em poucas ocasiões. Marta obedeceu, nunca poderia revelar ao marido seu envolvimento com o maligno. Preferiria morrer ou parecer louca a ter sua fé questionada por ele. Sua devoção e religiosidade eram traços imaculados para João, sua maior, senão a única qualidade. Marta deixou as três crianças com a vizinha. Georgiana em um primeiro momento torceu o nariz avantajado, entretanto ao ver os olhos encovados e o arranhão mal escondido por maquiagem soltou um sorriso amarelo. Seria oficialmente a detentora dos direitos daquele boato, comentaria com todos da rua o quão abatida Marta esteve naquela manhã. Caminhou pelas ruas de Aparecida ao lado do marido, o silêncio dele tornando a situação insuportável, pareciam desconhecidos obrigados a andar lado a lado.

João aguardou estarem sozinhos para falar. Pararam em frente uma loja e ele disse suavemente.

— Isso que aconteceu essa noite, não vai se repetir, Marta. — Tragou o cigarro profundamente, porém a expressão do rosto denotava ausência de prazer em inalar a fumaça. — Saio de casa e levo os garotos comigo. O que você fez com o gato não é coisa de Deus.

— João, por favor.

— Cale a boca. — Jogou o cigarro no chão e esmagou a ponta com o sapato finamente engraxado. — Esse assunto morreu. Entendeu? — Colocou dinheiro na palma da mão dela e fechou os dedos, como adultos fazem com crianças quando estão irritados. — Compre um tapete novo e dê um jeito nessa cara. — O queixo pronunciado apontando para a mulher indicava o descontentamento com a aparência. Antes tão bem vista.

Levou mais de uma hora para escolher um tapete praticamente igual, a cor da estampa variava um pouco, contudo até para ela que varria o antigo todos os dias, a diferença não saltava aos olhos. Voltou sem pressa, com medo de olhar nos olhos de Clara e ver a perversidade do gato neles. Já imaginava o falatório da vizinhança, contudo não havia uma só pessoa dentro de casa. Todos olhavam para ela e cochichavam. mas só ao dobrar a rua e ver um carro de polícia parado entre sua casa e da vizinha, cogitou a possibilidade de realmente ter ocorrido algo grave. O som da sirene estava desligado, chamando atenção só para a luz piscando. Sua caminhada lenta na direção da casa da vizinha não despertou os policiais. Quando um deles segurou seu braço era tarde. O vermelho colorindo o gramado verde e o cachorro morto na rua explicavam em imagens onde palavras seriam inúteis.

Aquele era um cenário de uma tragédia. O grande animal fora abatido a tiros, a boca aberta banhada em sangue vivo. Um pedaço de madeira caído no meio da rua. Ele lutou e perdeu, mas a quantidade de sangue em seu corpo revelava algo mais... O sangue pertencia a mais alguém. Uma pessoa. A senhora da casinha amarela da esquina chorava sentada no meio-fio do outro lado rua, os cabelos enrolados em bobes, fios soltos ao redor da cabeça. A aparência desalinhada não combinava com a mulher, sempre bem arrumada. Fazia o tipo de pessoa bem-apeçoada, sempre pronta para tirar uma foto perfeita ou aparecer na televisão. A morte do cachorro seria o suficiente para deszelo da figura vaidosa? Marta viu Clara no colo da vizinha, escondendo o rosto no pescoço dela e Roberto sentado em um banquinho.

E Pedro, onde estava?

Pedaços de tecido empapado em líquido escuro percorriam um caminho até os fundos da casa, uma pontinha azul revelava ser a camisa do menino. Um policial segurou o braço de Marta com força.

— Venha comigo, senhora — ele disse, de cabeça levemente abaixada.

Marta se soltou com paciência e delicadeza, encarando o homem nos olhos, e continuou seguindo o tecido e as manchas. Nos fundos da casa,

debaixo de uma árvore, jazia o corpo do menino. O rosto desfigurado virado de lado em anatomia anormal, com sangue misturado a terra e folhas. Um dos olhos arrancado e os dentes em permanente sorriso onde faltava-lhe os lábios e uma parte da face. O monte de carne retorcido e morto era seu garotinho.

Meu Pedrinho...

Sentou-se ao seu lado e rezou, pessoas chegavam para olhar e a única consideração mostrada foi o silêncio. Marta esticou o tapete que acabara de comprar sobre o filho e impediu sua retirada até João chegar. Quando o marido chegou a abraçou e murmurou em seu ouvido.

— Isso é culpa sua, Marta. Eu sei que é.

Afastados, ficaram ali ao lado cadáver do menino, olhando-se. Toda a dúvida sentida em relação a cumprir a promessa esvaiu-se. Em luto decidiu honrar sua missão e o chamado divino chegou junto ao pranto. Clara tinha matado seu garotinho, provando ser uma criança maldita. Pedro encontrava-se morto provando isso. Uma nova dor, permanente. Marta despertara um mal muito grande. Cabia a ela livrar sua família dele, antes deveria purificar aquela alma e cumprir a promessa. Seu medo era sobreviver ao lado da maldade até ela completar quinze anos. A idade não era aleatória, pois representava o fim da inocência, o exato momento onde os pecados da vida adulta estariam marcados na alma, imperdoáveis, caso estivesse afastado de Deus. Mas no dia em que fez a promessa sequer pensava que seria tão importante cumpri-la.

Capítulo 11

O único alívio da presença venenosa da menina dava-se no período escolar. Marta parou de dar aula com o seu nascimento e dedicava as tardes somente às orações. Contava com Roberto, então com doze anos, para levar e buscar Maria Clara na escola. Pedrinho fazia uma falta difícil de aplacar, em todo canto da casa sua lembrança reverberava em solidão nas tardes de oração. Torceu tanto para que ele nascesse uma menina, temia outra criança bruta como Roberto. Mas seu garotinho não foi assim em nenhum dia de sua vida. Muito sensível, se comunicava com as pessoas em gestos e olhares, sempre gentis. Sozinho percebia o estado de humor das pessoas ao seu redor e sem querer nada em troca dava-lhes amor. Fora isso que o matou, de uma forma muito espiritual Pedro tinha conhecimento da relação conturbada entre ela e Clara. Ele apaziguou os conflitos e pagou com vida o excesso de amor distribuído a quem nunca o mereceu.

Sua própria família.

Todo mundo tem um anjo na vida e o dela morrera precocemente combatendo o mal, dormia abraçado a ele, tentando transformá-lo com amor. Desse dia em diante a hesitação acabou. A decisão de extirpar do mundo tudo que Clara representava estava enraizada em seu coração eternamente de luto.

Como as coisas ruins gostam de surpreender elas ocorrem entre lacunas de normalidade. Foi em um dia desses cinzas de julho o fim de uma fase normal. O horário de cinco e quinze chegou e passou rápido demais até a hora parar no minuto em que notou o atraso dos filhos. Então o ponteiro do relógio pesou dentro da caixa plástica estampada de frutas na cozinha. Os pés bateram aflitos no piso da varanda, no final da rua as crianças não apontavam. Acenava sorridente para a vizinhança pouco interessada em despertar a curiosidade dos outros. Quem apareceu no final da rua foi João, a pasta debaixo do braço e Roberto ao seu lado. Ambos apressados. Marta correu ao encontro deles.

— Cadê a menina? — indagou, incrédula de sua ausência.

— Teve um acidente na escola, me ligaram no mercadinho.

Ela abraçou o filho.

— Você está bem? O que aconteceu?

— Mandaram todo mundo pra casa, menos a turma da Clara. Ninguém sabe o que aconteceu.

— Roberto — João interrompeu. — Vai pra casa da dona Georgiana, nós vamos buscar sua irmã.

Quando o menino se afastou, Marta perguntou de novo o que tinha acontecido. Nervoso, ele gritou em resposta.

— Que merda, mulher! Já disse que não sei.

Várias pessoas cercavam a escola e somente os pais das crianças da turma de Maria Clara estavam autorizados a entrar. A visão da viatura na porta remeteu ao incidente de Pedro, Marta adentrou o pátio berrando para ninguém em especial.

— Quero saber o que aconteceu com a menina! Cadê a menina?

Algumas mães choravam e se abraçavam em um canto, enquanto alguns pais falavam com a polícia. Era um cenário caótico e, ao som de ambulâncias se aproximando, reparou em uma das mulheres encostada na parede, com o rosto avermelhado de choro ela disse:

“ *É ela* ”.

Se referindo a Marta.

A diretora da escola apareceu com bolsas inchadas e avermelhadas debaixo dos olhos.

— Nós lamentamos muito o que aconteceu. — Ajeitando os óculos, solicitou que a acompanhassem. Passando por uma das salas de aula eles viram um pequeno corpo coberto com um plástico preto.

— Onde está minha filha? — João perguntou aflito.

— Por favor, aqui na frente dos outros pais não. Vamos para minha sala.

— Olhe aqui, mulher! Já perdi um filho então fale logo! — João gritou atraindo olhares.

— Maria Clara está bem, comparada às outras crianças... — Dentro da sala da diretora ela se serviu de um copo de água e prosseguiu com a voz embargada. — A turma da sua filha tem entre sete e oito anos de idade, não são bebês que precisam de vigilância constante. A professora Maria Alice é uma boa mulher. Mas...

— Mas o quê?

— Ela saiu uns minutos da sala e deixou as crianças copiando a lição no quadro. Quando voltou a porta estava trancada e tudo quieto lá dentro. Mandamos que abrissem e demorou até o zelador arrombar a fechadura. — Muito abalada parou um momento para secar o nariz e os olhos. — Uma das crianças atacou as outras com mordidas. Quando eu entrei não acreditei... Muito sangue pelo chão e três crianças estão mortas... — Alguém bateu na

porta, abriu uma fresta e o rostinho de Clara apareceu. João levantou e pegou a filha pelos ombros. Clara tinha um antebraço enfaixado.

— Você fez isso? — Marta perguntou para a menina, horrorizada. Seus olhos não se encontraram, Clara ficou parada, cabeça baixa. Fazendo aquilo de esfregar os dedos nas palmas das mãos que incomodava tanto Marta.

— Não, Dona Marta! — interveio a professora da menina, igualmente abalada com a situação. — Sua filha foi atacada também. Ela teve sorte, mas acho melhor a criança não participar dessa conversa.

— A menina fica! — Marta interpôs.

— A senhora está me dizendo que crianças foram mortas a mordidas por outra criança? — João mantinha Clara colada a seu corpo, segurando-a pelos ombros. A diretora confirmou com um aceno e João se voltou para a filha. — Clara, o que aconteceu?

— É. O que aconteceu? — Marta acrescentou.

— O Carlinhos mordeu a gente, mãe — a menina respondeu, levantando o rosto e paralisando o leve tremor dos lábios em uma expressão séria, quase desafiadora.

— Onde estão as outras crianças para explicar isso? — Marta levantou. — Fui professora por vinte anos e nunca ouvi falar de coisa tão grotesca em uma escola. Crianças brigam no recreio, mas isso?

Um mal-estar silenciou todos na sala, a situação ultrapassava o absurdo. Marta trazia no tom de voz convicção inabalável.

— Peço que a senhora não se altere, a menina Clara foi a única que sofreu ferimentos leves. Temos famílias que vão enterrar seus filhos e outras crianças estão gravemente feridas.

— Vamos levar nossa filha para casa, Marta. — João a segurou pelo braço delicadamente.

— Ninguém sai daqui até eu descobrir o que aconteceu de verdade... — Marta socou a mesa.

— Carlinhos levantou e fechou a porta. — A voz fina de Clara espalhou-se com suavidade. — Ele parou na frente da mesa da Júlia pegou o braço dela e mordeu. Todo mundo olhou assustado, porque ela não tentou tirar o braço da boca dele. — A menina não piscava, descrevia o ocorrido, com olhos vidrados e sem tomar fôlego. — Ele continuou. Eu levantei e fui pro fundo da sala perto das lancheiras e fiquei abaixada ali. Carlinhos mordeu todo mundo e eu fui a última, mas quando chegou minha vez... — Clara se virou para o pai chorando e sussurrou. — Ele quase não tinha dentes.

— Isso é verdade, o menino perdeu os dentes de leite enquanto mordia outras crianças? — João perguntou à diretora.

— Quando arrombamos a porta ele estava caído no chão, agonizando. Alguns dentes aos pedaços e outros encravados em alguma crian... — A voz da diretora foi embargando e falhando até culminar em um choro descontrolado.

João saiu da sala levando Clara.

A questão foi sepultada por todos, menos por Marta.

Clara nunca mais pôs os pés na escola, as pessoas encaravam a atitude como superproteção de mãe, todavia o que Marta queria era resguardar as outras crianças. Nada no mundo iria inocentar a menina. Como o cachorro que matara seu filho, Carlinhos fora controlado pela vontade diabólica de Maria Clara. Tinha plena convicção disso.

Capítulo 12

A multidão empurrava a fila para a frente. Romeiros de todas as regiões do país se aglutinavam para ter um momento diante da imagem de Nossa Senhora Aparecida. Era doze de outubro, o dia da padroeira e feriado nacional, mas era um dia mais que especial. Porque em maio daquele ano de 1978 a Santa havia sofrido um atentado e os féis viram a imagem despedaça ao chão. Após a restauração, a imagem retornou à cidade sobre um carro de bombeiros, um verdadeiro corredor humano foi feito da Avenida Paulista até a cidade de Aparecida. Multidões vinham de bairros distantes ou de pequenos povoados às margens das estradas, as pessoas se alinhavam no decorrer do caminho, na esperança de poder ver a Santa. Alguns motoristas subiam nos tetos dos carros e ficavam de joelhos em oração enquanto ela passava. A santinha estava de volta.

Diante do vidro que resguardava imagem se viu refletida magra e abatida. Estava exausta. Fazia poucos meses que educava Clara em casa, mas com o decorrer do tempo começou a pensar como aquilo era um desperdício de tempo.

Me perdoe por trazer o mal para nossa casa...

Foi o único pensamento que teve tempo de concretizar diante de Nossa Senhora Aparecida, a fila andava empurrando-a devagar. Todos tinham pedidos a fazer ou milagres para agradecer. Do lado de fora, enxugando lágrimas, sentiu-se tonta e foi amparada por um senhor de idade avançada.

— É emocionante né? — ele perguntou, mas pela expressão em seu rosto não esperava resposta. — Ela voltou e eu agora consigo dormir de noite. Enquanto Nossa Senhora estava longe, a cidade parecia tomada de tristeza, um troço ruim mesmo.

— É sim, muito emocionante — Marta respondeu, reparando os olhos vermelhos dele.

O homem sumiu na multidão, mas suas palavras despertaram um pensamento perturbador em Marta. Havia algo ruim na cidade. Não apenas em sua vida, mas em Aparecida.

Um troço ruim...

E se fosse essa força que tivesse atingido até a imagem da Santa? Seria sua culpa. Marta não poderia mais esperar a promessa ser cumprida. Pedro estava morto e outras crianças também, quem seria a próxima vítima do mal despertado naquele ritual? Jamais cogitou voltar àquele lugar, mas sabia que somente uma pessoa poderia lhe dar respostas e quem sabe ajuda. Decidiu

procurar pela magista Sônia. Andou apressada pela multidão pisando nos pés das pessoas.

Demorou horas para chegar ao local, a condução no dia do feriado era precária e quando bateu no conhecido portão de madeira o sol começava a se esconder.

— Eu quero falar com a Sônia — disse sem cerimônia para a mulher que abriu o portão.

— Quem é você? — a mulher perguntou, diminuindo a abertura.

— Nem pense em fechar esse portão na minha cara! — ameaçou, tremendo as carnes flácidas do braço ao empurrar o portão para dentro. — Vim de longe, menina — acrescentou, mesmo a mulher estando na casa dos trinta anos.

— Tenha calma, Marta. — Ouviu a voz de Sônia dizer. Empurrou o portão com força atropelando a mulher na sua frente, que saiu contrariada.

Sônia regava as plantas com tranquilidade

— Já tive muita calma nessa vida e olha só onde isso me levou! — Marta apertava as alças da bolsa, um terço pendurado nela balanço impaciente junto com seu corpo.

— Esperava você alguns anos atrás. — Sônia continuava a tarefa com gestos delicados. — O que você quer dessa vez? — Levantou os olhos que tomavam um tom avermelhando com a luz do sol. Sorriu ao ver a blusa branca de Aparecida que Marta vestia.

— Você não me deu uma filha, me deu um demônio.

— Fiz um ritual oito anos atrás, minha responsabilidade acabou ali...

— Ela matou! — Marta gritou, fazendo os cachorros da casa vizinha latirem.

— Ela matou duas vezes e vai matar de novo e de novo se eu não fizer nada.

— É só uma criança, Marta.

— NÃO É UMA CRIANÇA NORMAL! — Marta bateu com força no regador de plantas fazendo o objeto se espatifar no chão, o peito subindo e descendo, violento. Esteve ao ponto de agredir Sônia e arrancar dela uma solução a base da força. — Existe um troço ruim nela. Um mal muito grande e ele está entre nós.

— Estou vendo — Sônia respondeu secamente. — Todo ritual tem seu preço, Está pagando o seu.

— Não. Quem pagou foi meu filho e outras crianças inocentes.

— Vou te dar um objeto. — Sônia recolheu o regador do chão e entrou na casa. Pelo seu andar cambaleante percebeu que havia algo errado com sua

saúde. — Espere aqui e não quebre mais nada.

Após alguns minutos ela retornou com uma bolsa de palha, fazia força para erguê-la. Marta olhou dentro e viu um estranho objeto, semelhante a um vaso antigo.

— Isso é uma urna de Salomão — a magista explicou. — Nela você pode aprisionar todo o mal, uma vez feito jamais pode ser aberta e deve ser guardada na casa. Funciona.

— Como eu faço isso?

— Fé é o bastante. Vejo que recuperou a sua, não é?

— Obrigada... — Marta abrandou a voz e iniciou um pedido de desculpas, mas Sônia a interrompeu levantando a mão impaciente.

— Vá embora da minha casa e nunca mais volte. Não quero saber de sua filha e de seus demônios. Existem coisas que já estão escritas e não importa o quanto tente apagar ou rescrever por cima elas são o que são.

— Está dizendo que não tem como consertar o mal que já foi feito? — Marta perguntou, sentindo que retomava a raiva a cada palavra, pois foi ali que tudo começou.

— Me diga você. Tem como trazer seu filho de volta? Você escreveu por cima de sua história quando fez o ritual. Tente fazer isso do novo e o papel do destino vai se rasgar em suas mãos.

Marta abraçou a bolsa e foi embora. Agora possuía uma forma de conter a maldade de Clara até completar a idade para cumprir a promessa. Talvez sua alma pudesse ser perdoada e apesar de viver um inferno na terra teria a oportunidade de encontrar Pedro no céu, e se algum dia tivesse existido um espírito puro dentro de Clara ele conseguiria encontrar a luz. Mas para isso acontecer tinha que ser forte. Era disso que sua família precisava, uma mulher forte para colocar as coisas nos eixos e não permitir que todos caíssem em desgraça.

Capítulo 13

Se algo seria capaz de reverter parte do mal que se instalava sobre a vida de Marta, seria acender aquela vela e cumprir a promessa. Conforme os anos passavam se tornava mais difícil chegar ao topo da colina e entrar na igreja. O corpo reivindicava uma trégua e o espírito havia perdido em algum momento do passado quando passou a incluir a morte da filha em suas orações. O aniversário de Clara fora cercado de morte e danação, anualmente na data especial o mal exercia seu poder sobre a família. João era incapaz de relacionar as tragédias à filha, mas Marta conhecia sua origem e, nos momentos que o coração se apertava com alguma pergunta aparentemente inocente da menina, a marca entre as sobrancelhas recordava.

Nesses momentos, a visão do demônio serpente destilando seu veneno contaminava também seus pensamentos. O tempo passou impulsionando mãe e filha para longe do único lugar capaz de fornecer alguma paz para seu espírito. O rosto tranquilo de Clara assustava. Como a menina podia se manter indiferente a tudo? Não se recusava a ir até a igreja ou carregar a vela, mas havia alguma coisa em seus olhos negros além da cor ou do foco, uma serenidade aterrorizante, não existia medo dentro de Clara.

“O homem que vai até a casa do diabo, partilha da sua comida, bebe da sua bebida, mas não teme sua ira. É mais perigoso que o próprio diabo, pois somente quando o aprendiz supera o mestre ele deixa de temê-lo.”

As palavras do livro de salmos do padre Jonas, um presente de anos atrás, estavam gravadas em sua memória. Marta olhou para a filha dentro do vestido branco, segurando a vela entre as mãos, parecia inocente, quase um anjo de olhos fechados. Com eles abertos os pelos dos braços de Marta se eriçavam e os músculos do seu pescoço endureciam, de alguma forma eles estavam calmos demais para alguém com o destino traçado.

Ela sabe.

Esse demônio maldito dentro dela sabe.

O aniversário de quinze anos finalmente chegou trazendo a possibilidade de encerrar o sofrimento de todos.

A promessa seria cumprida e Marta se livraria do compromisso com a santa. Carregava uma bolsa debaixo do braço com força anormal, dentro dela uma faca e a certeza de que a hora chegara. Estava confiante em ver o fim dos terríveis quinze anos e o elo com as forças malignas, desfeito. Depois de expiar seus pecados cumpriria o dever de um soldado de Deus: eliminar o

monstro trazido ao mundo, antes de Maria Clara ter plena consciência de todo o mal carregado dentro de si, antes de saber o propósito do próprio nascimento e os meios de sua tardia concepção.

Calada, não dizia nada sobre o calor intenso ou a rua movimentada, nenhuma reclamação ou pedido da sua parte deixavam a atmosfera ao redor delas ainda mais estranha. O calor subindo do concreto e o falatório das pessoas na rua aumentava o sentimento de confusão dentro de Marta. Muitas mães como ela carregavam crianças vestidas de anjo, um menino passou pelas duas com asas nas costas, a mãe sorridente e com lágrimas nos olhos carregava o menino nos braços e subia descalça a ladeira até a igreja. Outras pessoas faziam o trajeto de joelhos, e às vezes distinguia uma mancha de sangue seco no chão. Todos ali agradecendo uma graça alcançada enquanto ela pedia perdão por trazer ao mundo tamanha abominação.

— Esse ano parece que a igreja está mais longe, já estou cansada, mãe. — Clara finalmente quebrava o silêncio e por um segundo o sol iluminando seu rosto de frente pareceu criar sombras de asas em suas costas. — Está se sentindo mal? Quer parar um pouco?

— Não — Marta respondeu, a força nas pernas se esvaiu, suor escorreu de seu rosto e adentrou as roupas, grudando a camisa luxuriosamente na pele. Piscou com força e baixou a cabeça esfregando os olhos.

No chão uma sombra estranha se desprendia da menina, uma silhueta feminina com grandes chifres e pés de cabra. Marta segurou o peito querendo ser capaz de espremer toda a agonia do coração e olhou para filha, aos olhos dos outros ali não existia anjo ou demônio, somente uma menina de face corada pelo sol. A emoção chegou a garganta escorrendo o choro para dentro do corpo em vez de jorrar.

Iria matar sua própria filha.

Se segurou em uma parede e olhou para trás, a estranha sensação de estar sendo vigiada havia-se instalado em sua vida depois do ritual, entretanto dessa vez o sentimento se materializava em um corpo. Um homem de terno e sorriso perturbadoramente branco a observava de longe. A falta dos óculos não permitiu identificar a face, mas pela primeira vez durante todo o dia quente uma brisa passou por seu rosto trazendo um perfume. Racionalmente não poderia identificar o odor que as pessoas sentem antes de morrer. Mas alguma coisa dentro de seus ossos dotava do conhecimento, afinal a morte era uma adversária pequena para quem havia se deitado com demônios.

Marta pegou a filha pelo braço e assistiu horrorizada a menina deixar a

vela cair no chão com o susto. A vela partiu e ambas ficaram um longo tempo olhando o objeto separado em dois, e, quando voltou o olhar para o homem ele não estava mais lá. Clara insistiu para voltarem e comprarem outra vela.

Não há tempo.

— Eu posso voltar e comprar outra vela — disse Clara, olhando para trás em direção a descida que teria pela frente. — Te encontro aqui...

— Não se atreva a sair de perto de mim! Entendeu? — Uma nova inspiração foi necessária antes de continuar. — Maldita insolente. Vai ficar perto de mim, pensa que eu não sei o que passa na sua cabeça diabólica. Quer se encontrar com aquele homem, não é?

— Que homem mãe?

Clara olhava para o lugar onde ele estava e Marta não continha a raiva dentro de si. Segurou o rosto da filha com a mão, afundando as unhas na bochecha, forçando-a a olhar para ela. Notou os olhos molhados de choro contido calando na garganta as próximas frases acusatórias.

— Pegue a vela e vamos, a santa não vai se importar, você vai acender nem que sejam os pedaços.

Mãe e filha continuaram a subida, atraindo olhares. Alguns dos pedaços da vela, Marta guardou na bolsa junto à faca que esperava a hora de ser usada.

Capítulo 14

O ar da praça da igreja matriz recendia ao suor da fé de centenas de fiéis, apesar do sol ter se escondido dando lugar ao tempo nublado de nuvens volumosas e trovoadas intensas. Eles permaneciam inabalados. O sangue e o suor eram das pessoas que subiam ajoelhadas as ladeiras de Aparecida, carregando cruzeiros em penitência e tantos outros sacrifícios da carne para demonstrar a fé e agradecer pelos milagres concedidos, essa mistura dava odor ao ar compactado pela multidão. Muitos rostos marcados por lágrimas demonstravam a gratidão pela graça alcançada.

A fila para entrar na igreja matriz não deixava dúvidas, não importasse o tempo para entrar ou o calor da espera ninguém iria desistir. Descumprir uma promessa era uma chaga terrível e um devoto não queria carregar esse pecado. Nenhum deles possuía um fardo tão grande como o de Marta, criar o fruto de um ato abominável para expiar seus pecados, purificar sua alma e depois livrar o mundo de seu convívio. Cada um com sua cruz, física ou espiritual, mantendo o corpo em movimento em direção ao altar de Nossa Senhora Aparecida. Ali os pecados seriam perdoados e as esperanças renovadas.

O livro de salmos do padre Jonas acalmou o coração durante os anos mais difíceis, mas também plantou uma dúvida. Maria Clara seria uma criatura má ou apenas um fantoche nas mãos do demônio? Bem no fundo nutria esperanças de que, ao tocar sua pele com a lâmina rezada, um espírito maligno deixasse seu corpo para sempre. Aos pés da santa iria desferir um golpe certo no coração da menina e se inocente fosse, seria poupada.

Esperar o mesmo perdão e graça era inútil. Sua alma fora corrompida de maneira irreversível e seu lugar no inferno fora reservado no dia em que abriu as pernas para um demônio entrar e teve prazer com isso. Ao se deitar com o marido recorria à lembrança doentia para resgatar parte da sensação prazerosa e chorava. O maligno seduzia e oferecia prazeres da carne e imediatos. Uma vida correta aos olhos de Deus agraciava o fiel com paz de espírito, mas Marta se encontrava entre os dois mundos, perdida. A falta de prestação de contas pelos atos e uma vida de luxúria nada tinha a ver com sua família, assim como, era impedida de obter o perdão e seguir em frente no caminho de Deus. Talvez ao cumprir a promessa, no dia de seu julgamento, alcançasse algum perdão e sua alma descansaria em paz. Padre Jonas tentou convencê-la

a se confessar, a comunidade notou seu afastamento da igreja, continuava comparecendo as missas, porém as lágrimas ao receber a eucaristia, alarmavam os mais atentos.

Apenas três degraus separavam Marta e Clara da entrada da igreja. Ambas carregando nos corações os anseios de deixar para trás o compromisso anual. A menina queria entrar rapidamente e executar o ritual feito nos últimos quatorze anos. Igualmente ansiosa, Marta transpirava apesar de o calor ter abrandado com a virada do tempo. A fila para entrar na igreja, empacou uns minutos e a mulher levou as mãos para dentro da bolsa querendo constatar se a faca ainda estaria ali.

No céu, o sol que antes castigava se escondia em nuvens pesadas e escuras, a chuva de verão chegava no final da tarde como de costume na região. O dia escureceu e a essa altura Marta não imaginava ser impedida por nada mais, de onde estava mirava com olhos emocionados e temerosos o local onde acenderia a vela aos pedaços. Uma longa trovoadá ressoou e dentro da igreja viu o homem de terno claro e sorriso malicioso. Fincou os pés no chão querendo não seguir em frente e encarar seu rosto, pois de alguma forma sentia que o conhecia e temia desvendar sua identidade.

— O que foi, mãe? — Clara dava alguns passos à frente adentrando a igreja. — Vamos logo, vai cair um pé d'água.

Marta não impediu seu avanço. O homem esperava por ela e não pela filha. Ninguém no céu ou no inferno ajudaria a cumprir sua missão. Uma determinação doentia tomou conta dela, o medo dilacerava a fé como a vela carregada na bolsa. Maria Clara insistiu para que entrassem logo e do sinal entre os olhos da menina uma mancha surgiu, crescendo e escorrendo pelo rosto com cor e textura de sangue. O homem de terno sorria, braços cruzados de frente para o altar da igreja.

Com anos de experiência em visões assustadoras soube identificar que somente ela conseguia ver. Isso não diminuía sua consternação. Assim tomou a faca nas mãos, as pessoas ao redor sequer notaram, cada um ali olhava para o céu e para a chuva anunciada com estardalhaço ou abaixava a cabeça de olhos fechados para entrar no lugar santo. Marta levou a faca no alto mirando o pescoço da filha, Clara de costas sentiu um arrepio, mas não olhou para trás, a forte vibração vinha de dentro da igreja e ela desejava entrar. Fazendo o sinal da cruz parou um instante. Marta não duvidou, o apocalipse havia chegado e o som que ouviu explodindo seus tímpanos deveria ser o da primeira trombeta.

O som ganhava vida dentro de seu corpo, a luz se espalhava a partir dela, mas não era algo abençoado, não correspondia ao prazer do arrebatamento. A luz queimava, tremendo os ossos com tamanha violência e força capaz de quebrar os mais resistentes. Ficou sem tempo para se arrepender, a faca derreteu em sua mão se misturando a carne cozida e nenhum pedido de desculpas foi ouvido. Os dentes se chocavam uns aos outros e o corpo de Marta morreu antes de tombar ao chão. O raio que a atingiu na porta da Igreja matriz, a matou e mais quatro pessoas na hora.

Clara foi puxada para dentro da igreja e só acordou no hospital. A promessa não tinha sido cumprida e as pessoas que sabiam da origem do nascimento de Clara nunca iriam procurá-la. O segredo obscuro estava bem guardado na morte da mãe.

Guardado... Não esquecido.

Parte II - Anticristo

E o sétimo anjo derramou a sua taça no ar, e saiu grande voz do templo do céu, do trono, dizendo: Está feito.

Apocalipse 16:17

Capítulo 15

Ao acordar e sentir a cama dura debaixo corpo, Clara agradeceu, estava viva e todas as coisas horríveis que a atormentavam deveriam ser fruto podre de pesadelos. O sono ainda persistia e a ânsia de bocejar chegou para esclarecer a mente. A boca não se mexia e a dor deveria ser real. Alguém saiu da claridade da janela e passou por outras camas, estava em uma enfermaria.

— O médico disse que deslocou o osso da boca. Não pode falar por alguns dias. — Os cabelos grisalhos do pai refletiam a luz do sol, mas o que atraiu seus olhos foi a camisa amassada. Marta jamais deixaria o ato de rebeldia do pai passar sem sermão. Não importasse quantos ossos tivesse quebrado, a mãe jamais permitia alguém sair amarrotado de casa.

Porque ali tinha uma mulher...

O pensamento chegou lento, ao olhar para o lado direito e ver seu irmão Roberto, igualmente mal alinhado, calça sem cinto. Perdido. Tentou abrir a boca mais uma vez e não conseguiu, a dor insistindo em aumentar.

— Vai ficar tudo bem, Clara. — A enfermeira entrou no quarto com uma bandeja na mão e nada mais foi dito. A sentença seria verdade ou uma frase parte do instrumento de trabalho da mulher de mãos leves e traços duros? Na realidade nada ficou bem depois desse dia, assim como tinha sido verdadeiramente bom antes.

O pai e o irmão foram embora, João deu uma batidinha na mão da filha e Roberto lançou um aceno mal sintonizado, do tipo que se manda para o motorista do ônibus quando se chega ao destino e não há nada para ser dito. Na manhã do dia seguinte, pôde andar um pouco no corredor e deixar o barulho das crianças da enfermaria para trás. Conheceu um homem em uma cadeira de rodas, ele tinha um braço e uma perna enfaixados. Gostava de conversar e emendava um assunto no outro sem se importar se os ouvintes o acompanhavam. Ele era um dos sobreviventes e contou detalhes sobre como um raio que caiu e desfez o corpo de uma mulher.

— O seu caso é problema de dente, minha filha? — ele perguntou, se referindo a faixa envolta da cabeça e do queixo dela. Clara concordou, pois não sabia como explicar o contrário. — Eu fui atingido por um raio, mas minha Nossa Senhora me salvou. Foi um milagre. Quem estava dentro da igreja foi poupado. Eu só fiquei assim porque tava um pé dentro e outro fora. Veja. — Ele demonstrou com orgulho, a metade direita do corpo intacto. — A parte que tava do lado de dentro foi salva pela minha santinha. — O braço

direito tinha a marca de uma fita de promessa. — A fitinha caiu, então além de me salvar a vida fui abençoado e atendido por ela. — Clara queria saber sobre o pedido, entretanto o homem se calou e virou para o lado com um riso abobalhado e começou a falar da juventude.

A hora da visita chegou e Roberto veio buscá-la. O médico deu alta sem examinar seu rosto dolorido, apenas lançado cartelas de comprimidos em suas mãos. A calça de Roberto continuava sem o cinto e a camisa era a mesma do dia anterior. Não tinha mais uma mulher na casa deles, tinha certeza, ninguém para recolher as roupas sujas, passar as limpas e arrumar os conjuntos de calça, blusa, meias e cinto. Tudo ao lado de um sapato engraxado. Sua mãe nunca foi de dizer palavras bonitas e o cuidado com os afazeres domésticos tomavam conta do seu tempo. Isso e a educação de Clara.

“Criar uma menina decente nos dias de hoje está difícil”

Frase ouvida ao menos duas vezes ao dia. Clara não chorou, mas teve certeza de que a mãe estava morta, porque não importava o quão difícil fosse qualquer coisa, sempre tinha roupa limpa e passada naquela casa.

Roberto a amparou pelos corredores do hospital, um pouco desajeitado. O toque dele em sua pele era estranho. Recordou da bonita foto que o pai guardava na carteira, ela só tinha dois anos de idade, sentada na varanda de casa abraçada ao falecido irmão. Roberto na frente brincava com um caminhão de madeira e Pedro a abraçava, um sorriso contagiante no rosto. Lembrava-se vagamente dele, imagens compostas pelos elementos encontrados nas poucas fotos. Quando pensava nele inconscientemente abraçava o corpo, era isso que pensar em Pedro significava: um lugar seguro, um abraço. Em seu íntimo aceitou como uma regra básica da vida que Pedro era bom e caso estivesse ali seu toque seria quente e amigo, completamente diferente de Roberto e sua mão no ombro. Tudo vindo do irmão mais velho sempre fora desconfortável. Quase um desconhecido.

Talvez fosse melhor assim, a dureza dos gestos familiares seriam vitais para conseguir sobreviver aos terríveis eventos, apesar de ingênua, foi moldada uma criatura forte, pois sempre andou com as próprias pernas sem ter em quem se apoiar. Clara fincou os pés diante do banheiro parando com um solavanco.

— Mas o que foi? — Roberto perguntou. Ela indicou o banheiro e ele compreendeu. — Vá rápido, meu amigo vai levar a gente pra casa de carro.

Concordou com a cabeça e entrou no banheiro, um lugar sujo de odor

muito forte de desinfetante. Usou rapidamente o vaso sanitário, irritar Roberto ou permanecer no hospital mais um dia eram coisas indesejadas, contudo uma mancha de esparadrapos nas costas da mão desviou os pensamentos racionais da menina. Estava suja. Esfregou com o sabão líquido ralo em cima da pia, apenas um pote de água levemente colorida. Usou todo o conteúdo do frasco de vidro preso a parede. Os minutos passaram e Roberto perdia a paciência, batendo forte na porta e chamando atenção de uma enfermeira no corredor. Na pressa fincou as unhas para retirar o restante de cola ainda na pele, perfurando a carne até tirar sangue. Por fim abriu a porta saiu depressa do hospital quando foi ameaçada a ser internada por mais alguns dias. Roberto reclamava sobre a demora, mas a única coisa que pensava era que sua mãe estava certa, tinha algo errado.

“Você é suja. Podre por dentro e por fora, mas com fé e um esfregão dá pra limpar.”

Capítulo 16

No banco de trás do carro, observou de relance o motorista, amigo do irmão. Ele falava com alegria de assuntos fora de seu interesse ou simplesmente de eventos que não lhe diziam respeito. Não encarou seu entusiasmo como desprezo ao luto familiar, porque era nítida a vontade de distrair Roberto. Para ela ninguém dirigia importância ou preocupação, de certa forma foi um alívio, ao acordar no hospital queria sumir e se tornou invisível mesmo presente. Almejava apenas se recolher dentro de sua dor e compreendê-la, mas se o desejo fosse outro, um afago legítimo do irmão ou um alento verdadeiro do pai, receberia o mesmo de sempre. Sorrisos breves e sem dentes, mãos isentas de calor em toques rápidos e brutos, um aperto no ombro ou uma batida na cabeça. Um pseudoafeto dirigido a animais com quem se divide a casa, porém não o coração. Emoção idêntica a atenção dada ao cachorro do irmão, só um animal que é obrigado a tolerar.

O ar dentro do carro recendia a alguma coisa feminina. Nada vindo de Maria Clara, dela só cheiro de hospital e tristeza. Fitou a rosto do motorista por um minuto, já conhecia Henrique pelo diminutivo de Henri, contudo ela era novidade para ele, um rapaz muito bonito e alto para se interessar por uma criança como ela. O acidente jogou luz em sua existência e Henri a olhava pelo retrovisor mais vezes que o normal.

— Volto daqui a vinte dias e prometo te levar comigo. Vai enlouquecer, Roberto. As mulheres mais lindas, garotas de São Paulo com saias curtas e sem hora para chegar em casa. — Clara ficou observando os cabelos de Henri balançar enquanto falava. Sentindo a perna suar e grudar suada no banco do carro. Gostou do tom divertido da sua voz, mas detestou o significado de suas palavras.

— Não tenho dinheiro para entrar em lugar assim...

— Quem é meu amigo não precisa de dinheiro.

— E seu pai vai emprestar o carro? — Roberto bateu de leve na lataria admirando o carro, o som reverberou dentro do carro fazendo a cabeça de Clara latejar.

— Acho que vai me dar de presente depois da formatura, ele tem muito gosto da minha carreira militar.

— Obrigada, parceiro — Roberto agradeceu com a mão na porta, pronto para descer em frente de casa. Henri segurou sem ombro e eles ficaram ali um tempo se olhando.

Henri abriu a porta do carro para ela, cedeu a mão apoiando seu corpo enfermo e pela primeira vez seus olhares se cruzaram de frente. Ele sorriu com dentes mais brancos que o terno claro, e a mão dele macia e quente significou o maior conforto dado a ela nos últimos dias. O silêncio do irmão ou do pai se relacionava a rancores e preceitos fincados na raiz da família, anterior até ao seu nascimento. No entanto a falta de palavras de Henri representou algo bom e raro na vida da menina. Ele beijou sua mão sem perder o contato visual e a envolveu dentro da sua alma, em um casulo de afeto e consideração capazes de fazê-la encarar a dor e sorrir. Lágrimas brotaram de seus olhos grandes e negros, caíram sem testemunhas, Henri entrou no carro e Roberto levou a bolsa de Clara para dentro. Vizinhas fofoqueiras recolhiam roupas do varal com a maior lentidão possível sem ficarem paradas. Enxugou as lágrimas e entrou. A casa parecia vazia, mesmo com pessoas e móveis dentro.

Roberto sumiu dentro do quarto e Clara ficou sentada no sofá. Espiou a pia cheia de louça suja e o chão empoeirado. Silenciosa, a casa a envolveu em profunda tristeza. Quando enfim ganhou força nas pernas para levantar a porta da sala foi aberta balançando um pesado molho de chaves. Seu pai chegou cabisbaixo e pensativo, demorou para notar Clara. João abraçou a filha fracamente, não apenas por conta do corpo convalescido ou cuidado com seus ferimentos, a falta de intimidade entre os dois tinha mais a ver com um amor imaturo. Guardado verde dentro do coração do homem, um sentimento incômodo e presente. Uma semente sem germinar. Ele pôs três pratos na mesa da cozinha e começou a comer antes de Clara e Roberto se sentarem. O irmão logo seguiu o exemplo do pai. O coração acelerado impulsionou seu corpo para frente dando-lhe coragem para sair dali.

— Onde pensa que vai? Senta aí pra comer com nós.

Ela obedeceu e abaixou a cabeça encarando o prato, segurou garfo e faca, mas não sabia o que fazer em seguida, a boca abria somente poucos centímetros e sua dieta seria líquida nos próximos dias.

— Ainda não consegue comer? Eu me esqueci. — João largou a comida com raiva, afastando o prato sem cuidado. — Isso está uma lavagem. — Ele respirou fundo, largando o corpo para trás, esfregando o rosto e alisando o bigode avantajado. — Sua mãe, que Deus a tenha, foi uma boa mulher e não iria querer desorganização em casa. Sei que ainda é uma criança, Clara, mas o doutor falou que em alguns dias vai estar boa. Não é nenhuma inválida, vai deixar as coisas de casa arrumadas como sua mãe fazia. Enquanto está doente

seu irmão vai ajudar comprando as coisas que precisar na rua. É bom ficar dentro de casa porque esse povo besta tá muito curioso.

— Tão falando que Clara é um milagre, pai.

— Marta iria gostar dessa besteira, a gente tá feliz que você está bem. Mas milagre seria ter as coisas como antes. — João levantou e passou a mão na cabeça de Clara. — Nunca quis ter filha mulher, tu é o sonho da sua mãe e ela te criou bem. Agora é a sua vez de retribuir e honrar o nome dela. — As lágrimas escorreram pelo rosto da menina molhando a atadura. — Vamos deixar sua irmã sozinha Roberto, nessa hora ainda tem prato feito na birosca do Zezinho.

Eles se foram e a sensação de casa vazia se instalou e, pela força, parecia algo permanente, mas Clara não estava sozinha.

Capítulo 17

Moscas apareceram para consumir a comida mal tocada em cima da mesa. Horas se passaram e a escuridão adentrou a casa, projetando sobre os móveis as sombras mais escuras que os olhos quase infantis da menina tinham visto. Ela não acendeu as luzes, ainda não temia a escuridão, e só se levantou quando as pernas latejavam na cadeira dura da cozinha.

Com a cabeça girando, Clara foi até a pia e tomou um copo d'água quente e o dobro da dose de medicamento recomendado pelo médico. A boca abriu só um pequeno espaço e a água correu pelo queixo, molhando a roupa. O corredor para o quarto inclinou-se diante de seus olhos, com as mãos na parede impedia o corpo de tombar para a direita. Seguiu tateando até a porta e o interruptor de luz. Ao pressionar o botão fechou os olhos, a claridade contrastava dolorosamente com o ambiente que já se acostumara. Piscando, seguiu para a cama e sequer olhou ao redor. Talvez tenha sido melhor assim, o que a sombra ao lado de sua penteadeira faria se fosse confrontada?

O corpo muito longo mesmo curvado se erguia até o teto, em escala menor poderia se passar pela silhueta de um ser humano, não fossem as mãos terminadas em garras pontiagudas. A sombra levou a mão até a lâmpada envolvendo-a e mergulhando o quarto em um crepúsculo acinzentado, Clara retirou lentamente o braço dobrado que recobria os olhos e parou vários segundos fitando a lâmpada. A criatura chegou mais perto, emparelhando aquilo que seria seu rosto com o de Clara e conforme ela ia se habituando com o nível de luminosidade conseguia distinguir a fisionomia da sombra. O horror crescente dentro do peito agitava uma região primitiva do cérebro. Aquilo era um monstro e se continuasse alguns segundos encarando seu rosto saberia seu segredo. A sombra retirou a mão da lâmpada e a luz penetrou os olhos dela. Quando tudo ficou amarelado nenhuma sombra habitava seu quarto, piscou procurando ao redor e só nesse momento Clara gritou, o visitante trazia um recado, mas ela não compreendeu. E maior que o choque de vê-lo a primeira vez foi pensar que ele poderia voltar. Após muito tempo tremendo embaixo do cobertor e com a luz acesa, o medicamento venceu e acabou adormecendo.

— Clara! — Seu nome dito de forma enérgica, porém embriagada a despertou de pesadelos dissolvidos pelo susto e pela memória. Objetos atirados ao chão e a repetição exaustiva dos gritos de João desencorajavam-na a sair do quarto. Roberto também gritava avisando para ir logo. Chegando

na sala João cuspiu no chão, rosto vermelho e mãos em riste.

— Clara! Que merda é essa, menina? — Ele cuspiu e avançava em cima dela. Clara contraiu o corpo em um canto, assustada. Correu dando a volta na mesa, mas ficou encurralada por uma cadeira. Com a mesa entre eles, João cuspiu no chão ao sibilar.

— Sua porca.

Clara encostou na parede, deslizando para o lado onde fugiria, mas a reação do pai a paralisou mais que um soco. João cuspiu no rosto dela e sentou com força em uma cadeira.

— Pai? — Roberto interferiu, mas com uma voz mansa demais para receber atenção. Sua preocupação se foi quando trocou um olhar com pai.

— Porca... — João repetiu com a língua enrolada, em seguida a cadeira deslizou na comida espalhada no chão e a perna se quebrou derrubando-o. Clara correu para o quarto e se encolheu na cama abraçando o travesseiro. O som de passos lentos no corredor era ouvido, a menina apertou com força o travesseiro, a saliva grossa e alcoólica do pai ainda escorria por seu rosto. Roberto parou no portal com os braços cruzados, meio cambaleante também, os botões da blusa abertos e uma mancha grande na lapela.

— É melhor arrumar aquela nojeira. Talvez o pai ache que foi a bebedeira, mas se ele acordar nesse monte de merda vai arrancar seu coro.

Levantou da cama pensando na sujeira e em qual seria a reação de sua mãe se ali estivesse. Com passos curtos venceu parte do medo e do corredor e chegando na sala não acreditou no que via, seu pai tinha comida podre na camisa e na boca. Larvas andavam pelo rosto dele, louças quebradas e a cadeira caída no chão aumentavam o tumulto do cenário. O silêncio deixava saudade, visto que um montante anormal de moscas zumbia por toda parte e sua origem não tinha explicação.

Só havia passado algumas horas. Tamanha quantidade de larvas e o mau cheiro intensos não faziam sentido. Realmente só uma pessoa fora de si seria capaz de tentar ingerir alimento em tão avançado estado de decomposição. Começou a limpar tudo e a cada respiração um pouco mais intensa de João, se arrepiava. Organizar os móveis foi difícil, faltava força para concluir o serviço sem fazer barulho. Devagar tentou levantar a mesa e passar por cima da perna de João. Ele mexia a mão espantando as moscas. Com ambos os braços junto ao corpo içava o móvel mais alto que podia. Se havia uma possibilidade do pai não se lembrar da madrugada, valia o esforço, mas o medo crescia dentro dela na medida que uma pergunta insistia em latejar.

Como iria retirar o pai dali? Os braços fraquejaram, a mesa cedeu uns centímetros encostando na calça dele. Paralisada, permaneceu um longo tempo observado seu rosto, ele não dormia de fato, ameaçava abrir os olhos e a bebida dificultava, contudo parecia forte o bastante para levantar.

Essas conclusões não ajudavam em nada, e, como quase todos os seres humanos, a menina desejava coisas pequenas ao longo da vida. Muito mais importantes quando realizadas do que grandes desejos egocêntricos. Clara queria abrir a boca e gritar. Ser impedida de falar é mais incapacitante do que se imagina, gemer era possível, porém não compensava o alto preço. Um grito alto e profundo talvez valesse as consequências de enfrentar o pai acordado e enfurecido, mas um gemido preso à garganta não. Chorava turvando a visão e mordida a língua dentro da boca, saliva com gotículas de sangue escapavam dos lábios ainda meio adormecidos. Enfim conseguiu colocar a mesa no lugar. Com um pano esfregou o chão, a todo instante larvas subiam por seus braços e Clara parava desesperada para se livrar delas. Juntou tudo em um balde e levou para a lixeira do lado de fora. A rua vazia com uma brisa fresca renovou as energias. Sentou um minuto com o balde do lado, um gato preto e branco rondava a lixeira com miados simpáticos, logo estava enroscado nas pernas dela. Era um gato de rua, um bicho arisco e acostumado às maldades humanas, apesar disso ela tinha a vã esperança de ter conseguido um novo amigo.

Com súbita agressividade o gato se afastou, com garras para fora e dentes à mostra, os pelos eriçados e dando pequenos passos para trás. Clara levantou as mãos como em um assalto, assustada com a reação do animal. Foi quando sentiu alguém tocar em sua mão, Clara virou o corpo rapidamente, escondendo o rosto, na certa viria um soco ou coisa pior. Quando criança viu o pai brigar com um vizinho e tinha conhecimento da força dele. Entretanto não era João atrás dela. O pai alcoolizado e com punhos cerrados assustaria menos. Ao virar-se encontrou a porta da cozinha fechando lentamente. Um vulto passou como o vento e ela estremeceu ao se lembrar da sombra no quarto.

Capítulo 18

Entrou em casa ainda tremendo com o episódio do gato. Queria acabar logo, restava apenas o pai caído no centro da cozinha. Com o pano torcido na mão engatinhou até chegar perto, passou uma pontinha umedecida do tecido no rosto dele. A sujeira seca na pele não se moveu, ele tinha os olhos apertados e Clara nem piscava os vigiando. Esfregou com um pouco mais de força, uma mosca bateu no rosto dela assustando-a, afastou-se com o coração disparado e os braços cansados. João virou de lado com rosto muito desperto para um bêbado, suas pupilas dilataram até ficarem completamente negras. Ele segurou o tornozelo dela e sussurrou.

— Corre...

Clara puxou a perna devagar, a mão afundava os dedos na sua carne, ela balbuciou a primeira palavra muito antes do recomendado pelo médico.

— Pai? — Clara murmurando cuspidando sangue, a mandíbula estalou e a dor chegou aos olhos em lágrimas. Um vento repentino forçava a porta da cozinha, ela se abriu violentamente e uma nuvem de moscas entrou, Clara se soltou e de pé tremia mais quando caía ao chão. João começou a levantar e nesse momento Clara apenas correu, bateu a porta do quarto com as moscas logo atrás e o pai em seguida. Para seu desespero a porta não possuía chave, Marta não permitia segredos. Empurrou a cama até a porta. Do outro lado João se chocou contra ela abrindo um pouco a porta. Clara escorou a cama com as costas, os dentes trincados e ensanguentados, não devia, mas gritou. O pai diminuiu a intensidade da força que fazia para entrar. Algumas moscas começaram a passar por baixo da porta, insegura de deixar a cama desprotegida empurrou o lençol com os pés na fresta, duas moscas ainda conseguiram passar e fizeram companhia até o dia amanhecer. Clara ficou acordada ouvindo o ronco do pai do outro lado e imaginando quando ele se cansaria de esperar. A noite passou aos solavancos e, em algum momento, a casa ficou silenciosa e Clara adormeceu.

Com um pouco de esforço seria possível distinguir um vestígio de vergonha, entre o som da mão fechada batendo na porta de leve e seu nome sendo chamado baixinho. João pediu para a filha sair e encontrá-lo na sala, o banho tomado e o cabelo liso e negro como o dela, penteado para trás, em nada remetiam ao homem da madrugada passada, marcada na memória e no hematoma na perna. Clara o escondia, incerta sobre o que ele se lembrava. A cadeira quebrada tinha sido retirada e simbolicamente agora só restavam três.

— Fale baixo, não quero acordar seu irmão. Ele teve uma noite difícil. — A menina criada como um ser de segunda categoria, moldou-se quase inabalável à indiferença para consigo, mas ouvir da boca que mesmo do jeito sisudo dele se importava com alguém machucava. Esse alguém em nenhuma ocasião fora ela.

— Lamento muito o que aconteceu. — João olhava para o corredor em direção a porta do quarto de Roberto. — Marta nunca gostou de bebida dentro de casa. Sua mãe foi uma boa mulher e cuidava de nós. Não quero esse tipo de coisa aqui desonrando seu nome, não é uma vida assim que planejo pro teu irmão. É uma criança ainda e não entende as coisas, só faça o que mando e tudo vai ficar bem. Se tivesse arrumado tudo nada disso teria acontecido. — João levantou perdendo a paciência. — Fale alguma coisa menina, parece uma morta viva!

Clara entreabriu a boca para responder, João esticou a mão em sinal para ela parar e ao notar o choro silencioso da filha saiu resmungando e batendo a porta da cozinha.

— Por isso nunca quis ter filha mulher, não se pode falar nada.

E como se fosse pouco, Roberto veio em seguida passar sua versão de sermão, na cabeça dele, bons conselhos e papel exemplar de um homem que Clara deveria admirar.

— Tente obedecer ao doutor, se ficar com a cara torta nenhum homem vai te querer. Já vai ser difícil arrumar um bom casamento, não puxou a beleza da mãe. — Roberto revirava as panelas em cima do fogão. — Cadê o café? — perguntou e só então notou o choro compulsivo da irmã. — Posso te levar no hospital, mas se a mãe estivesse aqui sabemos que era pra igreja que tu devia ir. Faça um agrado ao pai e despache as coisas da mãe, o que der pra você fique e o resto dê pra doação. Ela iria aprovar bondade assim. É difícil pra ele ver os bibelôs dela na penteadeira. Vou sair, mas volto no almoço.

Imaginar destinos alternativos para sua realidade foi um ato recorrente durante seus quinze anos de vida. Rezar por um pouco de espaço também, Marta a sufocava, não com amor e sim com presença. Agora tinha todo o espaço que a casa de três pequenos quartos de teto alto fornecia. Na memória, as raras vezes que esteve só desfilava no corredor com as roupas da mãe, vestidos antigos da época que era professora, semijoias e pinturas no rosto. Coisa a que jamais teve acesso. Item por item pôs tudo em uma caixa, a escova decorada com pérolas de uma tia rica e maquiagem velha e endurecida. No espelho da penteadeira a foto do casamento dos pais confirma

as palavras de Roberto, sua mãe era bonita. A foto sem cor não acentuava a diferença entre elas, mas Clara sabia, admirava os olhos e cabelos claros da mãe. Certa vez quando ainda era nova demais para entender um pouco seu comportamento, perguntou: Se Marta não gostava dela porque era diferente, feia... Nesse dia parou de fazer perguntas.

“Eu te amaria se a feiura fosse apenas pelo lado de fora”

Clara arrancou a foto do espelho e colocou na caixa, os cabelos negros e sem vida embolados e sujos emolduravam um rosto pálido e colorido por escoriações. A mancha na testa entre os olhos incomodava mais que toda a aparência apática, era uma coisa grotesca, a imagem refletida era feia e realmente sentia a feiura entrar dentro dela. A ideia de Roberto pareceu boa, a igreja talvez ajudasse. Durante o banho deixava a água correr pelo corpo e a sujeira da pele saiu com facilidade, bom seria se aquilo de ruim dentro dela se esvaísse também. Roberto voltou na hora do almoço e, pelo andar, sob efeito de nova dose de álcool.

— Tem um amigo seu lá fora — disse com voz aveludada. Clara afastou a cortina, mas não viu ninguém. — Um gato preto e branco. É seu?

— Não. Você bebeu de novo?

— Bebi, vai fazer o quê? Mandar seu gatinho me morder igual fez com nosso irmão? — Roberto carregava no rosto o tom róseo de quem andou bebendo e chorando, porém conservava algum equilíbrio no corpo e articulação ao falar. — Sempre se metendo onde não deve. A dona Giana falou pra não ir pros fundos da casa. Mas você foi. Levou ele junto. Mas tu sempre irmãzinha...

— Está bêbado. Vou para a igreja rezar por você.

— Você sempre volta não é Clara? Sempre volta!

Correu pela rua, tomando distância dos gritos do irmão.

Capítulo 19

O conhecido percurso até paróquia foi desconfortável, dois rapazes passaram ao seu lado e quando um deles ofereceu ajuda para carregar a caixa de papelão o outro deu-lhe um cutucão. Uma espécie de sinal para não seguir em frente com a oferta.

A rua estava um pouco cheia de jovens da sua idade saídos do colégio próximo, dificultando ainda mais a situação. Meninas estridentes viram a cena e riram descontroladas, Clara, não habituada a conviver com pessoas da sua idade, abaixou a cabeça, educada pela mãe em casa, só frequentou o colégio quando muito nova. E a rotina religiosa não permitia nada além de lições, castigos e orações. As vizinhas diziam que iria ser noviça. O padre cogitou isso em certa ocasião e para sua surpresa Marta foi contra.

Dizia ter planos para ela, mas nunca os revelou, quando inquiriu a mãe sobre o assunto ela respondeu que saberia no dia do aniversário de quinze anos, depois de cumprir a promessa. Como a mãe era professora, cultivou durante um tempo o sonho de ser enviada para São Paulo para estudar um curso superior, seria uma doutora, alguém importante. O sonho perdia força quando refletia sobre os ensinamentos da mãe, em sua maioria religiosos. Aprendeu a ler com quatro anos, mas o esforço de Marta parou nesse estágio, depois disso a leitura da bíblia tomava grande parte do dia, como professora ela criou um método próprio de ensino das escrituras, principalmente um livro de salmos em latim.

O colégio assustava um pouco, meninas passavam na frente de sua casa com penteados bonitos amarrados em laços cuidadosos, saias plissadas e sapatos brilhantes. Sentir-se bonita como elas foi um desejo constante durante a infância, hoje ao passar pelas meninas crescidas e ver como eram ainda mais bonitas, um tipo de humilhação e inferioridade avassaladoras colava o queixo no pescoço de forma permanente, só restava a Clara abaixar a cabeça e deixar os poucos cabelos disfarçarem o rosto ainda dilacerado pela tragédia do aniversário. Sentiu saudades da mãe, Marta não abaixava a cabeça para ninguém e se notasse o descaso das moças ou suas fofocas, palavras articuladas e dotadas de profundo conhecimento do cristianismo silenciaria suas bocas malditas. Uma lição que Marta não fez questão de passar para ela.

Os jovens do coral ensaiavam na paróquia e o padre acompanhava no piano. Clara os observou através da porta lateral, encontrou ali um lugar para acompanhar o ensaio sem ser notada. O som ricocheteou nas paredes da

capela centenária e penetrou-lhe os ouvidos com harmonia e elevação. Uma sombra colorida do vitral do lado oposto tocou a ponta de seu sapato de pano, gasto ao ponto iminente de romper em um furo no dedão. Quando o coroinha notou sua intrusão, aproximou-se com gestos delicados a fim de não importunar o momento sublime, aquele onde se fecha os olhos em lugar quente por bondade e parado o corpo pode acompanhar a música até onde ela for. Clara se assustou com ele e derrubou a caixa no chão e o conteúdo espalhou-se. O padre tentou continuar, mas o coral se perdeu, moças assustadas desafinaram e rapazes curiosos se calaram um instante. O padre deu um pequeno intervalo e recebeu Clara em sua sala.

— É um ato de bondade doar os pertences de sua mãe. — Ele ofereceu um copo de água e Clara aceitou, não notou como sentia sede ou as gotículas de suor brotando da testa. — A paróquia inteira rezou por você, Clara.

— Obrigada. — Tinha dúvidas do que mais poderia dizer, era grata pela boa vontade no olhar dele. Pensou em ir embora, a mão apoiada no braço da cadeira indicou a intenção.

— Clara, quando me tornei padre, logo no primeiro ano. Conteí essa história após uma missa, a igreja ficou vazia por muitos dias depois. Aprendi que senhoras não gostam de saber como padres se tornam padres. — Ele sorriu com vontade, Clara não o acompanhou, mas ajeitou o corpo na cadeira, permitindo os ombros relaxarem. — Ao entrar para o seminário não tinha convicção da minha vocação, na época minhas opções eram poucas. Com a morte de meu pai, restava procurar um tio da Bahia ou tentar a vida sozinho aos quatorze anos. Como era coroinha a vaga de seminarista foi um caminho muito natural, meus estudos não estavam completos e recebi ajuda de padres e diáconos para conseguir entrar no seminário. Mas eu não tinha recebido o chamado de Deus e me sentia um intruso entre os seminaristas. Chorei muitas vezes pedindo iluminação e perdão. No primeiro ano me apaixonei por uma jovem. Esse amor foi decisivo para me tornar padre, veja que era um pecado pensar nela como eu pensava, no entanto o desejo de tal ato me consumia. Fiquei doente e relapso com minhas obrigações. Então, decidido em abandonar tudo e a fugir com ela, me declarei para a jovem, disse que a amava. *“Fugiremos para Bahia, tenho tio estabelecido lá”* Falei, com lágrimas nos olhos. Sabe o que ela me respondeu? — O padre se aproximou mais de Clara. — *“Vá se confessar, é isso que as pessoas fazem. Peça ajuda.”* Insisti e perguntei se ela não me amava e sua resposta abriu caminho para a luz chegar até meu coração e o chamado de Deus abrir meus olhos. A

jovem revelou que seu coração era meu e por isso rezava tanto. Se confessava, pois os pensamentos impuros a meu respeito não a abandonavam. — O padre repousou a mão em cima da de Clara. — Muitas vezes pedir ajuda é difícil, e conforme a situação se torna mais insuportável mais distantes de uma solução ou da solidariedade dos outros acreditamos estar. A igreja é também sua casa, Clara. Sua mãe também tinha dificuldades de pedir ajuda.

Todos os anos passados na congregação não surtiram o efeito das palavras do Padre Jonas, a mãe criara um muro entre ela e todas as outras pessoas, até seus parentes. Ao se desfazer de forma abrupta, o muro ainda impedia sua comunicação com outros, porque havia impedido também o desenvolvimento de sua personalidade, retraindo seus gestos e congelando as palavras. Clara beijou a mão do padre e se apressou em ir embora, nos fundos da paróquia encontrou duas amigas de sua mãe. Uma delas segurava a caixa de doações.

— Já se desfez dos pertences da mãe com tão pouco tempo de sua morte? — Os lábios rijos da mulher tremiam ao dizer palavras tão duras. — É por isso que se confessa? Te agrada essa tragédia?

— Marta nos avisou da víbora que é, menina. — A segunda mulher acrescentou com mais energia e Clara correu feito a criança que sentia ser. Sem modos, deixando o vento levantar a saia, mostrando o corpo que Marta tanto cobriu. Ao dobrar uma esquina sem movimento trombou com outra garota.

— Olha por onde anda! — uma menina de cabelos loiros gritou, suas compras se espalharam pelo chão.

— Me desculpe, me desculpe... — Clara repetiu.

— Qual é o seu problema? — Notando a voz chorosa, ela olhou por cima dos óculos e parou um instante. — Quem fez isso com você? Ele está te perseguindo?

— Me desculpe...

— Pare. — A menina levantou a mão, aparentava ser um pouco mais velha que Clara. — Está fugindo de alguém? — Olhou para os lados tentando saber se alguém se aproximava.

— Não.

— Mas devia, um homem que faz isso a uma garota é perigoso.

Clara tocou de leve os machucados no rosto, entendendo enfim as palavras da desconhecida.

— Foi um acidente.

— Baby eu já sofri muitos desses “acidentes”. Venha, vou te pagar um sorvete e explicar a diferença.

Ela pegou na mão de Clara e a arrastou para dentro de uma praça. Nenhuma das duas falou nada e quando Clara parou de resistir e seguiu-a, soltou sua mão. Ela usava roupas atrevidas, uma blusa tão curta que mostrava o sutiã por baixo, era uma *hippie maconheira* como dizia o pai. *Uma vagabunda que transava em troca de pó*. No início pensou ter irritado a desconhecida ao ponto de ela querer fazer algum mal. Desacreditou disso no momento em que sentaram lado a lado e ela começou a falar.

— Meu nome é Maria das Dores, um nome desgraçado de mulheres que apanham a vida inteira, então todos os meus amigos me chamam de Dodô. Qual é sua graça?

— Maria Clara.

— Gosto desse nome, foi da minha tia.

— Tenho que ir. Me desculpe.

— Se quiser uma amiga, me procure, mas não demore. Acabei de chegar na cidade e já penso em ir.

— Por que vai embora?

— Essa gente me olha com nojo, igual você fez. Te dou um desconto porque quem quebrou sua cara deve ter batido forte e deixou uns parafusos soltos.

— Você fala igual ao meu irmão.

— Então ele deve ser um cara legal. — Dodô puxou um cigarro.

— É.

Só uma letra. O bastante para Dodô em seus vinte e poucos anos saber, o irmão de Maria Clara não era o tipo de cara que chamaria de legal. Pelo menos não com mulheres.

Capítulo 20

Conhecia Padre Jonas desde a infância. Invejava a forma com que ele tratava outros jovens, sempre brincalhão, contando histórias da mocidade, mas com ela era diferente. Marta sempre ao seu lado impedia uma aproximação real entre eles. Nas poucas conversas a mãe esteve presente fazendo uma moderação negativa. Talvez por isso o Padre mantivesse certa distância e um trato sério, o último encontro mostrou o lado amistoso que sempre admirou. Ele ofereceu ajuda, Clara até quis aceitá-la, porém sua mãe estava morta e como um padre poderia ajudar nisso?

Um mês se passou entre consultas e tardes quentes de ar parado. Voltou outras vezes à igreja, mas o Padre esteve ausente, seu substituto não possuía a mesma simpatia a oferecer. Os olhares incômodos das duas mulheres que se diziam amigas de sua mãe também incomodavam. Principalmente pelo fato de Marta não ter tido pessoas as quais pudesse chamar de amigas. Sua vida caminhava para o mesmo caminho solitário. Sentia-se sozinha e pensava frequentemente em Dodô, uma desconhecida que lhe ofereceu atenção, coisa escassa dentro de casa. Descobriu onde encontrar a garota só não sabia muito o que dizer. Se encontraram algumas vezes na praça, mas Clara andava mal, com insônia, acordava a noite ouvindo uma voz murmurando. Sons de algo sendo mastigado debaixo da cama. Então parou de sair e passava todo o tempo dentro de casa, justamente o que lhe fazia mal.

Em uma tarde dormia no sofá quando acordou com o barulho de uma buzina em seu portão e um Ford preto parou levantando poeira. Henri chegara e iria levar Roberto para sair. Dar uma rolê como o irmão gostava de falar. Clara abriu a porta e quando viu o soldado encostado no carro, jogando a fumaça do cigarro para o alto, seu coração disparou. As bochechas esquentaram e esse mesmo calor espalhou-se pelo corpo. Ele notou sua presença e mesmo a três metros de distância, ela sentiu o canibalismo da saliva que engolia.

O olhar dele foi predatório e certo, pois não mirava para seu rosto. De cima abaixo a observava, começou analisando suas pernas, com o cigarro frouxo na boca. Seus olhos foram subindo e repousaram nos joelhos carnudos. Clara cresceu rápido nos últimos dois anos e aquele vestido estava pequeno. Usava sempre para arrumar a casa. Seu pai ou seu irmão nunca estavam presentes e pareciam não notar, mas o vestido de um rosa aguado ficou indecente. Muito curto bem acima dos joelhos, os botões da frente

arregaçados quase revelavam o umbigo. Mas ninguém notava que já era uma mulher formada, porque com quinze anos não tinha seios, ou os lábios molhados de quem andou beijando rapazes.

Aos treze anos dois brotos apareceram com promessas de um dia usar sutiã de renda francesa e atrair olhares de moços bonitos da cidade. Ficaram na promessa e passaram de brotos para pequenas laranjas esparramadas e bicudas. Após seu primeiro fluxo menstrual estava claro que não passariam daquilo. Constrangida, apresentava-se suja e de roupa velha. Os cabelos soltos e lisos caíam castanhos e sem graça pelos ombros. Nenhuma pintura no rosto, sapatos altos ou um belo penteado de cachos para chamar atenção de Henri. Sua figura a intimidava, aquecendo a pele e eriçando os pelos de seu braço.

Ele apertou o cigarro nos lábios com força, sugando toda a fumaça. Sentiu-se tragada junto para dentro dele, os olhos faiscando obscenidades envolviam a jovem em uma respiração curta e suorenta. Roberto apareceu na porta soltando uma grande gargalhada ao ver o amigo que prometera uma noitada inesquecível. Ninguém falou com ela, nem bom dia ou adeus, o irmão abraçou o amigo. O carro deu a partida e eles foram embora. Saiu descalça pelo gramado e pousou as mãos no pequeno portão de madeira, fechou o trinco com força balançando a cerca baixa, as mãos suadas seguravam o portão cravando as unhas na madeira e arrancando lascas de tinta, precisava se segurar ali um instante, o mundo poderia não parar para que ela o acompanhasse. Contudo tudo passou lento e angustiante diante de seus olhos. O carro levantou muita poeira na estrada de terra. E eles sumiram antes de dobrar a esquina.

Até o momento tinha sido uma moça com muitas preocupações, e como o seu corpo nunca despertou o olhar de nenhum rapaz, ela própria não notara as sutis diferenças. Quando fechou a porta atrás de si estranhou o suor brotar no grande vazio entre os seios, ele escorreu pela barriga empossando deliciosamente no umbigo, gelado. Passou a mão pelo tecido do vestido assistindo a mancha crescer. O nojo sentido foi intenso, irrigando lágrimas, a repulsa não provinha apenas do estado do corpo, mas sim do grau de perturbação de sua mente.

Pensava em coisas incompreensíveis e primitivas, temia e se envergonhava do olhar de Henri, porém o ansiava com intensidade e forças desconhecidas. Clara foi até o banheiro tirou a roupa com cuidado e permitiu que a sabedoria de um banho frio trouxesse um pouco de estabilidade aos seus pensamentos.

Com os braços cruzados em frente aos seios, segurava os ombros e descansava a cabeça em cima da mão. Notando a válvula do chuveiro enquanto a água lavava suas costas. Seu corpo refletia no metal de forma engraçada, uma sombra negra surgiu um segundo, virou-se e não encontrou nada. Ao encarar novamente a válvula ainda conseguiu ver a sombra sumir lentamente.

Enquanto pensava na sombra a mente desprendida da carne foi enganada, as pálpebras cegaram em um véu vermelho, a água escorrendo envolvia todo o corpo, cada centímetro dele. Os seios sendo envolvidos e espremidos ao mesmo tempo em que um peso descia o ventre, quente demais para um banho frio. Clara mordia os lábios e apoiava-se na parede, tremendo de leve, escancarou a boca a fim de sorver um gole fresco de água, mas em vez de líquida a água parecia grossa, quase gelatinosa. Se a morte tivesse um gosto seria aquele.

Quando abriu os olhos pôde ver o que saía do chuveiro, uma lama negra recobria seu corpo no lugar de água, esfregou as mãos tentando retirar, a respiração falhando em um misto de repugnância e prazer, pois aquilo era quente e apertava suas poucas curvas com intensidade. Entre as pernas uma quantidade maior de lama fazia grande pressão na pele antes de escorrer lentamente, enroscando-se como uma serpente. Gemendo, arrastou-se até a toalha, o rosto encostando no azulejo gorduroso e os pés escorregando no chão. Com a toalha retirou parte da lama do rosto, afastou o tecido e observou que a lama se mexia e começava a escorrer, caminhando pelas fibras da toalha como um organismo vivo. Clara jogou a toalha no chão soltando um grito. Devagar toda a sujeira da pele dela se juntava no piso formando um corpo. Encolhida no canto de azulejos de pequenas flores rosadas, a menina negava com a cabeça a experiência e qualquer ato subsequente àquela abominação. A figura formada pela lama apontou para o local onde seria seu órgão sexual se possuísse um e depois indicou a mesma região em Clara.

De repente, de uma só vez um punhado da lama saiu com violência de dentro dela e a lama arrastou-se feito um verme até a figura, subindo pelas pernas e parando na região lisa entre elas. Fechou os olhos e gritou. Não queria ver aquilo, segurando-se com medo de algo mais sair de dentro do corpo. Líquido quente escorria pelos dedos. Ao ter coragem para olhar a figura tinha sumido sem nenhum vestígio de lama e seus dedos estavam sujos de sangue. Seguiu a trajetória de uma gota grossa até o chão. Marta falou

uma vez sobre a punição de Deus pelo pecado de Eva e quando fosse uma mulher sangraria uma vez por mês. *Mas aquilo não era de Deus, não podia ser.* Era inconcebível pensar que aquilo poderia acontecer outras vezes ou que fosse feito sob os olhos e consentimento de um Deus benevolente. A experiência fora suja e pecaminosa e coisa tão maligna deveria ser um ato do próprio demônio que se regozijava com sua dor. Marta estava certa:

“O diabo mora em seu corpo e vai se sentir em casa se viver chafurdando em um lamaçal de pecado”.

Capítulo 21

Naquela noite dormiu enrolada em uma toalha, com a cabeça coberta, ouvindo o ar se deslocando pelo quarto, como se um grande pássaro voasse dando rasantes na cama. Trocou três vezes de roupas, porque lama misturada a sangue minava de seu interior.

Roberto não voltou para casa e João não se importou de jantar sozinho assistindo televisão no último volume. A noite sem dormir fez pensar. *Como era ingênua e atormentada*, certamente uma mulher forte e destemida como Dodô não permitiria coisa tão horrenda se instalar em sua vida. Preparou o café no horário habitual da nova rotina, antes do sol nascer. Nas cadeiras de madeira antiga da varanda despediu-se do pai, se ele notou os traços encovados da pele ainda muito jovem para tal, nada disse a respeito.

Durante horas espreitou Dodô pelo vidro da parede do açougue, chegou a entrar, mas não foi reconhecida. Então esperou do lado fora. Preocupada se a roupa estava suja de sangue. Um pouco antes do almoço Dodô fez um intervalo para fumar.

— Lembra de mim? — Clara perguntou alisando a saia longa até os tornozelos.

— Ora essa. — Dodô soltou a fumaça preguiçosa. — Uma Maria não esquece da outra.

— Dodô? — Clara sorriu satisfeita com a resposta e sentiu confiança de que elas realmente poderiam ser amigas. — Quer ir tomar aquele sorvete?

— Nada de sorvete, tô precisando de um goró. Minha avó vai me enloucar. — Jogou o cigarro no chão e pisou com vontade. — Velha maldita. — Elas caminharam até a casa da avó de Dodô. — Se você acha que tem problemas com os homens é porque uma mulher como essa nunca cruzou seu caminho.

Seguiam caminho para um casarão no alto de uma pequena colina meio amarelada pelo sol. Maria Dolores era uma Dornelles e todos em Aparecida conheciam a família. Pessoas com dinheiro ligadas a uma promessa tão antiga quanto a cidade, uma espécie de fundadores. Muitos prédios pertenciam a eles além da grande fazenda, terras não cultivadas que impediam o crescimento da cidade. Dodô escancarou a porta da frente, duplas folhas de madeira com tinta verde descascando.

— Quando fui embora dessa casa jurei nunca voltar. O cuspe sempre cai de volta na nossa cara. — Ela pegou uma garrafa de vinho de uma grande estante e sentou no sofá de couro cheio de almofadas de crochê. — Esse

vinho é tão caro quanto um carro. — Encheu um copo derramando um pouco, Clara observou o vinho escorrendo pela mão trêmula de amiga, a perturbação em seu rosto desorientava-a. Dodô enxugou uma lágrima furiosa. — Eu tenho um filho, um garotinho muito bom, está em São Paulo com minha mãe.

— Por que não trouxe ele? — Clara pegou o copo da mão dela.

— Deitar-se com vários homens tem uma consequência.

— As pessoas falam... — Clara bebericou do copo, engasgou e tossiu. — Falam demais.

— O problema não foi só a língua afiada da vizinhança. — Pegou uma carteira fina de dentro da bolsa. Mostrou uma foto dela e um menino, Dodô sorridente dentro de uma roupa longa demais que não combinava com ela. O bebê de corpinho pequeno aparentava a doença na face magra, apesar de ser impossível dizer seu problema olhando uma fotografia. E mesmo com o sorriso no rosto dela ou a falta de cor da imagem dava para perceber que o brilho nos olhos da jovem eram lágrimas. — Eu não sei quem é o pai do meu filho e ele precisa de um transplante. — Tomou uma golada direto da garrafa. — Essa família amaldiçoada não é compatível. O médico disse que o pai ou alguém da família dele talvez...

— Ele vai conseguir, Dodô. Tenha fé. — Clara segurava a foto comprimindo os lábios.

— O dinheiro compra quase tudo. Tem uma chance de tratamento pro meu garoto na Europa, mas a velha... — Tomou metade do copo em um gole. — Só voltei por causa dele, minha vó tem o dinheiro, mas ela quer me punir antes de assinar um cheque.

— Punir você por não saber quem é o pai?

— Clara. — Dodô pôs o copo no aparador e se ajoelhou diante dela, segurando seus joelhos. — Preciso de sua ajuda. Minha vó quer ter certeza de que eu mudei. Não consigo interpretar esse papel, só penso no meu filho ligado em uma máquina. Sofrendo.

— Não tenho dinheiro... — Lamentou-se Clara, incapaz de compreender a ansiedade nos olhos de Dodô ou o interesse de sua aproximação.

— Sei disso. Quero que seja minha amiga, frequente essa casa, vá a igreja comigo. — Ela se inclinou, falando rápido unindo as palavras, rindo quando nada tinha graça e despertando Clara para a realidade da situação.

— Eu...

— Por favor, eu preciso desse dinheiro pro meu menino.

— Pensei que você realmente quisesse ser minha amiga. — Clara

levantou, deixando o copo ao lado do dela, o seu ainda cheio.

— Eu quero! Vou te acompanhar também, ir na sua casa e te ajudar com seus problemas.

— Até conseguir o dinheiro e ir embora e nunca mais voltar em Aparecida. — Ficou assustada com o tom da própria voz, afinal a verdade amargava a língua e feria as duas. Mas o que é amizade senão o desejo de ter uma parte de alguém? Clara queria o mesmo, atenção, conselhos e companhia. Esperava adquirir parte da fibra no olhar de Dodô e enxergar com a mesma clareza dela. Nunca teve uma amiga e desconhecia um relacionamento completamente verdadeiro, sem interesse. Imaginou-se fazendo o caminho de volta sozinha.

— Por favor, Clara. Posso te dar uma parte do dinheiro ou te ajudar em outra coisa, tem alguém te batendo? Eu conheço os ferimentos, tenho amigos, homens fortes que...

— Não fale mais dessas coisas. Ninguém me bateu. — Clara levantou, sentindo o rosto esquentar, tentando impedir que lágrimas patéticas escorressem pelo rosto, mas teve força ao ver desespero semelhante em Dodô.

— Me desculpe. — Dodô levantou engolindo saliva ruidosamente. — O que eu posso fazer para consertar as coisas? É só me falar, faço o que você quiser.

— Só quero um copo d'água.

Dodô cruzou o braço com o de Clara, feito meninas saindo da escola, percorreram o longo corredor como se a indisposição de um minuto atrás fosse fruto de um sonho ruim. Na cozinha dispensou a empregada, fez café e contou histórias de um tempo muito anterior aos próprios pais. Falou de coisas desconhecidas, tão verdadeiras como qualquer frase repetida à exaustão.

— Meu avô foi um pescador, homem bom até onde se sabe. Fez fortuna vendendo bugiganga santa. Explorar um pedaço de terra ou o rio não bastou para ele. Quando descobriu que um monte de pessoas pagaria muito dinheiro para ter objetos abençoados, relíquias de milagres e toda sorte de quinquilharias associadas a Nossa Senhora, enriqueceu. Montou a primeira loja especializada, as imagens do Dornelles eram as mais caras, abençoadas na primeira missa de domingo. Para os ricos, coisinhas especiais, itens de colecionador. Uma vez viajou e quando retornou era o homem mais rico a colocar os pés na cidade. Dizem que roubou e vendeu a santa verdadeira e a imagem da igreja é uma réplica, porque nessa época não ficou em exposição. Disseram que estava em reparo. Meu avô nunca confirmou a história. Quando

era criança eu achava que a verdadeira é a que está na sala. — Dodô apontou para a direção displicentemente, enquanto fazia o café. — Vai lá ver, é muito velha e remendada também.

Balançou a cabeça em negativa quando achou a imagem, meio escondida entre bibelôs, estatuazinhas de anjos e flores cafonas. Uma camada fina de poeira recobria a santa, sem todos os adereços habituais da igreja, nem o manto ou a coroa presentes. Passava despercebida em meio a outras coisas. Assim tão desnuda perdia um pouco da fé em toda a rede de milagres. Clara deu as costas sem dar crédito algum a história de Dodô e voltou pelo corredor, reparando nos quadros pendurados. Fotografias antigas de pessoas ricas, todos sérios ao lado de cavalos, carros ou casas. Uma destoava da riqueza exibida, um porta-retratos de prata bem pequeno mostrava um bebê dormindo.

Clara contraiu os músculos das pernas, um pouco da lama negra saiu de dentro dela escorrendo e empapando sua roupa íntima. Voltou até a imagem da santa e fez o sinal da cruz, tomou a imagem nas mãos e beijou seus pés, com cuidado pôs no lugar e novamente avistou um retrato igual, um bebê dormindo em um berço antigo. Dodô trouxe o café em duas xícaras grandes.

— Essa é minha tia, Maria Clara também. Morreu no aniversário de um ano. No dia do batizado, dizem que passou só alguns minutos depois do amém e estava morta. É a única foto dela.

— Que tragédia, tive um irmão que faleceu aos quatro aninhos. — Clara sentiu uma pontada no coração ao pensar em Pedro. — Crianças não deveriam morrer — acrescentou.

— Nem ficar doentes. — Dodô levantou a xícara como em um brinde, apertando os olhos em agradecimento. — Fiquei sabendo da morte de sua mãe. Como você tá levando?

— Bem. — Tomou um gole de café. — Ela era minha melhor amiga, a única.

— Não mais.

Clara repetiu o gesto de levantar a xícara e as duas sorriram de leve.

— Sou só eu de menina em casa. Meu pai é muito sem jeito com as coisas. Lá é um pouco assustador de vez em quando.

— Como assim assustador? Não ponha seus grilos na minha cabeça.

— Quando você fica muito tempo sozinha em casa, as portas fazem barulhos que antes não faziam, sombras se mexem quando tudo está parado. — Um olhar meio louco brotava, mas Clara notou como parecia fora de si. —

Acho que é a saudade, ainda sou uma garota boba.

— Vamos falar de coisas felizes então. E os rapazes?

A palavra rapazes se resumia em apenas um: Henri, o único a demonstrar um vestígio de interesse por ela. Seu nome dentro do cérebro ativava hormônios quase nunca usados esquentando o corpo e contraindo permanentemente os lábios em um riso abobalhado.

— Ora essa, você tem um namorado? — Dodô bateu de leve no braço de Clara. Animada, incentivava a contar detalhes sobre o assunto.

— Não! — defendeu-se sorrindo. Fazia pouco tempo que pensava nele, mas o sentimento era forte, tomava conta de seus pensamentos e preenchia quase por completo o coração vazio. Era mais que um amor imaturo, doía o peito e parecia vital como nada antes.

— Quero nomes.

— Não direi nada.

— É melhor falar, porque sabendo quem é posso ficar de olho nele pra você, descobrir coisas.

— Henri. — Deu-se por vencida. — É um soldado amigo do meu irmão. Quando está na cidade estão sempre juntos. Eles saíram ontem para uma festa e meu irmão ainda não voltou e o Henri costuma trazê-lo de carro.

— Não voltaram? Então vá para casa logo!

— Que...

— Leva um vestido meu e espera por eles, menina. Não seja boba, tem que se arrumar.

Os pulinhos de Dodô contagiavam, em poucos minutos tinha uma bolsa debaixo do braço cheia de apetrechos, roupas que nunca usaria. Bijuterias exóticas e o primeiro batom de sua vida.

Capítulo 22

Ao término dos afazeres passou o resto da tarde em um processo de embelezamento intenso. Pintou as unhas curtas, separou o vestido menos indecente com cuidado, fez cachos nos cabelos e maquiou o rosto como faria se fosse uma estrela de cinema, assim imaginava. Pegou uma revista e sentou na varanda, aguardando o rapaz mais bonito que se dignificou a dar-lhe uma olhadela, trazer seu irmão em casa. A noite caiu e seu pai chegou, adentrou a sala retirando os sapatos e esticando os dedos.

— Se os sapatos apertam por que usá-los, não é mesmo? — João perguntou de forma rabugenta. — Vai a algum lugar?

— Não. Vou trazer o jantar, só quis fazer uma coisa especial.

— Está bonita, filha, parece outra pessoa — respondeu com um sorriso no rosto. — Sua mãe iria gostar disso e de um bom casamento também.

— Não penso nessas coisas, pai.

— É mesmo, chegou a hora de procurar casamento. Eu e seu irmão vamos cuidar de tudo. Só cuide da casa. — João acendeu um cigarro e sequer esperou a resposta, aquele foi um dia longo, discutiu com o tio da falecida mulher sobre a herança dos filhos. O homem muito velho e doente não aguenta trabalhar no mercado, mas se nega a deixar tudo para João administrar como achasse melhor. Por isso não se interessou a fundo sobre a mudança repentina da menina, ignorou a maquiagem borrada nos olhos ou o cabelo exagerado, estava tentando ser uma boa filha. Faria o mesmo como pai e daria um elogio. Infelizmente a menina não puxou a beleza da mãe, principalmente na mocidade. Já tinha sofrido muito ao se comparar com Marta, com seus cabelos loiros e brilhantes, corpo curvilíneo e olhar penetrante e indeciso entre o verde e o azul. Maria Clara era esguia com olhos e cabelos castanhos opacos e corpo delineado em linhas retas, era comum demais para ter qualquer motivo de distinção. Clara serviu o jantar e João mal tocou na comida perdido nos pensamentos de como a filha era sem graça ou talento e como seria difícil arrumar um bom casamento.

— Só não exagera nessas pinturas filha, é coisa de mulher da vida. — Ele deu os habituais dois tapinhas na cabeça dela e foi dormir.

O prato de Roberto ficou na mesa pelo máximo de tempo possível. Os cachos dos cabelos despencaram e o batom saiu dos lábios durante a refeição. Ficou na sala bordando uma almofada, tirou os sapatos e a todo instante olhava pela janela. Afastava a cortina florida a qualquer barulho na rua.

Adormeceu no sofá, depois de soltar aquelas lágrimas de sono, um fio de saliva escorria de sua boca quando ouviu risadas. Henri adentrava no quintal amparando Roberto embriagado. Um pânico tomou conta dela, levantou desorientada. Andando de um lado para outro, quando ouviu-o dizer.

— *Graças a Deus tem alguém acordado, senão iria ter que bater na porta e acordar os vizinhos.*

Passou a mão no rosto e quando olhou elas estavam manchadas de maquiagem. Os cabelos desgrenhados e o vestido amassado. Todo o trabalho da tarde encontrava-se arruinado.

— *Xiii* — disse Roberto. — *Espero que não seja a mãe.* — E começou a rir de novo.

Clara abriu a porta com o coração muito acelerado, a boca seca emitiu o boa-noite mais silencioso que uma pessoa poderia dizer.

— Venho entregar este senhor — Henri falou sorrindo. Uma risada bonita e salpicada de um aroma alcoólico.

— Obrigada, Henrique.

— Senhorita Clara, não é? Sem essa de Henrique. — Ele deitou Roberto no sofá e pegou sua mão para beijar. — Me chame de Henri, sou amigo de seu irmão e quero ser seu amigo também. — Clara soltou risinhos finos e não foi capaz de esconder o tremor da mão gelada e tensa.

— Está entregue. — Os dois encaravam Roberto no sofá. — Me acompanha até a porta?

— Claro... — Outros risinhos preencheram o ar e destacavam um rosto vermelho intenso.

Henri parou na porta e virou-se, eles ficaram muito próximos, ele notou o rosto borrado, o cabelo metade cacheado e metade liso. Sabia o que significava. Ainda sorrindo olhou para amigo de olhos fechados no sofá. Encostou e arrastou o dedo devagar perto do seio de Clara, ela ficou paralisada, fixada em seus olhos. *Ai meu Deus o que ele está fazendo?* Pensou com corpo rígido e gelado como um morto, mas havia partes quentes, regiões de seu corpo aqueciam pela primeira vez. Ele umedeceu os lábios e pegou uma mecha de cabelo que caiu do penteado, colocou atrás da orelha dela. Clara ficou em choque, havia sentido o dedo dele roçar no bico de seu seio, ninguém nunca havia colocado a mão ali. *Foi um acidente, ele só queria pegar meu cabelo.* Com esse pensamento relaxou e sorriu.

— Seu cabelo é tão bonito, Clara.

Ele ficou ali parado olhando para ela. Ruborizada, não suportou mais

encarar, olhou para baixo, para os pés descalços cruzando os dedos, tentando escondê-los.

— Sabe, estou cansado de dirigir da cidade até aqui, posso sentar na sua varanda e descansar um pouco?

Fez que sim com a cabeça, ele sentou em uma cadeira e acendeu um cigarro. Ofereceu a ela que ainda estava parada na porta e seguia seus movimentos como um cão de rua observa um pedaço de carne impossível de alcançar. Depois de cinco minutos calados, Henri lançou um novo sorriso, esticou a mão para ela.

— Estive em uma festa e não dancei. Sabe por quê?

— Não — retrucou com secura. A testa franziu diante da aspereza, ansiava a delicadeza de um bonito encontro, porém as palavras surgiam sem nenhum romantismo, transparecendo somente desespero.

— Só convido para dançar uma moça bonita. — Henri levantou. — Aí você me pergunta, mas lá não tinham moças bonitas. — Com um gesto suave solicitava sua fala.

— Ééé... — Hesitou em entrar na brincadeira. As mãos dele no ar incentivando com veemência a venceram. — Mas lá não tinham moças bonitas?

— Sim. — Tomou Clara pelas mãos. — Muito bonitas, mas sou um romântico. — Guiando as mãos dela até seu pescoço, segurou a cintura fina e começou com pequenos passos para os lados. — Eu só danço com uma mulher se achar que ela pode ser minha esposa. E a primeira dança é um teste. — O pé descalço afundou no sapato dele com vontade, ela deu dois passos para longe e o soltou, tapando a boca. Henri deu uma última tragada no cigarro e observou Clara andar apressada para a porta atrás dele. — Até hoje nenhuma se saiu bem. — Henri acrescentou e rapidamente, com mãos habilidosas, a cintura dela era envolvida de novo em um longo giro. — Moças bonitas que dançam bem, são como bonecas de corda, sempre os mesmos passos, falsos.

— Eu queria saber dançar. — O giro diminuía e os passos para lado facilitavam conversar, isso e o fato de ele ser bem mais alto e seus olhos não se cruzarem com facilidade.

A noite fresca gelava o suor na nuca e a brisa farfalhava nas folhas das árvores, algumas delas secas no chão mudavam de lugar ao prazer do vento. Com mãos grandes ele prendia a cintura dela com certa pressão fazendo imaginar em que momento seria jogada para o alto em um passo de dança

audacioso.

— É a pior dançarina do mundo, senhorita Clara.

— Tenho que entrar. — Afastou o peito dele com as duas mãos, Henri a levantou bem no alto como uma criança, desceu os três degraus girando nas folhas mortas do quintal.

— Me coloque no chão! — gritou, traída pelo riso iminente.

— Não sabe dançar, não sabe mentir... Me diga o que mais não sabe fazer, senhorita Clara?

Descendo devagar na segurança dos braços fortes dele, ficaram face a face por uns segundos propositalmente longos.

— Se disser que não sabe cozinhar também, te peço em casamento agora mesmo.

— Cozinheiro muito bem. — Ele a colocou no chão.

— Como me decepciona, Senhorita Clara.

Eles ficaram rindo e se olhando por algum tempo, ele ajeitou os cabelos e pôs as mãos no bolso, parecia querer falar alguma coisa, mas Clara foi incapaz de olhar o riso dele por mais tempo, pois as pernas estavam fracas e o peito explodiria.

— Boa noite, Henri.

— Boa noite — ele respondeu, caminhando e chutando as folhas. Pulou a cerca baixa em vez de usar o portão, quebrou a cerca e caiu na rua.

— Nossa Senhora! — Ela assustou-se com o barulho. — Henrique? Meu Deus. — Foi até ele, o trinco do portão emperrado demorou a abrir. — Está machucado? — Ajoelhada, ajudou-o a sentar.

— Acho que quebrei o pé. — Apertava a região atraindo a atenção de Clara. — Pode me ajudar a levantar?

Seu corpo magro e pequeno apoiando o peso dele afundava um centímetro a mais na grama. Com um braço ele deu a volta nas costas dela, segurando a nuca suada e, em um instante, estavam frente a frente dividindo o mesmo ar. O semblante de dor cedia espaço a um riso no canto da boca. Clara fechou os olhos prevendo um beijo, como nas novelas que acompanhava sempre com a mãe.

— Posso te dar um beijo? — Henri perguntou, sua voz foi grave e sedutora. Muito seguro não demonstrava embriaguez ou dor.

A resposta dela foi dada em gestos, apertando o braço dele com a mão trêmula. Ele a beijou. De olhos fechados, estava certa que o beijo seria mais bonito dos que os assistidos, ensaiados, cheios de movimentos estranhos. Tão

devagar e quente. Acabou. Já deixando saudade e a vontade de ter mais dele, e dar mais dela mesma para ele. Nada falaram. Henry caminhou até o carro, sem sinal de álcool ou dor no pé machucado.

Clara correu para o banheiro com uma vontade incontrolável de urinar. Talvez pelo nervosismo, mas dentro de seu coração sabia que era por outro motivo. Dormiu aquela noite com dor no rosto de tanto sorrir.

Capítulo 23

Acordou no dia seguinte, com a sensação estranha de felicidade. Preparou o café para a família, seu pai foi trabalhar e todas as palavras que disse foram em relação a Roberto.

— Seu irmão não está bem, deixe ele dormir. — A menina concordou com a cabeça, João a encarou com estranheza. Acabou deixando os talheres que enxugava com um pano caírem em cima da pia. João segurou a maçaneta da porta da cozinha com força, bufou e saiu.

Roberto ficou em casa sentindo-se mal e só levantou depois do almoço, ainda meio de ressaca despejou em cima dela mágoas desconhecidas. Revirou a comida no prato, descontente.

— A mãe faz muita falta mesmo, né Clara?

— Sim.

— Será mesmo? Ou está feliz?

— Não fale assim, Roberto. Por favor.

— Quero que termine de arrumar o quarto dela. Se achar qualquer coisa diferente me dê. — Roberto largou os talheres dentro do prato. — Entregue a mim.

— Diferente como?

— Você vai ter pinturas de rosto e roupas pra se lembrar dela. Não dê uma de ignorante comigo, viu. Sei muito bem como gosta dessas coisas. — Ele desviou o olhar, fitando a cortina da sala. — Pedro era o preferido, depois veio você. Eu sou apenas o homem da casa, substituto do velho. — Ficou em silêncio uns minutos. — Quando achar algo diferente deixe no meu quarto, não quero ser igual ao pai e essa cortina velha, a única coisa que restou da vó. — Roberto saiu apressado e interrompendo a conversa, quando recebeu um rapaz afobado em cima de uma bicicleta velha. Eles saíram para visitar um amigo no hospital.

A casa vazia exercia por si só um magnetismo em direção ao quarto dos pais, lugar antes intocado. Mal a porta fechou atrás do irmão, Clara iniciou sua busca pelo diferente. Recolheu os últimos objetos pessoais da mãe, o vestido de casamento dentro da caixa de papelão que a mãe não fez questão de lhe mostrar. A foto na parede do quarto exibindo uma felicidade que nunca presenciou.

O que teria acontecido depois da foto? Por que a felicidade acabou?

Colocou o vestido de casamento, girando pelo quarto por tempo suficiente para chacoalhar o conteúdo confuso de seus pensamentos. Desabou no tapete de crochê, aos prantos. Juntos, os pedaços de pano branco amarelado, criavam algo tão bonito e importante. Se casar com ele deixaria sua mãe orgulhosa, ela aprovaria Henri e enfim teria orgulho. Mas sua mãe estava morta e Roberto tinha razão, uma parte dela ficara feliz com isso. Deitou acariciando o tapete, lembrando os meses que a mãe passou em sua confecção. Transcorreram horas, quantas necessárias para uma menina vestida de noiva chorar por sua mãe morta. Cada lágrima sepultando as palavras duras, os olhares de descaso e o tom enraivecido para com ela.

O tecido manchou com o pranto e em um ato de libertação, tirou o vestido aos rasgões, arrancando pedaços com unhas curtas e gritos. Naquela tarde culpa virou tristeza, passou pela raiva e emergiu como cansaço. O corpo reivindicava alívio, sentada diante do espelho acariciou o tapete ligeiramente fora do lugar. Parada ali entrelaçando os dedos nos espaços do crochê sentiu um desnível no piso. De uma única vez puxou o tapete notando um piso solto. O coração acelerou, em nenhum momento pensou ser outra coisa senão a descoberta de um segredo. Retirou o piso facilmente. Dentro do grande buraco um objeto de metal assemelhado ao bronze, tentou puxá-lo para fora com auxílio de duas alças laterais. Em sua superfície vários sulcos fundos compunham inscrições em idioma desconhecido. Empregou o máximo de força possível, mas o objeto estava preso ao fundo do buraco. Deslizou a mão sobre ele notando uma abertura, abriu a tampa e um bafo quente com odor desagradável brindou seu rosto. *Encontrei a coisa diferente de Roberto.* Sequer imaginava o que era, mas parecia um item antigo usado em jantares de pessoas ricas. Talvez valesse algum dinheiro. Um mal estar dominou o ambiente e decidiu deixar tudo como estava. *E se aquele fosse um segredo de pai e mãe?* Deixou de lado o achado e arrumou tudo como antes. O vestido o pai ignoraria. Com prazer se desfez dele junto com o lixo da cozinha, amassado junto aos restos de comida, sem vestígios do sonho que alimentara seu jovem espírito.

Com todos fora de casa, lavou a louça e arrumou tudo depressa, tentando recuperar o tempo perdido no quarto dos pais, seu ritual de beleza mal havia terminado quando um carro buzinou na frente de casa. Seu coração disparou, as pernas perderam a firmeza e, antes de todos esses sintomas passarem, Henri procurava pregos no armário dos fundos para consertar a cerca.

— Tem certeza que é aqui? — Revirando latas na parte de baixo do

armário conversava como se o beijo da noite anterior fosse um sonho.

— Sim em uma destas latas tem vários pregos. Roberto pode arrumar isso mais tarde.

— Eu quebrei, eu conserto. Talvez quebre mais alguma coisa amanhã e depois, assim posso vir todos os dias.

— Como está seu pé? — perguntou desviando do assunto e engolindo saliva ruidosa e seca.

Henri parou de procurar, aproximou-se e segurou de leve os dedos dela

— Me desculpe por mentir e fazer toda a cena patética de ontem. Você é uma garota difícil, sabia? — A confusão do quartinho dos fundos cheio de ferramentas, refletia bem o interior de Clara. O que conhecia do mundo resumia-se a algumas ruas de Aparecida e um par igrejas. Da vida sabia bem de coisas passadas nas novelas, mulheres afetadas e galanteadores com cigarros entre os dedos. Henrique, muito viajado para lugares além da sonhada São Paulo, deveria saber como proceder, porque suas mãos nunca paravam tonteando o pouco conteúdo de seu estômago.

— Esqueça o homem de ontem. Um fraco. — Henri a beijou, completamente diferente da calma da noite anterior, foi como via na televisão. Em um enroscar de línguas e corpos vigorosos, beirando a dor. Perdição. Fraquejadas e temerosas suas pernas hesitavam em passos para trás, não o bastante para fugir. Inebriada pelo calor dele, penetrando cada poro da pele, custou a deixar o inoportuno pensamento fincar terreno. E se o pai ou irmão ali chegassem naquele instante? João falou em casamento e Henri era um bom rapaz, soldado e achegado da família. Roberto aprovaria? Todas as indagações dissolvidas em saliva. Perdidas entre o antes do saber o gosto de um beijo e o depois. Embebidas no estranho espaço entre deixar de ser uma menina e ser de fato incontestável uma mulher. Assim ficaram, o cheiro de seus corpos competindo com o de ferro enferrujado jogado em um canto, o sol xeretando por entre as frestas de madeira vez ou outra iluminava o rosto avermelhando as pálpebras. Ao separam-se, o ar tragado pelo peito tinha pouco valor, pois perdia o cheiro de Henri, ele sorria, sem vestígio da leve doçura de antes. Em seu lugar, malícia. Ele beijou a mão dela e perguntou.

— Vai me ajudar a consertar a cerca? — Sorriram e continuaram a revirar algumas latas. Trocando olhares furtivos em todas as oportunidades. — Acho que pode estar lá em cima. Venha, vou te levantar e você vê.

Clara andou até a estante e parou rija olhando para ele por cima do ombro. Da parte de Henri nenhuma questão de esconder como saboreava o momento,

fungando-lhe os cabelos e envolvendo a cintura dela por trás. Henri gemeu, um som quase obsceno que fez Clara morder os lábios e fechar os olhos. Ergueu seu corpo com facilidade.

— Confie em mim — ele disse com meia voz sedutora. Atrapalhada, Clara derrubou uma lata, exatamente a que procuravam. Saíram do quartinho dos fundos com sorrisos tímidos, ela olhando para os lados e ele assobiando, com as mãos nos bolsos e chutando o chão. Um péssimo disfarce que só fazia-a rir mais alto. Uma vizinha que regava as plantas esticou o pescoço por cima da roseira, com olhar de reprovação.

— É melhor eu acabar aqui e ir embora antes que essa dona chame a polícia. — Ela concordou, a vizinha afogava as plantas de tanto regar, nitidamente estava ali só para vigiar os dois. Henri se despediu com uma reverência galanteadora para Clara e antes de passar pelo portão bateu continência seriamente para a vizinha bisbilhoteira. A mulher acenou, mas só entrou quando o carro dele dobrou a esquina.

Capítulo 24

Preocupada com a vigilância e possíveis comentários maldosos, decidiu trocar de roupas e ir à igreja. Para sua surpresa encontrou Dodô na porta, reconheceu nela a mesma urgência e insegurança que sentiu ao procurá-la dias atrás.

— Dodô? Quer entrar comigo?

— Clara do céu! Deus existe mesmo. — Deu-lhe um abraço forte. — Preciso de um pouco de luz na minha vida...

— Eu também, estamos no lugar certo.

— Faz muito tempo que não entro em uma igreja. — Dodô abaixou a cabeça. — Deus vai me castigar, não é?

Clara balançou a cabeça de um lado para o outro, caso o castigo chegasse seria para as duas. Também procurava reforçar uma imagem positiva. Quando seu pai tomasse conhecimento do falatório, e, os boatos não tardariam a chegar até ele no mercadinho, tudo seria diferente para o bem ou para o mal.

Caso Henrique fosse aprovado pelo pai eles casariam na igrejinha, ela de vestido branco e ele fardado. E depois o mundo pertenceria aos dois e não haveria limites. Ainda assim a possibilidade de desaprovação assombrava suas noites. O pai tinha parentes em São Paulo e ela cogitava pedir para ser enviada para lá e estudar, virar professora como a mãe, João orgulhava-se da profissão dela. Quando criança dizia querer seguir aqueles passos e ele demonstrava satisfação. Mas a vida toma caminhos inimagináveis. Zombando de nossos planos. Antes da morte de Marta era nisso que se agarrava, frequentemente a mãe dizia que tudo seria resolvido quando completasse quinze anos. Esse era o motivo para a ansiedade de completar a promessa, após aquilo sua vida começaria de fato. Na memória guardava a conversa recorrente.

— *Dê graças a Nossa Senhora Aparecida por sua vida. Sem ela você não estaria aqui respirando.*

— *Mãe eu quero estudar. Ser professora como a senhora.*

— *Pare de me importunar com essas coisas. É uma criança. Depois do seu aniversário de quinze anos... Depois tudo vai ser diferente, Clara.*

Marta estava certa, tudo mudou. Os planos foram sepultados com ela, mas no fundo sentia que eles não incluíam seus estudos. Dodô em silêncio rezava ao seu lado, Clara achou ver uma lágrima brilhar na face de Dodô antes da

mão passar esfregando o rosto. A avó dela passou pelas duas pousando um olhar desconfiado, a amiga apertou sua mão com força quando a senhora se foi antes da missa terminar. As duas saíram por último, evitando os ouvidos atentos.

— Meu garoto piorou, Clara.

— O que vai fazer?

— Me pergunto isso há dois anos quando descobri estar grávida. — Sentaram no banco da praça. — Sabe, eu sonhava em ser apresentadora de televisão, ser famosa e conhecer muitos lugares. Hoje eu só quero que isso acabe.

— Tenha fé, Dodô.

— Minha vó vai me dar o dinheiro — Dodô disse, deixando lágrimas rolarem.

Clara a abraçou.

— Então você conseguiu!

— Falei com minha mãe hoje e os médicos disseram que ele não pode ser removido nesse estado. — Dodô virou o rosto, olhando para a cruz no alto da igreja. — Só um milagre pode salvar meu garotinho, Clara.

— Vamos rezar, Dodô. Faça uma promessa, minha mãe fez para eu nascer e a santa atendeu.

— Não acredito em milagres, mas eu pedi durante a missa que Deus salve meu filho.

Dodô foi embora arrumar as malas para São Paulo, dentro de dois ou três dias ela iria embora e elas combinaram de se despedir antes da partida. Clara passou na igreja de novo e também pediu por um milagre. Rezou por um menino desconhecido com o mesmo fervor de que se fosse um irmão, a inevitável lembrança de Pedro fez o choro chegar com força, porque trazia a sensação de que se ele estivesse vivo sua vida seria completamente diferente. Teria um amigo.

Ao chegar em casa, a boca perdeu a capacidade de engolir a saliva. Uma mala de tamanho médio era arrastada para varanda. O rosto mal-humorado arrepiou os pelos do braço de Clara. Aquilo deveria significar algo muito sério. Delicadamente deslizou o trinco do portão e ele voltou-se para ela impaciente.

— Onde estava, menina?

— Na igreja...

— Pois entre dentro de casa e não saia mais, está me ouvindo?

— Sim, pai, eu só fui...

— Estou sem tempo — João interrompeu. — Vou levar Roberto pra casa da minha irmã em São Paulo, o clima está muito pesado pra ele aqui. A vizinha vai ficar de olho em você. Não quero que saia de casa.

Roberto passou por eles e pegou a mala do chão. Usava óculos escuros apesar do crepúsculo, pousou a mão no ombro de Clara e usou a mesma para acenar sem emoção. É bem verdade que sua relação com irmão nunca fora de intimidade, mas vê-lo abatido e distante daquela forma, machucou. A ponte deles foi quebrada há muito tempo atrás, atendia pelo nome de Pedro, o garoto mais gentil do mundo.

Ficou sozinha em casa, um hábito recente que provocava sentimentos muito contraditórios. Nessa noite em especial o corredor pareceu mais longo e o caminho até o banheiro potencialmente perigoso. A pia gotejando, incomodando a alma, zombando da atenção dada a ela, gota a gota, sem parar. Som baixo e contínuo no final de paredes escuras, a receita para o desconforto vencer o medo. Levantou esfregando os braços e lamentando o abandono do leito quente e seguro.

Fechou a torneira com força e correu de volta à cama, mas eis que o som retorna. Dessa vez mais lento e provocante, gritando a cada pinga:

estou

aqui

estou

aqui

Clara abriu a porta com vontade, uma corrente de ar passou arrepiando. A confiança diminuiu e os passos rijos tornaram-se delicados. No alto da escada observou a cortina branca da sala esvoaçando. Se recriminou por ter deixado a basculante da cozinha aberta, uma pessoa não passaria pelo espaço pequeno, entretanto o pensamento de ter um intruso dentro da casa, sim. Olhou em volta com a real sensação de estar sendo observada. Usou toda a força para fechar a bica da pia do banheiro e foi até a cozinha. Lá observou o quintal pela abertura, só coisa velha e planta mal cuidada. Ao voltar deteve-se diante da cortina, pois com a passagem de vento fechada qual seria a explicação para o tecido continuar se mexendo. Deu um passo atrás. O pano transparente formava o contorno de uma pessoa. Tremendo e sem tirar os olhos da cena, tateou em cima da mesa, a fruteira foi derrubada no chão e Clara gritou, ainda baixo para chamar atenção da vizinhança.

Pegou uma fruta e atirou na cortina, o tecido voltou lentamente para o

lugar comum junto da janela. A luz do poste na rua iluminando alaranjada dentro casa, o coração acelerado não concordou com o raciocínio lógico:

ninguém esteve ali

Depois de beber um copo de água e olhar por um longo tempo a cortina parada, voltou para quarto, parando diante do banheiro e o gotejar insistente. Dobrou uma toalha de rosto dentro da pia e foi dormir. Trancou a porta do quarto, um luxo recém-adquirido. Passou a chave e a guardou debaixo do travesseiro, uma sensação maravilhosa de poder. Já era uma mulher, a beira de um casamento e toda a sorte de coisas boas e incríveis aconteceriam na sua vida. Talvez Henri apoiasse seu sonho de ser professora. Temer a solidão de uma casa era intolerável para uma mulher de soldado. Quantas noites passaria sozinha até gerar o primeiro filho? Com esses pensamentos e resoluções para uma vida fora dali, adormeceu, um sono intranquilo, onde a cortina branca da avó manchada de sangue escondia alguém, um conhecido, tão próximo como um irmão ou até sua mãe.

Clara acordou chorando ao pensar no corpo podre de Pedro ali olhando pra ela. Foi quando sentiu pequenos toques na pele por debaixo das cobertas. Aveludados e pontiagudos roçando nos pelos finos da perna. Prendeu a respiração e arregalou os olhos. Uma segunda carreira desses toques forçou o espaço entre seus dedos do pé. Retirou a coberta agilmente, tudo normal. Procurou debaixo do travesseiro e embolado no lençol e não encontrou nada. Sentiu um bicho grande andar em suas costas, bateu os braços e o travesseiro sem sucesso. Correu até a porta, queria ir ao banheiro e ver as costas no espelho, mas a porta estava trancada. Voltou para pegar a chave, contudo a bagunça da cama dificultava achar. Com todo o movimento a chave tinha caído no chão, abaixou-se para pegar o objeto próximo ao pé da cama. O que se seguiu foi pânico.

Clara encostou o rosto na criatura que espreitava ali debaixo da cama. Duas patas em forma de antenas passaram por seu rosto, analisando-o. Uma lacraia enorme, um monstro avermelhado de um metro ou mais. Escondida debaixo de sua cama. Clara gritou e correu para porta. Notou que centenas de filhotes percorriam o chão, batia os pés no piso, tentando evitar que subissem pelas suas pernas, inutilmente. A chave demorou a encontrar a posição correta na fechadura e libertar a menina do terror rodeada por insetos. A lacraia gigante saiu lentamente do esconderijo, mas Clara não se deixava enganar, conhecia a agilidade de uma besta peçonhenta como aquela.

Conseguiu abrir a porta e antes de fechar atrás de si viu com horror o bicho

subir em cima de sua cama. Os filhotes com o tamanho já assustador de um palmo passavam pela fresta da porta. Aos gritos abrigou-se no quarto dos pais e tapou as frestas da porta com vários panos. Todo o corpo coçava, indicando caminhos imaginários onde uma lacraia pudesse ter passado.

Permaneceu escondida em um canto do quarto vigiando a porta. Por duas vezes quase gritou ao ouvir alguém andando no quintal, uma silhueta humana apareceu na janela do quarto e Clara se encolheu com os olhos fechados. O resto da noite passou acordada, ouvindo o som baixinho das patas tilintando sobre o piso.

Capítulo 25

Giana, a vizinha, bateu na porta da cozinha ainda cedo. Oferecendo um genuíno interesse em relação a possíveis gritos vindos da casa de Clara durante a noite. Desentocar do quarto mostrou-se uma prova de coragem. O medo de Giana falar com João superou o terror da madrugada.

— Minha filha, me diga que os gritos de ontem não vieram daqui, foi. Meu marido deu a volta no seu quintal e não encontrou nada.

— Aqui está tudo em ordem, Dona Georgiana.

— Só Giana, viu? Mas sua carinha está muito abatida. — A mulher esticou o pescoço para dentro da cozinha. — Tem certeza de que está tudo bem aqui.

— Sim, eu só me assustei com uma lacraia.

— Tá amarrado, menina. — Ela bateu três vezes no portal de madeira. — Dizer esse nome maldito atrai mais dessas bichas.

— Deus me livre, dona Giana.

— Qualquer coisa, pode me chamar. Teu pai me pediu pra te cuidar nesses dias, viu?

— Obrigada. — Clara forçou um sorriso.

— Te encontro na missa mais tarde?

Concordou, inclinando a cabeça e sorrindo ainda mais, imitando a atitude da vizinha. As lembranças de Dona Giana eram boas até uma certa parte da infância quando passava muitas horas em sua casa. Depois sua mãe tomou certa distância da vizinha e Giana passou a ter o pescoço constantemente inclinado sobre a cerca. Sobrancelha levantada e sussurros no ouvido do marido. Um homem gordo e rosado, ele sempre balançava a cabeça calado e tinha um riso estranho faltando um dente na lateral.

Com medo de ficar sozinha em casa procurou o tio no mercadinho. Chegou tímida, com medo de parecer interesseira como Marta dizia, pois em todas as visitas recebia um presentinho dele. O velho senhor Osvaldo recebeu a menina com um largo riso de dentes perfeitos e brancos demais para serem de verdade.

— Ô minha filha.

— Bença, tio Osvaldo.

— Deus abençoe, filha. Precisa de alguma coisa? Tem tudo direitinho pra você em casa.

— Tenho sim, só vim fazer uma visita antes de ir para a igreja.

— Você é igual a sua mãe, sempre rezando. Mas ela tinha pecados, todo

adulto tem. Você é uma criança por que reza tanto?

— Não sei...

Ele se distraiu um pouco na caixa registradora, um rapaz acabara de entrar com mercadorias e esperava a assinatura dele para ir embora.

— Não deixe seu pai saber que fico enrolado sem ele aqui — disse sorridente. — João não é um homem mau, mas quer tomar conta do que não é dele. — Oswaldo tentou levantar uma caixa e quase caiu. Clara o ajudou. — Isso aqui vai ser do seu irmão e seu quando eu morrer. Quem diria que minha sobrinha iria primeiro que eu. — Sentou em um banco de madeira enegrecida pelo tempo.

— O senhor está bem? — Oswaldo olhava em outra direção. — Não quero incomodar, meu pai não gosta que eu venha aqui incomodar os clientes.

— Não dê ouvidos para o seu pai. Está com quantos anos, Maria Clara? — O velho perguntou enquanto despachava o entregador. Ele pediu para um funcionário ficar no caixa e levou Clara para um quartinho nos fundos. Um ambiente sujo e cheio de papéis.

— Acabei de fazer quinze, tio.

— Já tem idade para entender certas coisas. Seu irmão é um garoto problemático, só quer saber de bebedeira e não é muito chegado a labuta. Eu só saio daqui morto, construí esse mercado com minhas mãos. — Oswaldo alisou a parede. — Ele vai ser seu também. Peça a Deus para eu morrer só quando você for maior de idade. Teu pai vai tentar tomar conta de tudo, mas ele não tem direito a nada, Clara. Só você e Roberto, você sabe disso?

— Eu sei, tio — respondeu confirmando com a cabeça, sentindo-se desconfortável.

— Você tem o mesmo olhar da sua mãe. Não cometa os mesmos erros que ela. Case com um bom rapaz e deixe que ele tome conta dos negócios em seu lugar e vá fazer outra coisa, porque se você ficar aqui João vai estragar sua vida.

— Eu queria ser professora igual a ela.

— Faça isso, faça isso... — Oswaldo repousou a mão no rosto dela, um ato muito estranho semelhante ao de uma pessoa cega reconhecendo alguém. — Continua indo a igreja?

— Sim — Clara respondeu,

— Não pare. Sua mãe parou um tempo, quando estava grávida de você. — Ele retomou a fala com mais convicção. — Marta nunca mais foi a mesma, perdeu alguma coisa sabe. Um olhar triste e perdido, as pessoas acham que

foi pela morte de Pedrinho, mas não foi. Aconteceu antes, eu vi no dia do batizado. — Oswaldo se afastou um pouco sentando em uma cadeira velha.

— O meu batizado? O que aconteceu?

— O padre da igreja matriz morreu nesse dia, foi horrível.

— Ninguém nunca me contou isso. — Clara puxou um caixote de madeira para sentar.

— Acho que tenho uma fotografia desse dia. — Oswaldo começou a procurar em algumas gavetas. — Sua amiga te achou?

— Que amiga?

— Uma menina veio aqui te procurar. Neta dos Dorneles.

— Ah, sim, é a Dodô. Mas isso foi que dia?

— Ontem de tarde. Ela parecia triste. Aqui, achei. — Ele esticou uma foto preto e branca, estava muito ruim, uma mancha negra cobria parte de sua cabeça ainda bebê. Todos sorriam na imagem exceto Marta, e aquilo de certa forma provocava um mal-estar. — Vê se isso é cara de mãe em batizado?

— Ela parece triste... — Clara refletiu.

— Assustada — Oswaldo acrescentou.

Generoso o tio deu-lhe dinheiro e doces para levar para casa. Pediu para Clara aparecer mais vezes. Com pouco tato a abraçou e desculpou-se por não ir ao hospital visitá-la na época do acidente. Oswaldo revelou que ele esteve muito mal de saúde e com o choque da morte repentina passou semanas em casa de cama. Quando Clara se despediu dele o velho fez um último pedido.

— Uma última coisa. Evite a companhia dos Dornelles. São gente de muito dinheiro que fazem o que querem nessa cidade. Só fazem coisas para benefício próprio. O falecido Dornelles foi um homem desprezível fez muita coisa ruim pra essa cidade e todos eles têm esse sangue ruim nas veias. Tenha cuidado.

— Vou ter. Obrigada, Tio. Bênção.

— Deus abençoe, minha filha. Que Deus te abençoe.

Contradizendo o bom conselho do tio foi procurar Dodô. A mansão da colina estava bonita, as árvores verdes iluminadas pelo sol e o gramado salpicado de pequenas flores. Clara esperou a empregada chamar por Dodô, vasculhou com olhos curiosos os vários objetos da sala imensa. Avistou a santa no mesmo lugar de antes, os porta-retratos prateados e parou ao avistar um objeto em especial. Em um canto perto de uns vasos antigos com flores

de tecido, Clara viu algo semelhante ao que encontrou no quarto da mãe debaixo do piso. Alisou as inscrições devagar, olhando de um lado para o outro. Abriu a tampa e um odor forte saiu de dentro do pote. Escutou um som alto de vidro quebrando vindo da cozinha e se assustou, fechando a tampa com força.

— O que você está fazendo? — Dodô perguntou.

— Nada, só olhando esse vaso. É tão diferente.

— É muito raro, coisa antiga de família.

— Na verdade minha mãe tem um igual — Clara respondeu com desdém.

— O dela tem o mesmo cheiro desagradável desse aqui, deve ser o material...

— Que? Saia de perto do Nganga. Clara você abriu isso?

— Me desculpe, Dodô, eu nem sei que vaso é esse. Abri, mas não tem nada dentro.

— Clara... — Dodô largou o corpo no sofá, esfregando o rosto. — Isso é uma urna de salomão... — O olhar perdido e as mãos trêmulas da amiga assustavam.

— O que está acontecendo, Dodô? Por que está tão nervosa?

— Não era para abrir a urna, porque dentro dela tem demônios. Coisas ruins...

— Não acredito nessas coisas. — O nervosismo impregnou o ambiente e Clara sentiu-se irritada. — Mas se não quisesse que alguém abrisse esse negócio deveria ter guardado em outro lugar.

— Você não entende. — Dodô se levantou e foi até a urna, segurou a tampa e puxou com força. — Ninguém. Absolutamente ninguém seria capaz de abrir uma Nganga. Não sei como você fez isso, mas não vou ficar aqui para descobrir. Estou indo para São Paulo encontrar com minha mãe e meu filho.

— Você realmente acredita nisso? — Clara perguntou, sentindo que ela própria cogitava a possibilidade.

— Sim, essa casa já é amaldiçoada faz muito tempo. — Dodô olhou ao redor. — Pessoas morreram aqui e sofreram muito, toda essa dor fica entranhada no lugar. Se a sua mãe tinha uma urna de Salomão é porque estava tentando controlar algo muito forte e perigoso. — O conhecimento da goética de Dodô era apenas o suficiente para se proteger, a verdadeira magista da família fora sua avó. Entretanto sabia o suficiente para compreender como era perigoso.

— E eu libertei isso? — A voz da menina vacilou um instante, lembrando

das coisas estranhas que se manifestaram depois da morte de sua mãe e principalmente quando abriu a urna.

— Sinto muito não poder ajudar, Clara. Você entende não é? Meu filho está me esperando. Mas me procure em São Paulo. — Dodô anotou um número em pedaço de papel.

Clara foi para casa com o número amassado dentro do bolso e um medo crescente no peito.

Capítulo 26

Com o pai e o irmão fora de casa, e o desconfortável pensamento de que algo ruim teria sido despertado, Clara ficou inquieta. Sua vida tomou rumos estranhos, muito além do que sua mente seria capaz de processar no momento conturbado. O envolvimento com Henri tornou-se um alívio, um refúgio da solidão e motivo para ter esperança em um futuro melhor. Andou de um lado para o outro pelo corredor, sempre parando na porta do quarto da mãe e olhando o tapete, ali embaixo estava o objeto intrigante, a coisa maligna que Dodô temia. Deveria ser realmente, pois se uma mãe com o filho à beira da morte fica assustada com alguma coisa você há de temer também se tiver um pouco de juízo. Quando se preparava para entrar no quarto e verificar a tal arca de Salomão alguém chamou no portão.

O som da buzina interferiu na frequência das batidas de seu coração, as pernas perderam a firmeza e antes de todos esses sintomas passarem, estava dentro do carro de Henri. Ele foi atrás de Roberto que não havia chegado, ficou chateado e sua urgência para vê-lo significava uma coisa: “*Henri pediria sua mão*”. Disse que queria passear pela cidade, casualmente a convidou. Ela não respondeu exatamente sim, nos últimos dias tinha passado um tempo valioso com ele, ocasiões inadequadas, propensas a muito falatório.

Entretanto foi puxada pela mão com delicadeza e entusiasmo e vinte minutos depois estavam em uma estrada com o carro dele quebrado. Henri pediu a sua ajuda para consertar o motor, Clara riu, não sabia nada sobre o assunto, mas ele explicou que pegar as ferramentas da caixa em cima do banco ajudava muito. Após alguns minutos ele pediu para que pegasse um martelo. Clara se debruçou sobre o carro de capota abaixada procurando a ferramenta. Ele parou atrás dela enxugando um falso suor na testa. A tarde era fresca, porém ele havia tirado a camisa para não sujar, seu corpo era magro e musculoso, do tipo inevitável de se olhar. Ele chegou cada vez mais perto, Clara presa entre ele e o carro. As pernas estavam bambas e sem o apoio do veículo caíria no chão. Sedutor, encostou o peito nela encarando seu rosto e quase se beijaram, Clara fechou os olhos, mas ele apenas pegou a caixa de ferramentas. Piscando o olho direito e estalando a boca, um sonzinho gostoso feito só para ela.

— No exército você conserta carros? — perguntou, dando-se conta do pouco que sabia dele.

— Se precisar— respondeu indiferente. — Faço o necessário, sou um soldado, meu trabalho é corpo a corpo.

— É muito perigoso então...

Henri levantou.

— É, e eu gostaria de ter uma coisa bonita para lembrar quando estiver no campo de batalha recolhendo os mortos. Um beijo talvez — pediu com a voz suave.

Clara molhou os lábios rígidos e secos. Um sim fraco saiu de dentro dela, apesar da certeza. Imaginou ele segurando sua foto em um campo de guerra e derramando lágrimas de amor e saudade. Henri voltaria condecorado e a beijaria na porta da casa deles. Teriam quatro filhos todos com aqueles olhos caramelos do pai, ele carregaria um buquê de flores e sempre a chamaria de meu amor ou de querida.

Enfim, beijaram-se, foi intenso e tudo que veio a seguir perdeu a magia e só aumentou a intensidade, como um passeio de trem agradável que de repente se torna apavorante, quando a locomotiva descarrila matando todos a bordo, primeiro de horror e depois esmagando seus corpos. Ele apertava seu corpo magro, afagando partes com muito ou pouca carne com a mesma intensidade. Ao insinuar fala e interromper o momento, teve os lábios presos entre os dentes dele, igualmente invasivas suas mãos adentravam suas roupas. Clara gemeu, um misto de medo e recusa, antes do gemido terminar já transformara-se em prazer. A mão experiente serpenteava dedos conscientes para a região mais úmida de seu corpo. Em sincronia a mão esquerda desabotoava os botões da frente do vestido, quando não conseguia usava a boca. Sem traço de cuidado, pressionando o corpo de Clara contra o carro na beira da pista de terra batida, expôs o pequeno seio de uma vez.

— Henrique! — Clara gritou.

Encarando-a ele introduziu lentamente o dedo no meio dentro dela, enquanto enroscava com a mão esquerda o bico do peito entre os dedos.

— Devo parar, querida?

— S... — Somente o s ganhou vida, porque lá embaixo entre o polegar e a palma da mão, uma coisa rija e molhada que sequer sabia o nome era acariciada pela primeira vez na vida e depois disso, seus olhos fecharam e a cabeça foi jogada para trás. Henri sugava o seio dela e toda força que fazia com dedos enterrados em seu cabelo não o desmotivou, passava de um seio para outro. Achou ter vistos pessoas, contudo o medo de ser surpreendida era menor que o medo de ele parar. Somando tudo, passou uma hora fora de casa.

Esse foi o tempo que Henri levou, entre aparecer em seu portão, colocá-la dentro do carro de seu pai, e tirar sua virgindade no banco traseiro de um carro na beira da estrada.

Nada foi forçado, apesar de dizer diversas vezes que não queria. Ele a beijou e acariciou seu corpo. No início ela estava gostando e quando murmurou que aquilo era errado e não queria, ele a beijou calando suas dúvidas, seu beijo era tão apaixonado e seu corpo era quente e forte, apesar de sentir medo e confusão também sentia prazer e confiava nele. O corpo dele exalava um cheiro diferente, era inebriante e intenso e não conseguia pensar direito em sua presença. Henri a deixou em casa, beijou seus lábios, disse como era linda e foi embora.

Clara tomou banho e quando entrou em seu quarto desabou. O riso bobo transformou-se em pranto. O que tinha feito? Deitou-se com um homem na beira de uma estrada, sem estar casada com ele. *“Acalme-se, ele gosta de você, gosta muito, senão não teria te convidado para sair.”* Chorava por medo e por amor. Estava apaixonada por ele, e com o passar dos dias ele parecia mais apaixonado por ela.

João chegou um dia antes, exausto da viagem. Clara tinha dificuldade em encarar o pai, sentia-se culpada pelo que tinha feito apesar de ter passado a tarde chorando ainda saboreava o gosto de Henri nos lábios. O coração palpitava forte e no momento em que viu o pai teve a sensação que ele saberia, só de olhar, que tinha perdido a virgindade.

— Como foi em casa sozinho esses dias? — ele perguntou.

— T-Tudo bem, pai — respondeu, deixando o prato cair dentro da pia enquanto lavava a louça do jantar.

— Tá nervosa por quê? — disse ele, impaciente, parando de ler o jornal e dobrando-o no braço da poltrona da sala. — Eu já sei o que você fez e estou muito decepcionado. Não basta o que estou passando com Roberto?

— Pai eu... eu...

— Cale essa boca. Não acredito que me desobedeceu. Falei com seu tio pelo telefone e ele disse que você passou no mercadinho. Não falei que era para ficar dentro de casa? Por que foi até lá?

— Fui à igreja e passei pra ver o Tio Oswaldo, só isso — respondeu, com um misto de alívio e felicidade.

— Pois da próxima vez venha direto para casa. A última coisa que preciso é filha mal falada.

Capítulo 27

Nos quinze dias em que o jovem soldado passou na cidadezinha eles se encontraram cinco vezes. A inocência e a paixão vendavam seus olhos para a realidade. Esses encontros duravam uma hora, eram escondidos, nunca envolveram passear de mãos dadas como namorados, ir ao cinema ou o pedido formal de sua mão para o futuro casamento, tão aguardado. Todos aconteceram no banco de trás daquele carro e o último fora em seu próprio quarto. Onde ele tirou sua roupa e fez coisas que ela se envergonharia para o resto da vida, quando finalmente compreenderia a situação. Ele nunca perguntou se ela queria. Ao dizer não ele a convencia calando seus lábios com beijos apaixonados e palavras doces. Nesse último encontro deitados na cama tomou coragem para perguntar.

— É assim que vai ser a nossa vida quando casarmos, Henri?

— Estou indo embora amanhã, Clara, não sei se um dia me casarei, sou um soldado — respondeu com tranquilidade.

— Mas... Eu te amo.

— Você é uma doçura, querida. — Segurou o queixo dela. — Gosta quando te chamo assim, não gosta? Não posso casar, um soldado como eu não pode. — Ele beijou sua testa, vestiu as calças e foi embora, mas colocou o colar metálico do exército no pescoço dela. — Pronto, agora pode brincar de ser a senhora Donavan quando quiser.

Clara passou o dedo na inscrição da plaquinha cinza. *H. Donavan*. A porta bateu, mas estivera incapacitada de olhar. Murmurou o sobrenome. *Donavan*. Custando a crer... Esse era o nome do homem que acabara de arruinar sua vida. Permaneceu nua, deitada na cama por horas, em choque. O vento entrando pela janela e grudando o lençol no corpo. *O que fiz da minha vida?* Recolheu os lençóis, embebidos dos suores de seu amor, unilateral. As consequências de seus atos surgiriam muito tempo depois, mas a dor... Essa foi concomitante ao adeus de Henri e sua indiferença. Vestiu a roupa e fez o jantar, mas seu espírito não estava dentro de seu corpo, ele tinha ido a algum lugar para se preparar e tentar compreender tudo que aconteceu naquelas duas semanas.

Naquela noite, João chegou anormalmente feliz, falando dos negócios com ela, coisa rara.

— Finalmente Clara. Seu tio vai passar o mercadinho pro nosso nome. — Ele bateu na mesa, eufórico. — Traz a comida, vamos comemorar. — Clara

continuava mexendo a panela de feijão enquanto o cheiro de arroz queimado espalhava no ar. — Maria Clara! — Ela apagou o fogo e ficou ali parada por tempo demais para parecer normal. — Roberto tem que voltar pra casa, eu fico aqui sozinho aguentando isso — João resmungou, empurrando a cadeira para trás. — Vou tomar banho. Faz outro arroz.

A novidade ou o destrato do pai foram incapazes de penetrar a melancolia ao redor de Clara. O som da voz de João penetrava a casca de tristeza e desfragmentava-se dentro de sua cabeça. Ele inquireu sobre o comportamento dela, mas três palavras calavam o pai facilmente. “*Estou naqueles dias*”. Logo Roberto voltou para casa, em parte porque João demonstrou ser insuportável viver no silêncio com ela. O pai necessitava de alguém para ouvi-lo reclamar durante o jornal e entender suas observações sobre futebol. A menina parou de fazer as refeições na mesa com eles e o ato sagrado e irrevogável de jantar todos juntos chegou ao fim. Os homens levavam a comida amparada com panos de prato para o sofá e lá ficavam. No dia seguinte Clara retirava os pratos antes de fazer o café. Uma nova rotina se instaurou, Roberto andava desanimado, mas seguiu o pai nos afazeres do mercadinho. João só falava das reformas e de expandir, e Clara se fechou cada vez mais fundo dentro do quarto.

Às vezes quando varria o quarto e retirava o tapete olhava o piso solto e pensava se seria possível enfiar o mal de novo dentro da urna.

O primeiro mês passou como um ano inteiro de solidão e dor. Sentia-se suja e enganada. Tomava vários banhos por dia esfregando o corpo até ferir a pele e apagar qualquer vestígio da presença de um homem nele.

Mas o cheiro dele estava entranhado nela.

Ninguém parecia senti-lo, mas aquele odor no início inebriante e sensual, fora transformado em algo podre e agourento. No segundo mês começou a negar que aquilo tinha acontecido, tudo deveria ser um tipo de pesadelo muito longo. Ficou doente, não conseguia comer e colocava o pouco que ingeria para fora. Pensou em se confessar na igreja, mas teve medo de dizer aquelas palavras em voz alta. Por que pronunciá-las era tornar aquele horror real. Sentia que algo estava errado, uma coisa maligna a acompanhava e ela não conseguia esquecê-la. Mesmo quando decidiu que nunca mais pensaria nisso ou contaria a alguém. O tempo passou e a doença tomou conta de seu corpo, até sua alma estava contaminada pela presença de Henri.

Quatro meses depois daquele adeus sentiu algo se mexer na barriga. Dessa

vez soube de imediato do que se tratava, sua inocência morreu aos poucos no banco de um carro e por fim em sua própria cama, manchando seus lençóis. Estava grávida de um homem que não a amava e sequer teria cogitado se casar com ela. Seria uma mãe solteira e em sua cidade qualquer pai diria que preferiria ter uma filha morta a ter um neto sem pai.

Clara precisava se livrar do bebê, entregar-se para Henrique fora um erro, o mais grave de sua vida. A criança, fruto de um pecado, seria uma desgraça. Imaginou as duas vivendo nos fundos do terreno, no barracão de ferramentas como animais. A lembrança de Dodô trouxe mais medo, e se o bebê tivesse uma doença? Não. Iria ser jogada para fora de casa com uma cria indesejada dentro dela. Só uma saída apagaria Henri do corpo dela para sempre. Um homem que amou, mas não conheceu, sequer sabia o sobrenome dele.

Como pôde ser tão ingênua? No primeiro encontro dançou no quintal e foi beijada de forma doce e bonita. Henri a levantou no alto como uma criança e eles riram juntos, podia confiar. Ele era Henri, o amigo de seu irmão. Um rapaz divertido e bonito. Seu primeiro amor. Na última vez o desconhecia, pois o riso nos lábios eram escárnio e as mãos em seu corpo somente luxúria. Tinha que fazer um aborto. Escreveu para Dodô e pediu ajuda para se livrar do bebê a resposta recebida a fez ficar acamada durante três dias.

O sumiço da amiga se dava por uma terrível notícia, o filho dela faleceu antes de poder tentar um novo tratamento. Dodô desaconselhou um aborto, sua carta repleta de luto desconsiderava uma mãe matar um filho. Como podia ser diferente? Ela acabara de enterrar o dela. Sem opções bateu na porta da vizinha Giana, obrigou-se a fazer amizade com ela. Mas a resposta para a pergunta que não podia fazer demorou três semanas para conseguir. Ali em Aparecida existia uma mulher de nome Jussara, lá mulheres entravam com bebês e saíam sem eles.

Chegando na casa de dona Jussara, a vontade de voltar diminuía as passadas. No chão de terra batida, galinhas ciscavam em cima das próprias fezes e porcos grandes e peludos tinham acesso ao interior da casa como se fossem pessoas. Contudo, muito disposta a correr o risco de morrer, Clara prosseguiu. Certa de que a vida era uma brevidade que deixava seu corpo, pois já podia sentir as partes mortas contaminando o que ainda era bom, exatamente como acontece com um fruto podre que por fora é bonito e brilhante, mas por dentro está recheado de vermes, deitou em uma mesa de madeira forrada com um plástico preto e abriu a pernas. A velha senhora enfiava uma das mãos ossudas dentro dela enquanto a outra apertava com

força vários pontos da barriga. Com voz seca a mulher deu o diagnóstico.

— Já é criança grande e cabeluda, menina. Vai ter que esperar nascer.

— Eu trouxe o dinheiro! — Clara gritou, quase implorando. Vasculhando na bolsa as notas espalhadas pelas mãos trêmulas.

— Olhe lá, menina. Sua cria tá grande por demais e tu é essa coisinha pequena. Se tomar chá de erva vai morrer os dois.

— Dou mais dinheiro, mas tira isso de mim. — Clara esticou as notas amassadas e nunca pareceu tão infantil.

— Olhe lá, não me vai fazer bobagem, espera nascer e dá pra alguém.

— Não quero essa criança! Meu pai não pode saber, ninguém pode!

— Quando uma mulher *qué* faz os *homem* acreditar em qualquer coisa. — Jussara esticou a mão. — É bem prendada, não é? — Jussara começou a enfaixar a barriga de Clara. — Olhe bem como some sua barriga. Quando a mulher *qué*, menina, ninguém vai saber.

A senhora mostrou como enfaixar-se, apertando a barriga e escolhendo a roupa certa. Explicou como proceder na hora de dar a luz a criança.

— Em cidade pequena notícia tem perna. Mas conheço uma Dona de casamento bom, ela teve um filho, uma criança bastarda e o homem dela nunca soube. Teu pai não vai saber também é só apertar a barriga dentro da cinta. — Jussara puxava as tiras, sacudindo o corpo de Clara. — Não chore, menina, quando fez chorou assim também ou revirou os olhinhos?

Após nascer ela poderia dar a criança ou se desfazer dela. Ninguém nunca saberia a verdade pela boca de Jussara, garantiu-lhe. Foi embora com uma grande atadura dentro da bolsa e um bebê dentro da barriga que não sairia dali antes da hora.

Capítulo 28

Puxou o ar o máximo que pôde, encolhendo a barriga. As costelas não apareciam mais e a barriga tornou-se dura. Iniciou o doloroso processo de enfaixar-se, do seio ao ventre, apertando a faixa com pulso forte e comprimindo seus órgãos. Como consequência, a cada hora iria ao banheiro em média cinco vezes e toda vez que tirava as ataduras sentia as vísceras se realinharem. O estômago roncava, a bexiga relaxava e os intestinos borbulhavam.

Seu corpo dizia por meio de sua linguagem interna: não faria aquilo outra vez. A outra vida que carregava espremida pelo enfaixamento diário, pouco reclamava. O bebê mantido em segredo dentro de si, dotado de alguma percepção, um poder somente possuído nessa idade, compreendia não haver outro modo. A alternativa para todo aquele sofrimento havia passada há quatro meses. Quando o bebê ainda seria uma bola disforme como disse a aborteira. Era só abrir as pernas e morder um pano, enquanto a senhora Jussara enfiasse duas varetas compridas com ganchos nas pontas dentro dela. Suas mãos velhas e habilidosas espetariam a bola e arrancariam a semente do pecado de seu útero. Ninguém ficaria sabendo, disse ela. Era assim que muitas resolviam uma gravidez indesejada na década de oitenta. Mas isso quatro meses atrás no primeiro mês de atraso de seu sangramento mensal. A senhora Jussara parou de fazer abortos de cinco meses, principalmente em garotas pequenas como ela, uma menina que de longe pareceria uma criança com uma bola debaixo do vestido. Depois de algumas mães perderem suas vidas em suas mãos, Jussara passou a selecionar muito bem os abortos viáveis. Clara, não pensava em tais coisas quando seu sangramento não veio. Ela nem mesmo notou. Estava apaixonada e pouco conhecia seu corpo quando se deitou com um homem.

Com quase sete meses de gestação havia se tornado um espectro do que tinha sido um dia. Uma sombra triste e a solidão que lhe era preciosa e protetora, fora roubada, passou a dividir seus dias sombrios com uma semente. Uma criança, pressentia ser um menino exatamente como o pai, o mesmo olhar e ela o odiaria por isso. Entretanto já nessa época não recordava-se de seu rosto, somente os olhos caramelos fincaram raízes na lembrança. Com o tempo e a doença instalada em seu corpo, sua memória degenerou-se. E a imagem de seu rosto antes nítida e constante tornou-se borrada. Foi dissolvendo devagar de modo a não assustar, a desfiguração de

sua face foi lenta e pouco importou-se com isso.

Encarou o esquecimento como uma coisa boa, um pequeno abatimento de seu sofrimento constante. Se o bebê não existisse para lembrá-la diariamente daquelas duas semanas de verão, teria esquecido completamente de tudo que aconteceu e do rosto de Henrique Donavan. Com o tempo tinha dificuldade em lembrar dos momentos felizes onde ele era somente Henri. Donavan, o estranho sobrenome, combinou com o que ele representava agora, um maldito desconhecido.

Pode demorar anos, mas se você tencionar uma corda além de seu limite, não importa o quanto ela seja forte, chega um dia que ela arrebenta. Naquela manhã de inverno isso aconteceu com Clara. Enquanto servia o almoço para o irmão, desmaiou. Ele veio em seu socorro e notou, tinha algo errado. O vestido largo colou no corpo e a mão de Roberto sentiu um nó de tecido nas costas da irmã. Descobriu sua barriga e a acordou com um tapa no rosto.

— SUA VAGABUNDA! — ele gritou, estapeando sua face.

Clara acordou e chorou de imediato pela dor e pelo medo. Roberto agarrou a irmã pelos cabelos, arrastando-a pelo chão da cozinha molhado com a sopa de tomate derramada ao desmaiar da menina. Como sangue, o líquido se espalhou grosso e vermelho sujando o vestido dela.

— Diga-me! Quem fez isso com você? Diga! — Roberto atirou Clara no sofá com violência inumana, derrubando e estilhaçando o abajur do aparador. Ela chorava com as mãos no rosto. Ele apertou seu maxilar enterrando os dedos nas bochechas.

— Diga-me que eu o matarei!

— Donavan... — murmurou o nome do estranho que arruinou sua vida.

— Sua vagabunda mentirosa! — gritou Roberto, e desferiu um tapa tão forte em seu rosto, que ela caiu do outro lado do sofá, cuspiendo sangue. — Como pôde? Como pôde manchar o nome de nossa família assim? Ainda protege o desgraçado, me diga Clara, quem fez isso com você? — Roberto agora subia em cima de sua barriga e apertava seu pescoço com as duas mãos. Gritando e babando, sua face era a imagem do ódio. Veias grossas pulsavam e cresciam de seu pescoço até sua testa como galhos de uma árvore.

— Do-na-van... — Clara murmurou com dificuldade.

— Escute sua putinha mentirosa, eu vou te matar e te enterrar no quintal. Irei poupar nosso pai desse desgosto, é isso que o primogênito tem que fazer. — Proferiu essas palavras com os lábios encostados em seu ouvido. — Vou

perguntar até você me dizer o nome dele e toda vez que mentir vou te surrar.
— Quem, Clara?

— Dona... — Um tapa na face esquerda. *Deus, por favor, faça-o parar...*

— Quem?!

— Don... — Um tapa na face direita. *Pare! Pare! Você é meu irmão, por favor...*

— Quem é o maldito?

— Henrique... — O soco no nariz, afundou ossos na face e enterrou qualquer esperança de fazer Roberto compreendê-la, não haveria ajuda, embaixo de toda dor de seu corpo, crescia um desespero sólido, e a certeza de estar completamente sozinha no mundo. Clara sentiu o nariz quebrar e sangue se acumulou na garganta impedindo que respirasse. Roberto, vendo seu rosto já desfigurado e pegajoso, passou a apertar seu pescoço. Ele apertou e apertou cravando as unhas na pele e arrancando lascas. Abaixou a cabeça e disse em seu ouvido.

— Além de ser uma vagabunda é burra. Você é estúpida? Henri está morto. Ele sofreu um acidente de carro depois de me deixar em casa na primeira noite que passou na cidade.

— N-ã-o — disse Clara, tentando explicar. Lágrimas escorriam aguando o sangue, os olhos começavam a escurecer e a loucura e a violência do irmão passaram para ela, feito um vírus da gripe. Se debatia debaixo dele gritando, um grito borbulhante, o sangue e o choro empossando na garganta a calavam.

— Eu falei disso durante um mês, durante todos os jantares, depois da volta de São Paulo. No dia seguinte do acidente meu amigo veio aqui e fui até o hospital vê-lo de bicicleta. Ele morreu naquele mesmo dia, estava bêbado quando saiu daqui naquela noite. E agora sua porca imunda, você tenta manchar o nome dele? Meu melhor amigo?!

Clara viu o mundo apagar devagar, tudo em volta escureceu, via o irmão mexer os lábios. Estava falando ou gritando e as palavras eram distantes. Ele saiu de cima dela, aliviando o peso de sua barriga. Nesse instante sentiu o bebê se mexer furiosamente. A cabeça pendeu para lado e no meio do horror viu o irmão se afastar, vasculhando as gavetas da cozinha ele pegou uma faca grande e afiada.

— Eu vou descobrir! Você vai dizer senão vou abrir sua barriga, e arrancar esse bastardinho de merda! — Ele gritava e liberava o ar ruidosamente pelo nariz.

Roberto virou em sua direção com a faca na mão. Mas algo aconteceu.

Aquele cheiro estava no ar, muito forte ao ponto de tomar lugar do ar respirável e sufocar. Ele escorregou na sopa de tomate derramada no chão. Seu corpo caiu para frente, com a mão esquerda ele segurou na gaveta aberta, mas a direita segurava a faca. Ele não soltou, caiu com a faca em punho e o peso do corpo a enterrou no meio da barriga. A gaveta despencou em cima dele espalhando outros talheres. Clara sorriu, aquilo era um pesadelo só poderia ser. O irmão soltou goles vermelhos brilhantes, e arregalou os olhos ao ver que ela sorria.

— Sua porca — ele disse, rastejando até Clara e completou com a mesma voz fraca e borbulhante. — Vou arrancar seu bebê. — Foi até ela, deixando um rastro de sangue pegajoso, um verme horrendo. Como esses parasitas, demorou a morrer e conseguiu alcançar o rosto de Clara, ela estava com uma pequena fresta do olho aberto, mas não enxergava, já havia sido reivindicada pelo escuro. Roberto puxou seu cabelo com a maior força que tinha, arrancou uma pequena mecha. E morreu aos pés da irmã desfalecida e humilhada.

Capítulo 29

Despertou incerta da veracidade dos acontecimentos até ver o corpo do irmão, então, gritando pediu para Roberto sair de cima dela. Ao sentar toda dor que sentia distorceu o mundo a sua volta de modo nauseante. Vomitou segurando a barriga com muita dor. E gritou. Gritou com toda a potência de seus pulmões apertados por faixas. Quando viu o irmão morto, virou-o tentando acordá-lo. Suas mãos encheram-se de sangue. O brilho e a textura dele trouxeram uma realidade e sabedoria primitivas. Tinha que fugir. Levantou passando por cima de Roberto, pisando na mão que segurava uma mecha de seu cabelo. Chorava, um pranto silencioso e doentio. Escorregou no sangue do irmão caindo de joelhos. Roberto estava morto não conseguia acreditar, esconder o bebê perdeu a urgência diante da tragédia. Engatinhou de quatro até a porta da cozinha, a marca de sua mão ensanguentada ficou na madeira branca. Como uma marca de morte e um aviso de perigo.

Descalça, andou até a igreja. Um corpo sem vida de olhos brilhantes e pequenas veias estouradas. Um olhar vermelho como todo o sangue cobrindo seu rosto e corpo. A respiração deficiente e o andar vacilante poderiam convencer qualquer pessoa que se tratava de um cadáver ambulante. Como todos os recentes acontecimentos surreais.

Ninguém ajudou a menina espancada, as senhoras que estendiam roupa no quintal ou espiavam da janela enquanto ela passava, entraram dentro de casa e trancaram suas portas fazendo o sinal da cruz. Clara andou o um quilômetro e meio até a igreja sozinha, a faixa da barriga soltando e sendo arrastada atrás dela. Como um cão arrastaria a corrente que o prendia. Urina escorreu por suas pernas, mas a jovem não ligou, começou a empurrar um dente com língua, ele estava mole e sua raiz rangia. Entortava o dente para frente, em um vai e vem doloroso. Roberto fizera aquilo e isso não fazia sentido para ela. Toda dor de seu corpo estava presente, mas Clara se encontrava em outro lugar, sua alma vagava por lembranças desconexas. Sentiu e ouviu quando pisou em um prego. Ele entrou no seu pé até a metade. Na parte côncava e macia e a cada passo ela o empurrava mais.

Começou a se concentrar no prego, algo o impedia de entrar completamente. Duro e branco o osso atrapalhava a trajetória da ponta enferrujada. Pisou com força no próximo passo, suor escorreu do rosto e o coração acelerou. A ponta pressionou o osso e Clara cambaleou sem sucesso. No passo seguinte pisou com toda a força e peso do corpo, dessa vez a ponta

do prego desviou do osso, atravessou tendões e ligações nervosas.

A agonia do corpo não poderia atingi-la, pois sua mente vagava distante, submersa em lembranças de um dia aleatório de verão. Quando o prego entrou completo sentiu uma forte fisdada e começou a mancar. Quase chegando a igreja duas crianças passaram de bicicleta. Um menino carregava uma menina.

— Moça? Moça? Dona está tudo bem? — O menino de cerca de 10 anos perguntou. Ele parou a bicicleta atrás de Clara e desceu dando a mão à garotinha.

Clara se virou com passinhos muito pequenos e lentos para eles. A menina fechou os olhos. Clara soltou uma baforada de boca aberta e o mundo era silêncio. O vento não corria ou existia qualquer sinal de vida naquele momento, as crianças seguravam a respiração. O menino ficou hipnotizado olhando o balançar para frente e para trás do dente mole. Com a cabeça meio de lado, segurava a barriga com uma das mãos e balançava o corpo, porque Clara sabia que se parasse completamente não conseguiria andar mais.

Esticou o braço em direção as crianças, imaginando que poderiam ser ela e Roberto. O silêncio foi interrompido com o pequeno som do dente soltando a raiz da gengiva. Ele não saiu de uma vez, ela empurrou e fez um estalo, as crianças deram um pulo para trás. Empurrou de novo, a língua cortada minava mais sangue dentro da boca e o dente fez outro estalo, o menino abraçou a garotinha cobrindo sua cabeça. Até que o dente caiu no chão. Com uma raiz muito comprida, pontiaguda e vermelha. O menino finalmente acordou de seu torpor e saiu apavorado, pegou a pequena no colo e saíram correndo, abandonando a bicicleta.

Ouviu quando eles caíram logo a frente, o menino tropeçou caindo em cima da menina. Eles gritaram e correram de mãos dadas levantando poeira.

Chegando na porta da igreja a dor na barriga era muito intensa. Clara subiu três degraus, se apoiou na grande porta de madeira, soltou um pequeno grito e vomitou um líquido negro, granulado e fétido. Lembrou-se do Padre Jonas e de um dia sua voz bondosa ter oferecido ajuda. Ela viu o padre, mas era outro homem, ele correu em sua direção, o bebê se contorcia do lado de dentro. Foi deslizando apoiada na porta e desmaiou. Dessa vez acordou poucas vezes e sempre via o mesmo rosto. Uma freira de hábito branco, seu rosto era duro e assustador. Sobrancelhas finas quase inexistentes dificultavam decifrar suas expressões.

— Quem fez isso com você? — ela perguntou. Clara sentiu que estava em

alguma coisa em movimento. — Foi um homem não foi? Não se preocupe. O convento de Santa Amélia recebe moças como você. — E tudo apagou.

Chegando ao convento, uma jovem trouxe uma cadeira de rodas. O prédio muito grande de três andares, anexo a uma bela capela, intimidava um pouco. O escuro da fachada perdia o ar acolhedor de um lugar como aquele. Os tijolos vermelhos e as paredes encravadas de janelinhas de madeira envernizada, passavam segurança, lá dentro o mal não poderia entrar. Foi nisso que pensou quando passou pela porta e adormeceu.

Um erro comum entre as pessoas. Acreditar que o mal não existe na presença do bem, o mal obscurece o brilho da luz assim como luz é capaz de iluminar a escuridão da alma. Eles coexistem e um depende do outro para isso. Todos carregam luz e trevas dentro si e são raros seres singulares que apresentam só um ou outro. Raros, não inexistentes. Então o mal entrou junto com Clara, esse mal se juntou a malignidade já presente ali e ganhou força. Uma força devastadora e singular, vista poucas vezes pelo homem. Algo muito sombrio sem nome ou face. Essa entidade seria como tantas outras não fosse o fato de Clara conhecer seu nome.

Capítulo 30

Adormecida na cama da enfermaria onde uma freira limpava suas feridas. Sentiu alguém puxar um prego comprido de seu pé. Pessoas tiveram que segurá-la. “*Coitadinha*”. Alguém disse. Um líquido quente escorria de suas pernas e o bebê remexia. Estava nascendo, e graças a Deus ela pensou, havia alguém ali para ajudar. Gritou, dessa vez a dor foi real e forte o bastante para lhe roubar a consciência. Pessoas diziam para ser corajosa e fazer força. Alguém rezava a Ave-Maria ao seu lado e enfiava um crucifixo em sua mão. Ao desfalecer viu o rosto do bebê, tinha os mesmos olhos caramelos de Henrique e o rosto dele derreteu igual ao do pai em sua memória. Clara gritou murmurando o nome de Donavan. Em seu sonho o rosto dele passou de algo deformado e derretido para uma forma. Uma face demoníaca de olhos amarronzados. A pele vermelha e plastificada como sangue. Dentes pontiagudos e enegrecidos, e o cheiro, aquele cheiro terrível persistia. O demônio veio surgindo de um canto escuro. Ele era Roberto se arrastando na cozinha e depois Donavan, mas não o de rosto derretido, ele era o demônio de face plástica e vermelha. Sua testa e bochechas possuíam vários pequenos buracos circulares, dentro deles pequenos olhos a espreitavam. Vermes dotados de consciência e inteligência, contorcendo-se frenéticos só para perturbar sua mente.

— Donavan é você? — perguntou.

Ele sorriu e balançou a cabeça.

— Me chame, chame meu nome. — Se aproximou dela, colocando uma língua grande para fora. — Eu sou seu filho, seu marido e seu irmão. Eu sou Donavan. — A criatura se aproximava de maneira perigosa, Clara estava amarrada na cama e sua camisola de hospital aberta na frente pouco protegia o corpo. De seu seio escorria leite, e o leite virou sangue. Pela forma como o demônio se aproximava, compreendeu horrorizada... Ele queria seu seio e sugar dele, alguma coisa capaz de lhe dar força e domínio sobre ela. *Deus, me ajude. Por favor, Deus.* Suplicava, mas não existia nenhum salvador ali, estava na casa dele, como diziam os religiosos e aparentemente Deus não encontrava-se em casa. Porque o demônio contorcia-se em um canto e olhava para ela, com a língua para fora escorrendo-lhe saliva espessa. Os olhos assustadoramente humanos e gelados. Fitavam-se, indecentes e perversos. Ele passou pelas freiras e chegou em seu rosto, lambeu suas lágrimas.

— Você tem um gosto ótimo, querida. — O demônio inspirou forte, jogou a cabeça para trás de olhos fechados. Bruscamente, ele olhou em seus olhos, seus lábios sorriam mostrando os dentes enegrecidos, porém os olhos eram ódio tão forte que nem o homem mais perverso da Terra poderia carregar. Como um animal selvagem mordeu seu seio, arrancando um pedaço. Clara gritou e tudo ficou negro. Quando abriu os olhos o demônio estava lá, sugando de seu seio a energia que precisava. Gritou.

— Tire-o daqui!

— Acalme-se, Maria Clara. Esse é seu filho. Olhe como é lindo, você o batizou de Donavan.

— QUE! ONDE OUVIU ESSE NOME? Onde ouviu isso? Não quero esse bebê! Não quero esse bebê. Ele é o demônio...

Quatro freiras vieram, três de hábitos negros, alheias em como pareciam assustadoras. Seus passos apressados dividiam espaço com o choro da criança, e Clara ameaçou levantar. As mulheres seguraram seus braços e pernas. A freira segurava o bebê assustada. Elas ignoravam seus gritos e conversavam entre si. A mais velha se dirigiu para a jovem freira com o recém-nascido.

— Não se assuste, Sandra. Muitas fazem isso, inventam essas histórias para se livrar das crianças.

— NÃO! — Clara gritou, atirando saliva no rosto da freira mais próxima. — ELE É O DEMÔNIO! — No desespero mordeu a língua, aos solavancos se atirava para trás tentando se soltar. Os cabelos grudaram no rosto em meio a baba tingida de sangue. As palavras faltaram para descrever o que sentia. Gritou com toda a potência da voz.

— Tape a boca dela. — Uma bola de pano foi enfiada dentro de sua boca. Fora amarrada à cama e teve seus gritos abafados e suas lágrimas ignoradas.

— Essas jovens se deitam com vários homens, engravidam e são capazes de inventar qualquer história para poder voltar para uma vida de pecado — dizia a freira idosa.

— Nem todas fazem isso — complementou outra enfermeira baixinha. — Mas algumas são assim, já tivemos muitos demônios e até Jesus nascendo nessa enfermaria. Depois de uma semana elas param com essas blasfêmias e cuidam de seus filhos. — A jovem freira segurou o bebê e ele sugou seu seio. De dentro saía sangue, mas ninguém via. Só ela enxergava o horror de sua face. Os olhos caramelos perturbadores e humanos olhavam para ela, vitoriosos e sarcásticos, era só um bebê, era seu filho, mas também era um

pequeno demônio. Quando ele terminou a freira levantou o bebê e colocou bem perto de seu rosto.

— Veja Clara, ele não é um diabo. É seu filho, Donavan. Nós vamos cuidar de você até entender. Ele é um pequeno milagre de Deus. — Ela colocou-o em um berço do lado de sua cama. — Vou tirar isso, mas se gritar ou disser blasfêmias novamente, coloco de volta. — A freira tirou a mordaca e saiu.

Ao redor a enfermaria era gigantesca. Em volta cinquenta camas ou mais, todas com mães e bebês. Ela estava em um inferno sagrado, uma fábrica de tortura para mães solteiras. Aquelas freiras a obrigariam a criar um ser maligno. Se estivesse sozinha o teria matado no minuto do nascimento, mas agora estava amarrada olhando para ele. Se deu por vencida e dormiu, sonhou com Roberto repetindo a terrível verdade. Henri estava morto, nesse caso com quem ela teria se encontrado naqueles dias?

Em sonho ela começou a ver que o beijo no quarto de ferramentas não tinha sido mágico como parecia. O demônio passava sua língua negra, áspera e pegajosa em seus lábios. Ele beijava sua boca e passava suas garras por seu corpo. Ela tinha sido enganada, entregou seu corpo e sua inocência para algo maligno e agora estava presa a ele. Acordou suando atormentada com as lembranças e a dura realidade. Pediu para falar com o padre. Ele veio, andando devagar, era um senhor de cabeça branca e riso gentil. Sentou com dificuldade em um banquinho ao seu lado e ouviu tudo calado.

Clara sussurrou em seu ouvido.

— Padre, meu filho é um demônio, por favor acredite em mim. — Clara inclinou o corpo na direção dele, as sobranceiras unidas e os olhos pedintes, mas o tremor no lábio inferior confirmava, perdia as forças.

— Uma criança é um milagre de Deus e nenhuma criança nasce sem seu consentimento. — Ele respondeu, resignado.

— Eu fui enganada, apaixonada por um homem. Esse homem morreu, e eu não soube de sua morte. Agora eu penso que ele possa ter sido assassinado por essa coisa monstruosa. O mal tomou sua forma e se aproveitou de minha inocência e meu amor. Eu me deitei com ele padre, cometi o pecado da carne e não me orgulho disso. Mas nenhuma mulher pode ser condenada por ser enganada pelo diabo. Uma semente dele cresceu dentro de mim. Tentei escondê-lo de minha família, e quando meu irmão descobriu tentou me matar. Eu não acho que essa teria sido a atitude de meu irmão, ele estava possuído, acho que até por uma coisa não tão ruim quanto a que estava dentro de mim.

Talvez um anjo da guarda entrou em seu corpo para matar o demônio. Ele queria matar o bebê, ele sentia que a criança era ruim. Percebi isso no modo como ele remexeu. — Clara olhou para o bebê, apontando para ele com olhos. — Quando Roberto demonstrou querer matá-lo, ele reagiu, então de alguma forma ele o matou.

— Seu bebê matou seu irmão de dentro de sua barriga? — perguntou o padre.

— Sim, e ele escolheu vir para cá, tenho certeza, ele queria isso. Não sei por que... — Clara balançou a cabeça, sentindo quase saber a resposta, estava ligada a ele agora.

— Por que um demônio iria querer vir até a casa de Deus, minha jovem?

— Padre, por que o criador iria até a casa do demônio?

— Para levar a luz até ele.

— O demônio também veio trazer alguma coisa...

Eles se olharam, cada um refletindo as palavras ditas, mas o padre não acreditou. Ele acariciou o bebê e quando piscou pensou ter visto um rosto diferente, ignorou e abençoou, ela e a criança com seu terço. Donavan o encarava sem piscar, desafiando-o a encostar o crucifixo em sua testa. O padre levou a mão trêmula pela idade até a cabeça dele, e no segundo que encostou a cruz nela o menino soltou um grito agudo. O padre deu um pulo se afastando, e Donavan parou de chorar.

— Padre, não me deixe sozinha com ele, por favor, por favor. — O padre se foi, e Clara começou a rezar. — Pai nosso que estais no céu...

Continuou a oração, mas ao fechar os olhos se via na cama com o diabo. O padre foi embora e estava sozinha de novo com ele ao seu lado. Fosse Donavan o filho de um demônio ou o próprio anticristo, ele era seu filho e temia seu olhar.

Capítulo 31

O comportamento agressivo de Clara a levou para um quarto isolado, de lá incomodava só a si própria com suas acusações e declarações dignas do mais avançado estado de loucura. Passou a primeira semana amarrada e gritando, na segunda encontrava-se exausta, no final do primeiro mês parou de lutar ou de falar. Donavan mamava o tempo todo, sugando suas energias e debochando de sua fraqueza. As freiras falavam como ele era lindo e fácil de cuidar. Sempre muito saudável, nunca chorava e encantava as pessoas. As marcas roxas e negras no pescoço e rosto foram substituídas por novas marcas nos pulsos da menina. Permanecia amarrada, pois o real perigo de matar a criança rodeava as sombras escuras embaixo dos olhos cada dia mais insanos.

— A doença da alma já aflora em seu rosto. — Uma jovem freira, o único rosto amigável do lugar aconselhava Clara diariamente. Esse foi o primeiro conselho que realmente deu ouvidos. — Gasta suas forças para renegar seu milagre. Estar viva e ter um filho tão bonito e saudável deveria ser mais que o suficiente para dar glória a Deus.

— Esse bebê é o de...

— Diabo. — A freira segurou a mãozinha de Donavan. — Acredito em você, o demônio ronda esse quarto, mas não nesse corpo sem pecado. — Um vinco se formou na lateral da boca dela enquanto fitava o bebê, com pesar encarou Clara, porém a maldade das demais freiras inexistia em suas muitas linhas de expressão. — Posso sentir a malignidade e é por isso que te deixo amarrada.

— O mal não está dentro de mim.

— Irmã Sandra, me chame assim. — Sentou na cama afrouxando a mão de Clara das amarras. — Como saberia? Você diz poder ver o pecado nos olhos do seu filho, mas e se o que estiver enxergando for o reflexo de seus próprios pecados? — Solto a mão direita de Clara. — Como sabe que suas visões não são apenas fruto de uma mente e espírito doentes?

— Eu sinto, irmã Sandra, sinto dentro de mim. — O choro brotou fácil, porque as lágrimas já conheciam o caminho. — Uma mãe sabe o filho que tem e eu não pari um filho... isto não é um bebê. — Olhou para Donavan, negando-o com a cabeça.

— A ação primária do demônio é a tentação dos homens ao mal. Que maldade pode fazer esta criança? — A freira sorriu para o bebê e o ato

parecia algo errado, uma heresia tramada pelo próprio demônio, pois só o príncipe do inferno seria capaz de conseguir inserir seu filho aos cuidados zelosos da casa de Deus.

— Jesus também foi criança um dia.

Irmã Sandra soltou o ar pela boca e voltou a amarrar a mão de Clara. — Pensei que fosse hoje o dia de aceitar sua nova condição.

— Irmã, por favor. — Clara inclinou o corpo para frente, separando as costas da cama num curto espaço e, com a mão esquerda livre, puxou as vestes da freira. — Se não acredita em mim me deixe ir embora. Fiquem com o bebê eu não o quero. Eu não o quero!

— O convento vive de doações. Toda a despesa tem de ser paga. Ficará aqui até quitar tudo. — Sandra retirou a mão de Clara com delicadeza, mas com olhar de reprovação.

— Mas...

Ela fechou a porta e sentou novamente na cama de Clara.

— Amanhã quando a madre chegar aqui no final da tarde você vai repetir as palavras que vou dizer...

— Por que está fazendo isso comigo? — Clara recomeçou a chorar.

— Vai dizer a ela que quer voltar para a enfermaria, que se sente bem e peça desculpas.

— Isso tudo é mentira. — O bebê foi colocado em seu colo e teria que dar de amamentar sob a supervisão dela.

— Tem essa noite para rezar a Deus, peça para essas palavras se tornarem verdade até o amanhecer.

— E o que acontece se não forem? — A freira não respondeu, Donavan sugou o seio com força. As paredes cinzas ao redor amenizaram a dor no corpo com a promessa de aquele não ser o pior lugar para estar. O cinza era o meio, dali poderia alcançar a luz ou a escuridão e uma vez estando lá o regresso deixaria de ser uma opção.

A freira deixou a pergunta sem resposta e colocou Donavan no berço antes de sair. A noção de tempo, incerta na memória, apontava terem passado três semanas. Nessa altura João teria descoberto seu paradeiro. Sozinho no mundo, o pai procuraria pela filha. Pensou nisso durante um período até ser assombrada pela morte de Roberto. A casa estava vazia, não sobrara ninguém da família.

A solidão seria o bastante para o coração de João perdoar?

Intercalava os pensamentos desgraçados entre o bebê e a chegada do pai

ou pior ainda, da polícia, afinal foi através de suas mãos que o irmão morreu. Dormir sendo vigiada pelas paredes opressoras e observada pelos olhos de tinta das imagens de Jesus e Nossa Senhora, deveriam acalmar sua alma. Com ela o efeito fora o inverso, incômodo, roubando o sono durante a noite e dando pesadelos com o clarear do dia. Donavan também ficava acordado, olhando o mesmo teto cinza. Pelo brilho estranho da retina ele via alguma coisa misturada às manchas de umidade e teias de aranha.

Seguiu a orientação da irmã e pediu com toda fé, rezou por um milagre, acordar em uma realidade diferente onde podia se colocar de pé e largar tudo para trás.

Tu autem Altissimus in aeternum Domine

O que sabia da vida dizia que estaria segura na casa de Deus e que, se perigo houvesse, anjos seriam enviados para sua proteção. Precisava manter o corpo puro e rejeitar os caminhos fáceis do ardiloso.

*Et exaltabitur quasi monocerotis cornu meum et senecta mea in oleo uberi
Transplantati in domo Domini in atriis Dei nostri germinabunt*

Os salmos decorados a exaustão na infância se repetiam em sua mente, mas eram só palavras vazias. Não conhecia a justiça dos céus e seu acolhimento no convento mostrava-se uma prisão, um local de penitência. Onde a fé a havia levado? Sentia que Donavan queria estar ali e que nada fugia de seu domínio ou iria contrariar sua vontade.

Passou a noite acordada com a sensação de aproximar-se da escuridão quando pensava em desamarrar a mão esquerda e apertar o pescoço do corpinho no berço ao lado.

Mas e se estivesse louca?

Era mais insano pensar que tudo tinha acontecido dentro ou fora de sua mente? A resposta chegou imediata. A cruz pregada na parede escorregou lentamente em uma inversão completa. O inverso a marca do anticristo.

— Quem é você? — murmurou.

A cruz despregou da parede e voou em sua direção, parando a poucos centímetros de sua testa. Clara grudou o corpo na cabeceira de ferro da cama, olhou de relance para Donavan. O menino observava a cena complacente.

— Não tenho mais medo de você, Donavan... — Clara disse, mas tudo na sala sabia que era uma mentira.

Pressionando o sinal de nascença entre os olhos, a cruz feriu a carne lentamente e Clara sentiu uma dor intensa, gritou, o objeto foi lançado para longe deixando um fio de sangue escorrer pelo nariz.

O mal vivia na casa de Deus e profanava seu nome.

Capítulo 32

Mecanicamente disse as palavras aconselhadas pela irmã. A madre pregou os olhos miúdos nela alternando a nítida desconfiança entre Clara e a irmã Sandra. *Levem-na para o coletivo e se arrumar problemas vai ser de responsabilidade de irmã Sandra*, ordenou. Após esse pronunciamento a madre deixou o quarto.

O coletivo, ao qual se referiu, era um cômodo comprido no terceiro andar. Cheio de camas e pequenos armários. Seguiu a irmã pelos corredores, Sandra carregava Donavan nos braços. Clara andou com a respiração curta, abraçada aos parcos pertencentes, panos velhos e amarelados. Sandra arrastou um pequeno berço ao lado de sua cama e demonstrou o espaço que lhe correspondia. Uma bacia de metal com água, fraldas de pano e um par de uniformes.

— Por favor, eu quero ir embora — Clara disse em uma voz doentia, a voz usada para falar a verdade.

— Não desperdice sua segunda chance — a freira falou baixo para só Clara ouvir. — A madre superiora tem dificuldade em perdoar, se abusar da bondade dela nós duas vamos pagar. — A freira saiu trancando a porta, o som do molho de chaves na sua mão ecoou um longo tempo no corredor mesmo depois de ela ter ido embora.

— Não vou ser prisioneira aqui! — Clara berrou, esmurrando a porta.

— Hei! Cale essa boca, ninguém aqui precisa de problemas. — Uma mulher de mais de quarenta anos gritou e puxou seu braço.

— Por favor, ela só está assustada — intercedeu outra de meia idade, segurando Clara pelo outro braço, pediu calma. — Eu cuido disso. — Levou Clara para a beirada da janela. — As crianças estão subindo já vai dar cinco horas.

— E daí?

— Qual é o seu nome? — ela perguntou, mas não olhava para Clara. Observava o antigo relógio de cabine.

— Maria Clara — respondeu, acompanhando seu olhar e absorvendo parte da ansiedade que os grandes ponteiros transmitiam.

— Pode me chamar de Josi, minha menina está subindo com as outras crianças. — Quando falou das crianças as linhas de seu rosto formaram uma expressão diferente e inesperada, como se a tristeza usasse uma máscara e por um instante fosse capaz de ser feliz. — Não fale essas coisas na frente das

crianças. Tudo bem, Maria Clara?

— Por quê? — perguntou, sentindo-se cansada em tentar compreender, deixando transparecer um traço de raiva.

— São só crianças. Não precisam saber desses coisas ruins.

— Mas...

— Faça isso e depois conversamos.

Animadas, as crianças adentraram o dormitório em dois trezininhos formados por ordem crescente de tamanho. Bem coradas, vestindo roupas limpas e passadas, nada evidenciou o tipo de vida levada ali no convento. Sorridentes, desfizeram a fila e cada uma correu para sua mãe. “*Estão felizes*”. Clara não terminou formalmente os estudos, porém era inteligente e concluiu o significado da cena. As mães eram prisioneiras... as crianças, não.

Antes de dormir, algumas mulheres contavam histórias para seus filhos, se reuniam em grupos para ler livros ilustrados fazendo vozes engraçadas. Seus corpos combalidos davam a sensação de que aquele momento era mais importante para elas do que para as crianças. Outras penteavam os cabelos das filhas e ouviam sobre as várias atividades. Respondiam as perguntas incômodas das crianças com mentiras doces: “*Por que você não pode brincar comigo no jardim, mamãe?*”. Clara ouviu uma menina de menos de cinco anos questionar. A mãe pálida demais para ser alguém que tomasse sol no jardim apenas disse trabalhar muito e que adultos não tinham tempo.

As luzes foram apagadas às oito horas e Clara ficou sozinha, sentada na beirada da cama. Sentiu uma mão pousar em seu ombro e assustou-se. Josi fazia sinal de silêncio e pedia para Clara a acompanhar. Ela abriu uma fresta de uma das janelas e a luz da lua iluminou seu rosto, em outra situação seria uma moça muito bonita.

— As crianças são nossa única alegria — disse Josi.

— Elas não sabem...

— Espero que seja assim por muito tempo, porque quando uma delas descobre, quando alguém fala demais, coisas ruins acontecem.

— Quão ruins?

— Se tiver algum parente para cuidar de seu bebê mande quando seu leite acabar. É melhor a separação ao ver seu filho ser adotado — Josi respondeu desconversando.

— Josi, eu vou fugir daqui e preciso saber tudo sobre essas coisas ruins.

— Às vezes uma mulher consegue “partir”, paga a sua dívida com Deus e o convento. O único modo de sair daqui é morrendo, Maria Clara. Se ouvir

algo diferente disso é mentira.

— Irmã Sandra vai me ajudar ela é boa...

— Não! — Josi se exaltou e logo em seguida baixou a voz. — As freiras são mulheres duras, fazem maldades infinitas em nome de Deus.

— Mas elas cuidam bem das crianças. — Soltou o ar do peito perdendo o último vestígio de esperança.

— Crianças não têm pecados. Mas nós... Para elas somos sementes do puro mal. — Abaixou a cabeça com tristeza. — Vai entender. Amanhã é o seu primeiro dia na lavanderia, levante as quatro junto com o resto de nós. Temos de trabalhar muito para sustentar todo esse lugar.

— Josi eu... — Pensou em qual teria sido o seu pecado?

Nascer talvez...

— Estou cansada, quero dormir, amanhã... Amanhã nos falamos. — Ela fechou a janela e deixou Clara no escuro, sozinha.

Definitivamente não poderia ir embora, devia pagar por todos os cuidados recebidos. E uma dura rotina fora estabelecida, passou a descer diariamente para o subsolo. Acordava com o som estridente das sirenes em um horário onde sol se escondia atrás da montanha. Trocava fraldas, um ato nojento, pois em meio às fezes enxergava vermes avermelhados, mas depois de muito discutir aceitou o fato de somente ela poder vê-los. Era obrigada a aleitar a criatura sob a vigilância constante de irmã Sandra, a freira era solícita, entretanto exigente com o cumprimento dos horários e afazeres.

Alimentava-se junto com as demais internas e notou logo de início a diferença entre a alimentação de cada uma, quem estava com bebês pequenos recebia uma refeição mais reforçada, diferente do mingau ralo de costume. Antes de descer para as lavanderias todas as internas rezavam, percebeu que ao dizer amém no final da missa o sol nascia e iluminava os vitrais da capela, era esse seu único contato com a luz. Na lavanderia trabalhava durante doze horas diárias em um ambiente de cimento e sem janelas.

Parava para aleitar seu filho e se alimentar em quatro horários e sentia pena das mulheres que não amamentavam, pois um olhar mais atento revelava as condições daquelas mulheres, magras e de expressões faciais encovadas. Estavam presas ali, escravizadas e punidas por um dia terem se apaixonado por alguém, outras ainda mais desgraçadas porque seus filhos tinham sido conseguidos na mira de uma arma e total violência. O padre era bondoso, mas era velho, dormia cedo e evitava descer até o subsolo. Ele

ensinava as crianças e as assistia correndo no jardim. O velho cristão desconhecia as terríveis condições do convento de Santa Amélia. As outras mulheres disseram que quando alguém tentava contar a ele sobre os maus tratos, o castigo era dobrado.

A madre dizia ao padre permitir a partida das insatisfeitas, essas que reclamavam com o padre partiram com seus filhos. Isso significava que estavam mortas. Ninguém saía de Santa Amélia, só as crianças, essas podiam ser adotadas por alguma família rica. Eram recebidas por avós e parentes, mas as mães, não. Elas tinham que purgar seus pecados e pagar suas dívidas, a cada dia de trabalho pagavam um dia de cuidados. A conta nunca era liquidada e ficavam ali para sempre, vivas ou mortas.

Capítulo 33

Mentir transformou-se um ato contínuo e fácil. Observando as prisioneiras de mais anos no convento e seus corpos combalidos, fugir realmente parecia impossível em estado tão calamitoso. Compreendeu, o tempo era seu maior inimigo, Donavan crescia e ganhava força enquanto ela definhava nos vapores da lavanderia. Por isso mentia para a irmã Sandra, na esperança de descobrir como sair de Santa Amélia e então matar o maldito bebê. O ciclo vicioso de sua família se repetia e a abominação de uma mãe querer matar o filho a consumia ao mesmo tempo que lhe dava um propósito. No decorrer dos dias embebidos na escuridão da lavanderia, Josi se mostrou uma amiga. Aconselhou em como ter uma vida de menor sacrifício no convento. Seriam bons conselhos se a intenção fosse outra senão matar e fugir.

Clara ajudou um grupo de mulheres a carregar trouxas de roupas para dentro de um caminhão e viu quando uma nova interna chegou. Os cabelos desgrenhados e a histeria lembravam seu primeiro dia.

— Sua vaca! Eu te conheço! Era uma puta rampeira! — Ensandecida ela gritou e conseguiu se soltar. Sua força era impressionante para uma mulher com bebê de dias. E o impensável aconteceu. Clara deixou cair a trouxa de roupas ao ver, satisfeita, a mulher atacar a madre superiora. O paramento da cabeça da madre foi arrancado expondo os parcos cabelos grisalhos e o rosto riscado pelas unhas da agressora. A mulher, mesmo contida, fez novas ameaças.

— Uma puta! É madre superiora, como pode isso?

— Leve-a para dentro, essa mulher não sabe o que diz. — A voz da Madre, muito calma, dizia uma coisa, mas os olhos... Os olhos continham vingança.

Demorou para Clara conhecer o convento e seus muitos cômodos. Com a desculpa de ter se perdido, adentrava salas e descobria onde as escadas levariam. Nesse mesmo dia se separou do grupo na hora do retorno ao alojamento, com o ataque a Madre as demais freiras estavam agitadas e demorou alguém dar falta de uma lavadeira franzina feito ela.

Virou um corredor em curva e desceu uma escada de ferro em espiral, desceu uma rampa e encontrou uma porta de madeira entreaberta. Clara entrou na pequena sala e viu a agressora da madre amarrada. Atrás dela uma segunda porta dando para os fundos do convento. Passou pela mulher amarrada, as duas se olhando intensamente, a segunda porta estava trancada.

Muito machucada e presa à cadeira em vários nós apertados, ela gemia. Clara vislumbrou o exterior pela fresta da porta e vendo o corredor vazio e silencioso tomou coragem para investigar mais.

Subiu um móvel e alcançou um basculante alto, do outro lado da parede de pedra era o jardim nos fundos do convento com a euforia derrubou uma lata com alguns pregos no chão. Prendeu a respiração esperando o eco terminar, mas tudo estava em paz. Com a mão trêmula retirou a mordaca da mulher e sussurrou.

— Me ajude a achar a chave, se essa porta abrir, estamos livres.

A prisioneira cuspiu sangue.

— Tá com aquela puta, me desamarre e se esconda, eu vou matá-la.

O coração de Clara disparou. A madre superiora ultrapassava a rigidez e sua disciplina se misturava a violência em diversas ocasiões. Entretanto não estava em seus planos matá-la. Ouviu o som de alguém descer as escadas de ferro e congelou com a eminência de ser pega em flagrante. Sua mente viajou para o evento mais semelhante àquele terror crescente de ser descoberta. Certa vez seu pai passou mal do estômago no trabalho e Marta teve que sair correndo de casa, deixando Clara cuidar da comida no fogão. Com dez anos de idade um dos seus maiores sonhos era maquiar o rosto e subir em sapatos altos, foi exatamente esse o seu grande feito da infância. O rosto pintado com pó rosa e os lábios lambuzados de batom perderam o riso diante do espelho quando a porta da cozinha rangeu. Até aquele momento a adrenalina excitava e dava-lhe um tipo de alegria não calculada e preciosa.

Mas o som da porta da cozinha, os passos fortes no piso e a mão abrindo as painéis davam sinais aterrorizantes de uma surra iminente e a terrível sensação de ser descoberta. A surra realmente aconteceu. Marcou a pele durante muito tempo, mas agora o medo se potencializava, pois ser descoberta significaria a morte bem provavelmente. Por medo ou coragem, Clara tapou a boca da mulher de novo. Correu para colocar a lata no lugar. *Será que era assim que estava?* Não havia tempo para pensar. Foi se esconder dentro de um armário atrás da prisioneira e antes de fechar a porta vasculhou tudo ao redor e viu dois pregos no chão, o desespero chegou a boca em ânsia de vômito. Prendeu a respiração, engoliu a saliva azeda e fechou a porta do armário. A mulher gritou tentando derrubar a cadeira, mas era tarde e a porta escancarou. No escuro do armário cheio de materiais de jardinagem ouviu o monólogo com o pânico sacudindo o corpo em longos calafrios.

— Permitir almas pecadoras como a sua dentro do convento é como deixar o maligno fazer seus rituais em nosso altar — disse a madre calmamente. — O que você fez foi muito grave e não vejo arrependimento em seus olhos. Estou farta de meretrizes como você, vou fazer uma limpeza na casa de Deus. Começando agora. — Clara ouviu o som de algo de ferro ser arrastado. — Temos muitas mulheres assim aqui e não irei mais tolerar tais heresias.

Estremeceu, certamente seu nome figurava nessa lista de desafetos.

Clara colou o ouvido na madeira, escutando a Madre caminhar, estava se aproximando do armário.

— Algumas freiras são feitas de material fraco e possuem o coração no lugar na cabeça. A vida fez de mim forte e meu coração está cheio de fé.

A prisioneira se sacudia e Clara temeu que a mordaca fosse retirada, se isso acontecesse, se a porta do armário fosse aberta... Talvez os músculos tivessem mais apego à vida e a irrigação sanguínea, do que o cérebro momentaneamente parado. Talvez os braços envolvessem o pescoço corpulento da freira e apertassem forte até ela parar de respirar. Clara sentiu o armário se mexer, uma mão pesar no puxador. Uma das portas começou a abrir e as lágrimas minaram rapidamente nos olhos da menina. A porta aberta fora a oposta ao lado em que se escondia, porém por mais que se espremesse na proteção do fundo do armário ainda poderia ser vista. Um grande estrondo fez o piso de madeira tremer. A presa caiu no chão com a cadeira.

— Pare com isso! — A madre repreendeu e, apesar de falar alto, sua voz permaneceu inalterada.

— Puta rampeira! Cadê meu bebê? O que fez com ele?

Clara olhou de esguelha e pôde ver a mulher caída discutindo com a freira.

— Uma boa família vai ficar com ele, um pobre órfão de pai e mãe.

— Ele não é órfão de mãe.

— Ainda.

Só um pedaço do olho esquerdo de Clara observou a cena. Foi o suficiente. A madre sufocou a mulher com um pedaço de pano cheio de manchas de tinta. As mãos da vítima amarradas para trás e as pernas atadas a cadeira, não teve como lutar. Ver a cabeça dela batendo no chão e o horror em seu rosto mudou alguma coisa dentro de Clara. O mal estava em toda em parte, ao seu redor, sufocando-a. A madre saiu do seu campo de visão deixando o corpo sem vida no chão. Ouviu o som que os pregos fizeram ao serem jogados de volta na lata que derrubara minutos antes e depois o silêncio. *Será que a madre estava desconfiada da presença de alguém ali?* Examinou os objetos

com os quais dividia espaço dentro do armário, sem dúvida tinha armas à sua disposição. Pegou uma tesoura entre as ferramentas de jardinagem e esperou a qualquer momento a porta que a abrigava ser escancarada, mas isso não ocorreu. A mãe saiu da pequena sala e subiu a escada de ferro. Era esse o momento para fugir. Devagar deixou o esconderijo, pulou o corpo no chão e pôs a cabeça do corredor. Ninguém à vista, encorajou-se a passar pelo obstáculo mais perigoso, subir a escada barulhenta.

Um passo e o alto da testa vincou, insegura ao ouvir o trincar do ferro abaixo dos pés, outro passo os músculos enrijeceram ao notar que não importasse a lentidão das pisadas o barulho estaria lá, denunciando-a. Faltando pouco mais de cinco degraus para vencer a escada, escutou passos. Correu. Subiu o restante afundando os pés com força, balançando a escada fazendo cair no chão lá embaixo placas de ferrugem. O som ricocheteava nas paredes de pedra e voltava para seus ouvidos, doloroso.

Chegando ao corredor soube ser impossível chegar até o final incólume, pois a curva terminava em uma porta e ela acabara de bater com força indicando a passagem de alguém, os passos retomavam, dando a impressão de que as pessoas estiveram paradas alguns instantes. Com o iminente confronto, Clara teve uma ideia. Puxou o avental para cima e com ele cobriu o rosto e os cabelos, deixando para fora só os olhos. Colou o corpo na parede e ficou imóvel, as freiras andavam inquietas discutindo até que uma delas gritou ao vê-la parada na parede.

— O que isso? Descubra o rosto! — Uma das duas freiras ordenou enquanto se aproximava com as mãos estendidas como quem pede calma para um animal irracional.

— Ande logo, se a mãe superiora chegar e te encontrar aqui...

A menção da mãe misturou o horror a adrenalina e Clara correu gritando em direção as duas mulheres, surpresas elas se encolheram e Clara as derrubou, uma foi ao chão e a outra se amparou na parede. A menina mascarada bateu a porta separando-a da confusão. Continuou pelos corredores sinuosos correndo desesperadamente. O alojamento ainda se encontrava distante e faltava avançar um andar, os panos na cabeça a ocultava de longe, mas como evitar que alguém desse por sua falta ou não reparasse na sua entrada no alojamento? Em meio a esses pensamentos trombou em uma freira, parte de seu disfarce desabou revelando seu rosto, para seu desespero era a irmã Sandra. Se olharam profundamente, Clara com os olhos cheios de lágrimas apavoradas e contidas. A irmã fez o sinal de cruz

e deu passo para o lado, uma permissão para seguir em frente. Clara entrou pela porta de trás do alojamento, algumas mulheres notaram, porém evitavam olhar uma segunda vez. Por hora tinha escapado.

Capítulo 34

O padre foi visitar as internas no alojamento e pela expressão das pessoas, deduziu ser uma ocasião atípica. Com palavras de esperança ele leu alguns salmos e convidou as mulheres para uma tarde nos jardins após a missa de domingo, Clara soube que aquilo nunca tinha acontecido e quando a madre superiora adentrou o alojamento bufando de raiva nada pôde fazer. Interromper o padre era um pecado que mesmo ela não cometeria.

— Senhoras. Hoje recebi um grande elogio do bispo, o trabalho das senhoras é muito importante para a igreja... — Ele deu uma parada para respirar e tomar fôlego, a fala carregada no erre em uma voz sofrida e baixa dificultava o entendimento dependendo da distância. — Um trabalho muito importante para igreja e acho que todos nós, em comunhão — o padre entrelaçou os dedos descarnados pela idade avançada —, deveríamos comemorar.

As mulheres se entreolharam, as crianças vibraram de satisfação e as freiras ajeitaram as roupas, incomodadas. Mal o padre saiu do alojamento amparado pelas freiras, Clara se virou para Josi.

— É nossa chance de fugir, essas bruxas não têm como segurar todas nós.

— Não. É a sua chance, estou bem onde estou e você vai descobrir que outras mulheres também estão — Josi sussurrou e pegou a filha no colo que puxava sua roupa alegremente, respondeu a menina com voz alegre. — Vai escolher um vestido bem bonito pra usar no piquenique, vai. — Josi acompanhou ternamente a filha com os olhos. — Ela tem cinco anos e já fala francês...

— Sua filha falar outra língua vale sua liberdade?

— Quando saí do interior com meu marido e Isabel na barriga pensava que ao chegar em São Paulo nossas vidas seriam perfeitas. Ele nem chegou, o ônibus foi assaltado e ele morreu. Uma facada levou o pai da minha filha. Fiquei sozinha no mundo com pouco dinheiro e o endereço do empregador na bolsa, esse homem, um empreiteiro me acolheu por um tempo. Mas fiquei doente e o dinheiro logo acabou. Sair daqui é o mesmo que tirar tudo de bom da vida dela. — Josi olhou para menina. — Ela tem estudo, faz um tratamento de alergia muito caro.

— Mas você é uma escrava!

— Fale baixo. Deus me deu essa oportunidade...

— Oportunidade? Acha mesmo que trabalhar lá embaixo é uma oportunidade...

— Se fizer por onde vai ficar bem, o convento pode ser um lugar muito bom pro seu menino.

Ver Josi voltar tranquila para a filha, sorridente e escolhendo vestidos, despertou Clara para uma realidade que vinha negando. A felicidade do ambiente oprimia, como aquelas mulheres poderiam estar felizes? A resposta sempre esteve em todos os lugares que não eram cercados por grades e paredes altas de pedras. As crianças mantinham as mulheres sob controle, eram bem tratadas e educadas pelas freiras. O trabalho se ocupava de cansar o corpo. Diariamente eram bombardeadas com mensagens dizendo serem de alguma forma culpadas pela condição atual. Até o dia em que acreditassem naquilo chegasse. Sem família ou parentes para acolhê-las do lado de fora, fugidas da violência de ex-parceiros ou sem nenhuma perspectiva de melhoria aquelas mulheres não fugiam porque não havia um lugar para ir. Pensando bem, Clara também não tinha para onde ir, porém era inocente e a lavagem cerebral por detrás das orações passava longe de seu coração, estava imune da culpa que corria e enfraquecia. Porque fora enganada pelo próprio demônio e não existia vergonha nisso, somente dor. *Iria fugir.*

O domingo amanheceu tímido, o sol encoberto pela garoa vencendo as colinas, grandes montes opacos cercando o convento. Ao longe, as árvores altas tinham os troncos escondidos por uma neblina rasteira. No topo, as folhas bem verdes brilhavam molhadas, refletindo os primeiros raios de sol. Desconhecia o lugar onde terminava a floresta, mas era por ali que sonhava fugir e ganhar o mundo negado pela vida. A missa otimista demais, para um bando de escravas e suas crianças, demorou a terminar. Irmã Sandra acompanhada da Madre superiora e outras freiras solicitaram ajuda de algumas internas para arrumar o piquenique do lado de fora. Sandra tocou delicadamente o ombro de Clara, convocando-a. Josi foi ao seu lado conversando sobre os alimentos.

— Está sentindo o cheiro desse bolo? Faz anos que não como algo assim, parece uma delícia. Minha filha disse que as crianças fizeram na aula de culinária.

— Por que estão arrumando aqui na frente? O sol já vai chegar aqui — disse Clara.

— Nos fundos é perigoso para as crianças pequenas.

— O que tem lá.

— Hoje é um dia feliz... — Josi pousou o tabuleiro de bolo na mesa improvisada e ajeitou um pano por cima. — Só tem coisa triste ali.

Uma mulher alta de rosto permanentemente triste ouviu a conversa e acrescentou com certa satisfação.

— É um lugarzinho onde as freiras dão sumiço em crianças problemáticas e mães enxeridas como você, garota.

— O cemitério? — inquiriu sem compreender.

— Aqui só ganha uma cova quem morre. Quem vai embora para uma vida feliz vai parar na fossa séptica. Então cale essa sua boca suja, tem uma freira te ouvindo, sua burra.

Clara desviou o olhar, desajeitada derrubou a cesta de pães na mesa, a face corou ao ver a freira em questão cochichar algo no ouvido da madre. Irmã Sandra apareceu do seu lado.

— Venha me ajudar com os bebês — disse. — Forramos uma esteira no gramado, vamos tomar conta deles na sombra.

Pôde ver o riso na face da madre e o desapontamento em irmã Sandra. Soube que passaria o dia sendo vigiada de perto, lágrimas se formaram em seu rosto. A chance de ir embora escapara pelas mãos, Clara foi a única interna infeliz e esse foi um golpe duro.

Cerca de cinquenta mulheres estavam do lado de fora e nada físico as impedia de irem embora. O aprisionamento ultrapassou correntes e objetos de metal que facilmente poderiam ser quebrados, as mulheres eram reféns de algo mais visceral. Fosse o que fosse abateu Clara ceifando sua esperança bem no cerne.

O passado em Aparecida ficou embaçado na memória feito uma história triste contada por alguém. Só a vida de outra pessoa. A vida fora do convento de Santa Amélia inexistia e a voz indignada da mulher ecoou em sua mente, dali sairia para o cemitério ou para fossa. Ficaria feliz se levasse Donavan nos braços. Assim nasceu seu novo sonho de felicidade. Antes de entrar no convento e escutar a pesada porta de madeira fechar olhou para floresta. As árvores estavam mais distantes.

Morria a esperança.

Capítulo 35

A luz foi apagada uma hora mais tarde para comemorar o dia glorioso, Clara cochilava quando foi sacudida por uma freira. Ela parou no corredor, impaciente, e lhe estendeu um par de botas plásticas. Clara a seguiu de poucas palavras até os fundos do convento. As botas fazendo barulho no piso antigo e ecoando por todos os cantos, ficou assustada quando percebeu o caminho tomado para a sala secreta do dia anterior. Desceu a escada de ferro tremendo, um vento frio entranhava na roupa de malha esgarçada. Entrou na sala já sabendo quem encontraria.

— A mentira é um pecado que leva a muitos outros. — Segurando um vaso de plantas a Madre falou quando Clara adentrou o ambiente. — Disse querer trabalhar, purgar os pecados e cuidar do menino, mas tudo não passou de uma mentira.

Clara procurou ao redor pistas para esclarecer o objetivo de estar ali.

— Já esteve nesta sala? — cautelosamente a Madre perguntou, mas não obteve resposta. — O silêncio diz muito. — Retirou um avental e abriu a porta, do lado de fora chovia muito, gotas grossas caindo ao chão enlameado. — Não gostamos de mentiras na casa do senhor. Existem coisa não ditas apenas para poupar os corações jovens demais para compreendê-las, mas aqueles que são fortes... — A Madre parou um instante observando Clara deixar lágrimas escorrem pelo rosto assustado. — Se acha que é forte o suficiente para não se dobrar diante de Deus e sua bondade talvez o faça ao confrontar o triste fim de sua criação, o fim daqueles que se afastam de sua luz é solitário, menina. É um lugar escuro e solitário.

A porta se fechou e Clara ficou sozinha no ambiente do qual escapara no dia anterior. *A madre sabia*. Duas freiras com capa de chuva apareceram na porta que dava para os fundos, relâmpagos cintilavam em cima do plástico negro e suas sombras entraram no quatinho duelando com a luz.

As três mulheres arrastaram uma tampa gigante de concreto e Clara vislumbrou um pedaço do inferno, bem ali nos jardins de Deus. A profunda fossa séptica, um losango do tamanho de uma piscina com uma pequena abertura de um metro quadrado coberto pela tampa, estava cheio de ossos. Cadáveres em vários estágios de decomposição, a maioria de crianças, todos imersos em excrementos. Clara pulou para trás e uma das freiras a segurou, a chuva turvando a vista, fez o rosto da mulher parecer de um morto.

Elas a obrigaram a arrastar um corpo para dentro da fossa e ajudar a fechar

a tampa. O fedor agourento penetrando-lhe os poros tão profundamente que mesmo a chuva torrencial não eliminava. Voltou para dentro seguindo os dois espectros negros iluminados pelos relâmpagos. Freiras de rostos tristes e andar duro e ritmado, o tipo de andar que só é exibido por quem conhece uma tarefa. Elas não taparam o nariz ou demonstraram a mesma ânsia de Clara. A face triste poderia ser por estar ali e não pelo ato em si, estavam acostumadas com aquilo. Matar e se livrar do corpo, um trapo, impuro.

— Volte para cama e não conte a ninguém que uma interna faleceu, hoje foi um dia feliz.

A inquestionável raridade de um dia feliz, deprimia. Principalmente porque comer bolo em cima de uma toalha enquanto crianças correm no jardim deveria ser comum. Clara tirou a roupa molhada e deitou na cama apertada.

Donavan dormia com a mesma tranquilidade de sempre. Contudo nada seria como antes, a felicidade tornou-se distante e a saída menos dolorosa seria a morte. Apática procurou o conforto da solidão ao lado do altar, as orações facilitavam o pranto escorrer e a decisão se firmar dentro da cabeça e ganhar força para comandar os músculos. Tão curta a vida a levou para lugares sombrios, na falta da luz que qualquer amor poderia lhe dar, restaram somente decisões desesperadas de morte e sofrimento. Sua alma ainda jovem se afligia, fora inocente até aquele instante, mas do que seria seu espírito quando colocasse em prática os terríveis pensamentos?

Donavan completara quatro meses de idade, crescia forte ao passo que drenava as energias da mãe. O clima melhorou consideravelmente com os piqueniques de domingo. A madre superiora manteve Clara por muito tempo em constante vigia até ela adoecer e não demonstrar mais ameaça. Em uma manhã desceu em fila indiana até a lavanderia e caiu com um cesto nos braços acordando três horas depois na enfermaria.

O mundo ao redor, embaçado pelo nevoeiro dos medicamentos, embaralhava a memória e o conteúdo do estômago. Encontrou outras internas na enfermaria, as mãos envolvendo o abdômen, tossindo ou esfregando os olhos. Um vazamento de gás provocou mal estar geral. Duas moças morreram pela longa exposição e um pensamento perpassou os olhos de Clara: *E se alguém riscasse um fósforo?* Uma grande explosão consumiria todo o convento e toda a malignidade expurgaria.

Respirou fundo, o cheiro do gás era imperceptível. Esse tinha sido seu

erro, Clara abriu a válvula errada, queria liberar o gás de cozinha e explodir a lavanderia, mas fora interrompida e se foi sem fechar o registro. Liberando o gás inodoro e perigoso. De olhos fechados se imaginou abaixada ao lado de um cilindro, abrindo a válvula e ateando fogo... Seria o fim se não tivesse falhado. Uma freira passou correndo e falou ao ouvido de irmã Sandra e pela proximidade pôde ouvir.

— Foi menina Solange, filha de Josiane. — Irmã Sandra ouviu e fez o sinal da cruz. — Ela era muito alérgica, uma tragédia...

— A mãe já sabe?

— Não. O padre vai dar a notícia.

— Mais um anjo no céu toma conta de nós.

Vômito veio azedo à boca.

Morta...

A filha de Josi estava morta. Clara não se conteve e sujou o chão e os sapatos com o líquido quente. Seu rosto lavado em vergonha foi creditado ao ato, mas a verdade era muito pior. Seu lamento provinha do assassinato de uma menina inocente e filha da pessoa que mais se aproximava de uma amiga. O plano de explodir a lavanderia não incluía machucar ninguém. Clara começou a limpar o chão enquanto chorava, vomitou novamente perdendo o controle das lágrimas.

— Vá se deitar, outra pessoa limpa isso. — A freira estendeu-lhe um balde.

Usou o balde algumas vezes e o deixou ao lado da cama, chorando por muito tempo. Donavan foi colocado em seus braços para amamentação e no final da tarde um grito agudo reverberou pelos corredores. Era Josi recebendo a notícia da morte da filha. Sua voz penetrou fundo nos sentimentos de Clara, tocando a maternidade em um ângulo ainda intacto. Fechando os olhos sentiu Donavan quente em seus braços, assim desse jeito poderia ser uma criança normal. Um filho. Fosse o que fosse estava vivo enquanto uma garotinha meiga de cinco anos estava morta, e a única culpada era Clara.

Capítulo 36

Solange foi enterrada no cemitério com flores ao redor do túmulo. As crianças lhe homenagearam com uma linda canção em francês, sua preferida. Vento fresco mexendo o cabelo fino de uma garotinha fez os cabelos grudarem no rosto molhado de emoção. Josi chorou abraçada a Clara aos solavancos.

Em certo momento pensou: *vou desmaiar*. A maldade do bebê infiltrara sua pele e atingiu seu coração. A morte da bela menina era culpa de seu desejo de vingança, teve a vida destruída mesmo antes de começar. Exatamente como Clara, perdida já no início de tudo. Olhou para o terceiro andar do convento, procurando a janela mais próxima de sua cama. Sentiu-se atraída para lá, do lugar onde avistava um futuro nas noites de insônia. Talvez ali tudo chegasse ao fim.

— Que Deus receba essa alma pura em teu convívio e conforto nosso coração.

As palavras vacilantes do Padre perderam força pela emoção em sua voz, tornando-se baixas e tristes. O enterro terminou e a repetição dos presentes dizendo amém despertou Clara. Josi ficou de joelhos perante o túmulo da filha.

— Venha, querida. Vou lhe fazer um chá, tem que dormir e descansar um pouco. — Irmã Sandra amparou Josi, lançando um olhar acusatório para Clara.

Desejou ficar sozinha no túmulo da menina e pedir perdão, mas ninguém foi autorizado a ficar, as internas voltaram para o alojamento, exceto Josi. Uma freira apareceu e começou a recolher os pertences da menina Solange.

— Por que está fazendo isso? — Clara perguntou. — A mãe dela pode não querer que você leve essas coisas.

— Temos muitas meninas aqui, essas roupas vão servir em outras crianças. Para Solange vamos reservar nossas orações. — A freira pôs tudo dentro de um saco de lixo. — Roupas são para os vivos.

— Você é uma freira... — Clara sentou na cama, perdendo as forças para discutir. — Deveria pensar nos sentimentos das pessoas...

— Sim eu sou. E amava muito aquela garotinha.

Nessa noite as crianças dormiram caladas. Quem chorou abafou o som no travesseiro e até os bebês deram trégua. A cama vazia de Josi impregnou a manhã seguinte de tristeza como se a vida já não estivesse suficientemente

podre. Mesmo em meio a tragédia, a rotina de trabalho da mãe que perdeu a filha ficou inalterada e Josi desceu para a lavanderia.

— Meu Deus... — Clara murmurou ao vê-la. — Essas bruxas forçaram você a vir pra cá!

— Eu que pedi. — Josi enxugou lágrimas de pálpebras inchadas. — É minha semana aqui, o padre acha melhor eu ficar em outro lugar... — Ela fungou, enxugando o nariz no avental. — Um lugar sem crianças...

— Sinto muito, Josi...

— Você estava certa, são as crianças que prendem as mulheres aqui.

— Se eu puder fazer alguma coisa. — Clara estendeu a mão e elas se cumprimentaram com um grande aperto solidário.

— Minha Solange está em lugar melhor. Isso aqui é o inferno.

Elas foram separadas pelo trabalho. Clara se odiou por pensar em Josi de outra forma no decorrer do dia, a culpa ainda caía sobre ela, mas a revelação da partida poderia lhe ser útil. Um modo de ir embora. Chegando ao horário de subir para o alojamento Josi desmaiou. Julgar seu estado seria de imensa insensibilidade até para as piores freiras e elas aparentavam tristeza com a situação. A paciência com as outras mulheres inexistia, porém com Josi até a madre superiora abrandava o olhar. Clara imaginou que a morte de Solange a tinha abatido, porque não fora causada por uma delas e seus motivos escusos.

A insônia impedia dormir, Clara revivia acordada em cima da cama suada os momentos que, caso fossem de outra forma, resultariam em uma realidade diferente; onde a menina estaria viva e a lavanderia destruída. Despertou no meio da madrugada com uma voz cantando baixinho. Josi embalava Donavan no berço, se desesperou com a cena e um medo crescente, ele poderia fazer algum mal à mulher.

— Ele é um bebê tão bonzinho, nunca vi uma criança assim.

— Obrigada, ponha ele no berço e vamos conversar um pouco. — Clara pediu, um sorriso nervoso no rosto demonstrava o desconforto.

Josi alisou o cabelo do bebê, os olhos de Donavan brilharam perigosamente. *“Por favor não faça mal a ela”*.

— Quando cheguei ele estava quietinho no berço. Acordado. — Josi inclinou o corpo para frente para colocar Donavan no berço. Uma das pernas dele bateu na grade fazendo-o gemer, mas não chorou. — Ah meu Deus, desculpe — disse a mulher, com voz chorosa.

— Está tudo bem — nervosa, Clara respondeu, cobriu o bebê como qualquer mãe faria. — Está tudo bem não é? — repetiu, tentando confirmar

com Donavan se estava tudo bem.

— Desculpe por acordar você.

— Josi se precisar conversar...

A Mulher deitou virada para o lado oposto cobrindo a cabeça e Clara dormiu um sono inquieto. Simplesmente tinha medo de adormecer, pois Donavan não dormia, passava as noites acordado tramando um plano terrível. Na presença de outras pessoas ele fingia, mas quando estavam apenas os dois Donavan fixava os olhos nela por horas sem piscar. Sonhou com ele saindo do berço e enforcando Josi enquanto dormia. Clara acordou com um grito, o dia amanhecia avermelhado.

— Não!

— Deus! O que é isso?

— Não, meu filho! Meu Filho!

Clara levantou de uma vez, pessoas corriam para as janelas. Na grande árvore nos jardins do convento, cordas foram penduradas e delas pendiam corpos. Doze crianças entre um e seis anos foram enforcadas. Josi era o único adulto entre elas. Algumas pessoas se perguntavam como aquilo poderia acontecer. As pernas de Clara vacilaram, a resposta muito nítida em sua cabeça pesou até o estômago trazendo um grito na garganta. Tapando a boca, correu para o banheiro. Lá chegando o medo tinha esvaído por entre os corredores repletos de freiras e internas, ele penetrara em outras pessoas, especialmente a uma mãe abraçada a um filho, no meio segundo que seus olhos encontraram-se Clara soube... Ninguém tocaria naquela criança, o medo preenchia o espaço quase inexistente entre eles. Entrou no banheiro de pequenos azulejos, lavou o rosto quente pela adrenalina. Só raiva corria em suas veias. Gritou. Berrou até a garganta doer, socou a porta de madeira esfolando os nós dos dedos. A mulher do corredor apareceu na porta, agarrada ao filho disse para Clara ficar calma, pois o bebê dela estava bem. Teve vontade de responder que era Donavan o culpado, conteve-se.

O dia passou vagaroso. Aquelas mortes também eram sua culpa, pois Donavan era seu fruto de pecado, sua maldição e uma criatura tão maligna capaz de contaminar tudo ao redor. No pouco tempo sem nenhum afazer observou o cemitério. Clara olhou as lápides de pedra enegrecida e encarou o simples fim da vida, aquele seria um destino melhor, preferível ao apodrecer enquanto via Donavan crescer e espalhar o mal. A noite caiu e os treze cadáveres no andar de baixo esperavam um novo dia e um lugar para descansar no gramado entre outros túmulos.

Capítulo 37

Aquela madrugada depois das luzes se apagarem, confeccionou uma corda com seus lençóis, passou a corda em seu pescoço...

Pai nosso que estais no céu... santificado seja o Vosso nome.

Abriu a janela. O vento fresco de chuva iminente banhou seu rosto com um tipo de esperança que todo suicida deve ter, um sentimento de que a morte é o fim do sofrimento e talvez um recomeço. Pegou Donovan no colo, ele a encarou com olhar furioso, ameaçou gritar, mas ela já esperava por isso. Clara cobriu sua boca e recebeu uma mordida potente na palma da mão e como quem chuta um rato jogou o bebê pela janela do terceiro andar, observou seu pequeno corpo cair pesado no pedrisco do pátio, o rostinho avermelhado e demoníaco ficando confortavelmente distante. Ouviu o choro do bebê ser calado pelo barulho de seu corpo ao estatelar no chão. Os olhos dele se fecharam e Clara soltou a respiração.

...E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.

Se jogou em seguida. Pulou sem medo, sentiu um estalo no pescoço e apagou. Ela estava feliz se veria livre de tudo, e mesmo que fosse para o inferno dos suicidas, seria mais agradável que aquele lugar, o suposto lar de Deus, repleto de maldade. A última visão de Clara foi o corpo de Donovan, morto.

As luzes foram acesas e pessoas gritaram, o número de desgraças foi alto demais até para os padrões de Santa Amélia. O Padre passou mal e recebia cuidados especiais e ainda se derramavam lágrimas pelas crianças brutalmente enforcadas.

A cena se repetiu, no meio da noite alguém levantou para ir ao banheiro e sentiu aquele arrepio na espinha, uma sensação de alguma coisa ruim trazida pelo vento ou a simples certeza de estar sendo observado. Assim o corpo de Clara foi encontrado pendurado por uma corda improvisada. O socorro veio e a corda foi cortada. As freiras encontraram Donovan dormindo em seu berço, tranquilo e Clara pendurada pelo pescoço a dois metros de altura do chão. Demorou mais de quinze minutos para acharem uma escada. Cortaram os lençóis e desceram seu corpo até o chão. Mas havia uma coisa errada, Clara não estava morta, seu estado não era exatamente de vida. Entretanto compreendia as vozes em torno, chocadas com mais um suicídio. Estava

prestes a se levantar quando ouviu.

— Graças ao bom Deus ela não fez nada com o bebê. O pobrezinho está dormindo no berço, não sabe que agora é órfão.

Então ficou imóvel. *Ele está vivo, o maldito está vivo.*

De alguma maneira ela estava viva e ele também. Resolveu interpretar o papel de morta, dessa forma estaria livre. Seu corpo foi arrastado, enrolado em um lençol branco. O padre disse poucas palavras diante dela ali mesmo no gramado, o homem mal ficava em pé sozinho. Uma freira o levou para dentro, dizendo que Clara seria enterrada nos fundos, mas quatro internas a pegaram e jogaram dentro da temida fossa séptica. Seu corpo afundou em meio a podridão e restos humanos, a tampa foi fechada e tudo era escuridão. Pouco se abateu, aquilo era um resumo de sua vida, sentia um cheiro infinitamente pior, vindo daquele bebê e o escuro não a assustava mais como antes.

Conhecia o inferno e seu proprietário, por ele foi levada aos lugares mais sombrios da alma e lá permaneceu. Fora íntima do demônio e em algum lugar deveria existir um altar de magia negra em seu nome, pois era a mãe do filho do diabo. E se os portadores da luz haviam sido incapazes de expurgar o mal daquele bebê ela mesma o combateria, usando as mesmas armas se preciso.

Escalou o buraco, os dedos adentrando a terra úmida e preenchida de vermes. Levou horas, mas escavou na lama uma passagem para fora. A tampa da fossa séptica feita de concreto e ferro era muito pesada para arrastar, porém na borda perto da tampa, havia terra e gramado. O corpo coberto até a cintura por esgoto e gente morta a envolvia, em um canto distinguiu o cadáver que ajudou a colocar ali. Naquela ocasião, mesmo desesperada, conseguia vislumbrar um destino diferente. Clara saiu, negra de esgoto, os dedos sangrando com unhas penduradas. Pensou em correr para longe... Ao longe a floresta dava certa esperança, seria a mata fechada com árvores negras e sons estranhos um cenário de horror para quem olhasse para ela de uma casa aconchegante, contudo para ela, a menina com as trevas dentro do corpo, aquele poderia ser um lugar de paz.

Aos pouco uma força dominou sua consciência e passou a controlar seus músculos. Uma determinação doentia cresceu em seu íntimo, movida pelo ódio e por uma fé louca de que havia sido escolhida para matar o diabo. Arrastou-se até o subsolo vazio e escuro, conhecia bem a lavanderia, deslizou pela escada de pedra e tateou o chão até os armários sujos e pegou dois galões de gasolina. Desligou os disjuntores, a falta de luz no ambiente foi

reconfortante, isso garantiria que não iria enxergar sua imagem refletida em nenhum lugar, tinha medo de ter se tornado um monstro, como aquele que perseguia.

Silenciosa percorreu os corredores, o galão mais vazio insistia em chacoalhar o líquido de cheiro forte. Tinha certeza de ser a última vez a passar pelas paredes de tijolos vermelhos e ficou feliz por isso. O cheiro da gasolina encheu os pulmões e começou a rir. A loucura tinha sabor e era bom. Clara espalhou combustível pelos corredores, móveis e cortinas. Quando passou pelo alojamento ouviu o choro de Donavan e irmã Sandra tentando acalmá-lo, ele chorava como nunca tinha feito.

— Ele sabe — murmurou com um riso no rosto, sombras ocultavam seus olhos e o ar saía pelas narinas dotado de poder. Ódio, uma novidade necessária. O corpo coberto de dejetos se movia silencioso com movimentos curtos e travados, como um fantoche.

Deteve-se ao pensamento sólido acerca da bondade da mulher, uma freira, mas o pensamento bom diluiu-se com o vislumbre de um futuro terrível para mais pessoas que pudesse contar. Donavan não era mal, soube como todas as mães sabem como são os filhos, ele era o mal.

Demorou para aceitar ser mãe dele, contudo ao digerir a maldição acessou um novo nível de comunicação com o filho. Duas freiras passaram pelo corredor apressadas, ficou parada encostada na parede, oculta apenas por uma viga um pouco saliente, com um galão em cada mão, sorrindo para elas, imaginando como seus corpos seriam queimados envoltos de todo aquele pano sagrado. As freiras passaram direto e não notaram sua presença mascarada pelo escuro. Espalhou o combustível por todo o prédio e em cada porta ultrapassada selava a passagem, fechando portas em cima de portas feito uma boneca russa.

Saiu e bloqueou as saídas.

Clara incendiou o convento e sentou no jardim para assistir. O calor aqueceu os dejetos grudados em seu corpo, criando uma casca fedorenta. Presenciou pessoas jogando crianças que gritavam pelas pequenas janelas. Mas o gritos chegaram aos seus ouvidos como despedidas tristes, porém necessárias. O sol nascera quando algum tipo de ajuda apareceu. Clara entrou nos campos e sumiu, enfim encontrando a floresta. Ela foi considerada umas das 1.792 mortes do incêndio de Santa Amélia. Uma das maiores tragédias da década de oitenta. Em meio ao caos persistiu um milagre.

Entre escombros e morte havia um sobrevivente.

Capítulo 38

— Quem é você? — Um rapaz magro perguntou, um trejeito rude tentava esconder o receio transparente na face.

— Maria Clara — respondeu, segurando um ovo bem forte entre os dedos, um deles o anelar estava quebrado apontando para cima em um ângulo anormal.

— Santo Deus! — Um senhor apareceu atrás do jovem, ele segurava uma galinha e deixou o animal cair fazendo arruaça. — Quem é essa menina?

— Maria Clara — ela respondeu novamente, pois essa era sua única certeza.

Tinham se passado vinte dias da tragédia do convento. E a pequena propriedade rural de cidadezinha distante a mais de cem quilômetros de Santa Amélia, abateu-se somente o necessário com a triste notícia. Nada mudou e Francisco continuou levantando às quatro da manhã para cuidar da granja. Era um senhor da roça e facilmente impressionável, contudo mesmo que não fosse, a visão de Clara pareceria horrenda aos olhos de qualquer um.

Francisco e o neto Carlos acolheram a menina, cuidaram de seus ferimentos e ofereceram procurar ajuda. Sem saber do que precisava, queriam ligar para a polícia e pensavam se tratar de um caso de pessoa com problemas mentais.

— Essa moça não é boa da cabeça, vô. — Carlos tentava convencê-lo a chamar a polícia. — Por causa de que alguém anda um mês? Ela só fala isso, que tá andando, tá andando pra onde? E olha a cara de doida.

— É uma boa moça, filho.

— Pode trazer problema pra nós, isso sim. Ter uma mulher toda quebrada dentro de casa, não sei não vô. E se a pessoa que fez isso com ela vié atrás?

— Lembra dos pés dela? — Francisco perguntou. O neto concordou com a cabeça. — Andaram por demais da conta aqueles pé, e há de tá muito longe de coisa ruim, viu. Vamo deixá a moça aqui até melhorar, é boa gente.

— É doida, isso sim, que fica lavando roupa todo dia, nós nem tem tanta roupa assim.

— Dexa ela, filho, não faz mal pra ninguém. Tu viu como cuidou daquele pintinho doente? Gente que ama um bicho assim não faz mal pra ninguém.

As memórias dos dias após ao incêndio foram perdidas para sempre e Clara se esqueceu de como vagou pela floresta até chegar no sítio de Francisco. Os primeiros meses com eles ficaram turvos também e o que sabia

não passava dos relatos dos homens do sítio. Mas uma coisa estava viva na lembrança, ela sabia que o nome do mal era Donavan. Não foi nada surpreendente quando ouviu no rádio que um lindo bebê de olhos caramelados havia sobrevivido ao incêndio do convento. Alguns o chamavam de: *“o milagre, o escolhido e o abençoado”*.

Donavan estava aos pés da estátua intacta de uma santa, alguém o havia enrolado em seu manto. A igreja católica reconheceu o caso como um milagre. Sendo impossível saber sua origem, Donavan recebeu outro nome. Da pequena televisão em preto e branco do sítio, acompanhou uma verdadeira corrida para se adotar a criança milagre. Vez ou outra se pegava murmurando seu nome, pois agora somente ela conhecia. Donavan foi adotado e nessa época decidiu ganhar o mundo e deixar os ricos cuidados de Francisco e Carlos, verdadeiros amigos. Tentou fazer contato com Dodô, mas não conseguiu. Mesmo estando sozinha jamais cogitou voltar para Aparecida e procurar o pai ou o tio. O passado trágico ficou enterrado na memória e, com o tempo, se dissolveu na escuridão de suas desgraças particulares, exceto Donavan, ele sempre esteve presente.

Cinco anos depois

Clara sobreviveu, pulando de cidade em cidade, sempre fugindo de uma opressão invisível. Não possuía memória da noite do incêndio e talvez tenha sido melhor assim. Quem suportaria o peso da culpa de tantas mortes? Certamente não uma pessoa como ela, dividida entre o bem e o mal, uma decisão de outros. Uma escolha feita muito antes de ela nascer. Guardou o recorte de jornal com a matéria sobre a adoção de Donavan e descobriu o sobrenome de sua família. Gastou o pouco dinheiro; salários de empregos variados, posições informais e temporárias; tudo para descobrir informações sobre ele. No fundo do coração dilacerado persistia uma fagulha de esperança, então decidiu monitorar a criança para saber se a maldade se manifestaria.

Após cinco anos de vigília, investindo seus poucos recursos para monitorar o filho, estava prestes a desistir. Nada de anormal fora encontrado e Clara conheceu uma pessoa que mudaria sua vida. Ao entrar para um grupo de mulheres que foram violentadas encontrou algum conforto. Seu caso era mais que um ato abominável de estupro, mas ninguém poderia ajudar com isso. No encontro semanal para discutir as feridas do corpo e da alma encontrou a

primeira pessoa que conseguiu entender, mesmo que parcialmente, seu sofrimento. Assim nasceu o trabalho da vida de Clara, uma casa de acolhimento para mulheres grávidas vítimas de violência. Um lugar bom, diferente do inferno vivido em Santa Amélia.

Procurou a agência de investigação para encerrar os serviços e nesse dia foi informada da morte trágica da mãe adotiva de Donavan. As circunstâncias indicavam, ele atacara de novo, o mal estava de volta. Clara não compreendeu quando o detetive esticou uma matéria de jornal para ela, ali constava a imagem de uma casa que conhecia.

— Já sabíamos que eles provinham de família rica — disse o detetive, um homem elegante de bigode bem aparado. — O endereço em bairro nobre, o casarão e até viagens para o exterior... Tudo muito caro. Mas os Azeredo são muito reservados. Paulo tem um excelente emprego na firma do pai, vem de uma família tradicional de São Paulo, sem escândalos.

— Sim, o senhor sempre me fala o quanto são reservados, mas o que essa casa em Aparecida tem a ver com eles?

— Recentemente eu descobri que a mãe adotiva é neta dos proprietários dessa mansão. Ela deixou de usar o nome da família e passou a usar o do marido. Mas ela é uma Dornelles, briga de família, eu descobri que ela foi mãe solteira na juventude, mas a criança morreu. Ela se envolveu com drogas e coisas assim...

— O senhor está me dizendo que a mãe adotiva do menino é Maria Dolores Dornelles? — Clara levantou bruscamente, sentindo o mundo girar. — Está me dizendo que demorou dois anos para descobrir isso?

— Por favor, Dona Clara, se acalme, como eu disse eles são muito reservados.

Clara sentou na cadeira macia do escritório cheio de pilhas de papéis e arquivos suspensos, nas mãos uma pasta contendo a capa da matéria de jornal.

Suicídio na Mansão Dornelles

Maria Das Dores, esposa de bancário rico e neta de família importante da cidade de Aparecida em São Paulo, é encontrada morta. A jovem mulher se enforcou enquanto o filho de cinco anos era atendido depois de um pequeno acidente doméstico. Segundo a família, Maria das Dores tinha problemas psicológicos e ainda lidava com a morte do primeiro filho devido a uma

doença trágica, seis anos antes.

O carro parado no caminho de pedras portuguesas nunca tinha encostado os pneus importados no solo de Aparecida. Mesmo sendo seus integrantes parte da família da dona da casa. Após anos de mágoas e afastamento Dodô voltara àquela casa, lugar onde jurou jamais pisar, mas acabou cedendo ao pedido do marido, um homem conciliador. Ela estava feliz em mostrar a casa em que cresceu para o filho adotivo, um menino bom e muito inteligente. Uma criança prodígio. Tudo ia correndo bem, até o encontro com a avó fora agradável, o veneno de suas palavras se dissipou com a idade e a doença em seus velhos ossos. Dodô contava as proezas do filho e os planos para o futuro. A família conversava feliz em volta da mesa da cozinha quando um som alto vindo da sala de estar interrompeu a conversa.

Dodô chamou pelo filho e encontrou o menino com as mãos cortadas, pingando sangue e aos seus pés a antiga imagem de nossa senhora quebrada. Pegou o menino no colo, gritando pelo esposo e por ajuda, ele não chorava, apenas olhava fixo para os cacos no chão.

— Ah, filho — ela lamentou. — O que você fez?

— Desculpe mamãe, mas ela estava no caminho.

— O quê? — Dodô olhou para os vários objetos no aparador e avistou a urna de salomão no canto, com a tampa entreaberta. O sangue escorria pelos braços do menino desesperando a família, mas Dodô notou algo em seus olhos.

— Quem está no seu caminho, filho? — perguntou, com medo genuíno da resposta.

— Ela. — O menino olhou para a imagem despedaçada no chão, misturada ao próprio sangue. — Mas agora acabou, nunca mais vai me atrapalhar... Ela está morta. A verdadeira está morta. Obrigada por me trazer aqui, mamãe.

Dodô subiu as escadas, deixou o filho no colo do pai e disse que pegaria um curativo. A verdade foi terrível demais...

Epílogo

Maria Clara adentrou o inferno mesmo antes de nascer, mas a promessa a protegeu, impedindo que o mal tomasse sua vida, arrastando-a para uma existência eterna de sofrimento. Manteve-se viva quando nenhuma outra mulher seria capaz, e, apesar de gerar o um fruto maligno, sua alma foi resgatada para um convívio de iluminação.

Sua vida fora marcada por lapsos de memória e por livramentos, como ela mesma os chamou. Como no incêndio do convento ela escapou com vida de outros desastres. Mais situações do que a boa e velha coincidência permitiria acreditar, passou a crer que um anjo da guarda a seguia, uma entidade que guardava seu corpo. Tornou-se ainda mais devota a Nossa Senhora Aparecida do que sua mãe e sua crença na proteção era verdadeira, porque só alguém bem cuidado pelo bem seria capaz de sobreviver a todas as provas.

Continuou seguindo os passos de Donavan e jurou que ao menor sinal de que estivesse fazendo mal a alguém ela o mataria. Mas quando o dia chegou já era uma idosa sem forças. Sessenta anos haviam se passado. Acompanhou a vida dele, e se surpreendeu quando virou um teólogo estudioso, um padre e depois um bispo. Sua carreira incomodava... Mas perdeu o rastro de sua maldade. Será que ele estava regenerado? O poder de Deus e da fé poderiam converter até mesmo a alma corrompida do filho do diabo? Clara duvidava disso. Temia até o próprio destino, passou a vida sem conseguir se confessar, sem dizer em voz alta que havia se deitado com o demônio e gerado seu filho.

O anticristo.

Andando com dificuldade pela idade, Maria Clara ligou o radinho vermelho perto do ouvido. Seguindo o noticiário atenta, porque nem em seus piores temores teria imaginado coisa tão absurda e perigosa. O conclave se reuniu em Roma para escolher o novo papa. O homem que um dia foi o seu bebê Donavan, era o mais cotado. A imprensa dizia que o milagre de Santa Amélia seria o novo pontífice. Quando Clara ouviu que fumaça branca saiu da chaminé ao lado da capela de São Pedro, desligou o rádio, deslizou a pequena faca afiada no pulso esquerdo, separando duas grossas camadas de pele e em seguida o pulso direito, sentada em sua cadeira de balanço no quarto. Antes de fechar olhos dessa vez para sempre. O rádio de Clara ligou sozinho, ele fez um pequeno clique na cabeceira e um repórter disse

solenemente.

- Em um dia histórico, o milagre de Santa Amélia é escolhido papa.

Nota do fim

Quando escrevi o ponto final desta história, Donavan e Clara estavam satisfeitos. Isso me permitiu sepultá-los aqui. Toda pessoa que ler esta história ou pronunciar seus nomes não correrá o risco de trazê-los de volta como eu fiz. Gosto de pensar que isso os deixou em paz e que fez com que encontrassem a luz, mas confesso que prefiro não arriscar. Porque toda vez que as luzes se apagam e o caminho entre o quarto e o banheiro fica longo demais, penso que tem alguém me esperando no final do corredor.

Eu sei o seu nome.

Donavan...

Fim

Obrigada por ler meu livro. Saiba que você contribuiu para a realização do meu sonho. Peço que deixe sua avaliação no site da Amazon. Além de ajudar muito você vai concorrer a sorteios de livros que faço entre as pessoas que deixam avaliações.

Redes sociais @glaukemp
Canal no youtube: Trevocast